

RIL



revista literária

16

revista literária do corpo discente da ufmg

REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinada pelo Departamento de Assuntos
Estudantis do Ministério da Educação e
Cultura.**

As ilustrações da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG número 16 foram feitas por Alan de Freitas Passos, aluno do Curso de Filosofia; Marta Vieira Silva, Humberto Grizolia de Oliveira Neto e Carlos Murilo Trindade Moreno, alunos do Curso de Comunicação Social; Hélio Rodrigues da Silva, aluno da Escola de Belas Artes, e Rúbia Roberta, professora do Curso de Comunicação Social, todos da Universidade Federal de Minas Gerais.



ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS DA UFMG

8º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

Rua Carangola, 288 — Sala 807

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

NOVEMBRO DE 1981 * ANO XVI * NÚMERO 16

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

ANA MARIA DE ALMEIDA

RONALD CLAVER CAMARGO



BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

ÍNDICE

CONCURSO DE CONTOS

É Pato ou Galo? — <i>Antenor Pimenta Madeira</i>	9
Algumas Notas Sobre o Homem que não Dormia — <i>Alan de Freitas Passos</i>	20
A História de um Lobo Manso — <i>Joviano Gonçalves dos Santos</i> ..	25
Trabalhos Escolhidos — <i>Menção Honrosa</i>	
Os Judas Deixados no Escuro — <i>Gerson Murilo Ávila da Cunha</i> ..	35
Verdes Eram as Asas — <i>Raisa Maria dos Santos Lage</i>	37
Ad Nauseam — <i>Maria do Carmo de Carvalho</i>	40

CONCURSO DE POEMAS

Maturidade — <i>Sônia Maria de Melo Queiroz</i>	47
Manhã em Diamantina — <i>Avanilton Murilo de Aguiar Cruz</i>	48
A Redentora — <i>Virgílio Antônio Cunha de Mattos</i>	51
Trabalhos Escolhidos — <i>Menção Honrosa</i>	
Procura da Poesia — <i>Roberto Barros de Carvalho</i>	55
Da Nossa Parte — <i>Sérgio Coelho de Medeiros</i>	57
Sobre a Dona — <i>Maria Auxiliadora Cunha Grossi</i>	59

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

Perfis — <i>Renato de Pinho</i>	65
Claustro — <i>Lúcia Castello Branco</i>	67
Marítima — <i>Alvaro Fraga</i>	69
Caminito — <i>Paulinho Assunção</i>	70
Classificados — <i>Marcus Vinícius de Araújo Nascimento</i>	73
O Corvo — <i>Maria Consuelo Porto Gontijo</i>	74
Como Estão as Coisas — <i>Salomão Souza</i>	75
Poema de Entrega e Compreensão — <i>Antônio Barreto</i>	76
Homem — <i>Ronald Claver</i>	78
Os Descaminhos do Coração — <i>Ronald Claver</i>	82

CONTOS

O Espelho Embaçado — <i>Melânia Silva de Aguiar</i>	87
Semente Velha — <i>Kenneth Albernaz</i>	92
Um Brilho na Noite — <i>Carlos Herculano Lopes</i>	98
Do Grande Cansaço de Ter Sempre Vivido em Estado Passional — <i>Daniilo Gomes</i>	101
Esmeralda, Esmeraldas — <i>Ana Maria de Almeida</i>	105
Uma Questão de Possesiros — <i>Sandra Lyon</i>	111
Clóvis, o Coxo — <i>Duílio Gomes</i>	113
O Jogador — <i>Plínio Carneiro</i>	116

ENSAIOS

* Missa do Galo — Reapresentação de uma Representação — <i>Suzana Cardoso Teixeira de Salles</i>	127
As Veredas do Sertão Rosiano — <i>Luiz Otávio Savassi Rocha</i>	135
João do Rio — <i>Daniilo Gomes</i>	144

RESENHA

Estatística da Revista Literária	156
Relação dos contos recebidos	157
Relação dos poemas recebidos	159
Publicações recebidas	171
Críticas à Revista Literária	173

RL

revista literária

CONCURSO
DE
CONTOS

É PATO OU GALO?

DIADORIM

Antenor Pimenta Madeira

Escola de Engenharia
Curso de Engenharia Mecânica

**«O capeta se esconde é aonde há medo.
Tudo é bobagem. Ruim é a gente mesmos».**

(Laurim Temponi, de Santa Maria do Suaçuí)

As vacas berravam e os vaqueiros ajuntavam os bezerros na casinha-de-tira-leite. Tudo cheirava, o capim, o mato, o canavial verdinho, o monjolo e sua queda d'água, os pastos aveludados, as reses saindo do curral, esparramando seus berros repetidos e prolongados pelas distâncias das pastagens.

João Cesário apeou, amarrou seu cavalo numa acha de baraúna e subiu as escadas da varanda. Tirou o chapéu e abanou um vento. O mundo dormia sossegado, mirado dali do belvedere. No fundo, além da veredinha, avistou o revão das maitacas, cobrindo o verdume da matinha. João Cesário assuntava as coisas todas. Viajara muito para poder estar com Fulogênio Carvaes. Trouxera carta de Reduardo Eulálio, seu tio e antigo amigo do velho Carvaes, onde era recomendado como estudioso das crenças populares. Sentiu um cheiro bom de café vindo da cozinha, suspirou um gole de ar e caiu numa sonolência leve.

— Eta vida de meio dia e sol de duas horas, sono que rege mundo, hem? Então ocê é o sobrinho do Reduardo Eulálio, né? Velho de ouro tá ali. Ocê sabe, casa de Fulogênio Carvaes é casa de Reduardo Eulálio, o que é meu é dele e ao seu dispor.

Nem diga, não pense nada, já mandei trazer café, é de garapa. Ocê, com certeza, vai gostar, tenho tino. Qual o seu nome? Não, nada disso! Não chamo de João Cesário, chamo de Reduardo Eulálio e fim. Pra mim ocê passa a ser o Reduardo Eulálio.

Ocê é novo... vê graça no meu jeito astuto? Leal obrigado, gosto de gente do seu calibre. Então quer saber a verdade sobre o Pato-ou-Galo? É invencioneira pura dessa gente. Que fiquem com o capeta deles pra lá. Ora, deixa dessa coisa de cansaço, amanhã ocê pensa nisso. Mando Bituca arrumar cama e ocê dorme o dia inteiro amanhã. Hoje é prosa... nós dois. Visita de paz alegre a gente.

Sim, sou solteiro, sozim... sou... quis casar não, pergunte ao seu tio, ele sabe. Mas tenho duas mulheres, uma mora na grotta, a Sá Romualda, a outra amásia vive no Mindubim. Railda é o nome dela, é bonita, dentes lindos, mocinha mesmo. Homem carece de muitas mulheres, ocê não acha? A carne é fraca, uai.

Tenho duas fazendas, esta e a Tapetinga, do outro lado do Ribeirão Sete Canelas, perto do Murubal. Isso! Lá mesmo, onde corre o Rio Água Parada. Brancura de belezas, se nadar naquelas águas. Dá muito peixe também. Se ocê quiser pescar por aqui, o Zé Rocha leva, aquele malino entende tudo de anzol. Os meus modos não são pra essas coisas, não tenho paciência com a mordeção de moriçocas. Aquele bichinho é feio de chato. Ah!... fumo espanta, mas não pito. Bazé faz mal pra mim, não faz meus ares. Ocê cigarra um pito dos bons, apapelado com papel branco. Quero não, é o meu jeitão batido mesmo, não gosto.

Her!... hum! deixo de nove horas e conto a história, escuta tudo atento, pois não sou de muitas falas. Se vê, né? Sou caipira do mato e a minha fala pode ser corrigida de erros.

No Mindubim, de acordo com a minha mão direita, atrás daquele morro desparambeirado, moravam famílias inteiras com o mal de lázaro. Essa gente faltavam pedaços no corpo — já vi um assim na fazenda do Zezim Braga. Hoje ele tá morto. Morava numa tapera escondida no meio do mato. Ninguém gostava de ver, dá um gasturamento danado — O Mindubim nasceu com eles. Aqui era cafundó nacional, tinha mata virgem e onças brabas.

Como diz minha cumadre Sá Vitinha: «Foi no tempo da zagaia de ganchos». O povo das redondezas reuniu e expulsou os moféticos para a Bahia, na fronteira mineira. É estrovenga, mas com pouco o lugar virou um comercinho até bom.

Bem, encurtando, eu digo. A minha mãe morava comigo aqui, na Saracura, mas na época esta fazenda era apenas um retirozinho e tinha o nome de Várzea Branca. Minha mãe era bem pobre, só tinha a terrinha e as poucas criações em volta da casa. A gente havia mudado pra cá tinha pouco tempo. O nome dela? Hum... Hum... Vou dar outra rapada na goela, tenho o peito carregado, careço de um chá feito de folhas de hortelã cheiroso. Sá Romualda sabe preparar um bom. Vivo assim, meio lá, meio cá, nessa tosse. O nome de minha mãe era bonito, tal qual de santa, era Ana Luca. Carvaes. Fico suarento de saudade, sinto um ão sem jeito feito um nó nas tripas, é uma espécie de frio fora do sério. Sempre adorei minha mãe e ela devia gostar muito de mim também. Apreceio muito gente pobre trabalhadora e nós sempre fomos. A gente criava galinhas e galos pelos arredores do terreiro. Naquele pedacinho de mundo que foi nosso, a casa acordava com o cacarejo dos galos e galinhas. Tinha um galo que eu gostava demais, era o Pé-de-esporas. Não sei, mas às vezes a gente gosta de bico. Dou exemplo. Tenho um curió cantador e vendo a preço nenhum, pois peguei estima e quando se pega estima até parece amor, né mesmo? O curió fica no fundo da cozinha, lá na coberta, numa gaiolinha. Estrala de tanto cantar. Ocê gosta é de passarim do reino? Então presenteio um na sua ida. É bom levar em alçapão para viajar; tenho uma porção de alçapões feitos de embaúbas. Como tava contando procê, do pé-de-esporas eu gostava demais. É tanto que no dia que vendi a galinhada, só não vendi esse galo e mais umas três galinhas. Fiz negócio com um extremante nosso, um fulano João Redondo, que me pagou a bons réis.

Mas traz e leva, o mundo roda e não sai do lugar. Ocê veja só, Reduardo Eulálio, ficamos precisando de mais dinheiro, então resolvi ir vender o pé-de-esporas no Mindubim, porque no arraial dava pra obter um dinheirinho maior. Mas foi o que ocê não sabe, vai escutando. Nem conhecia o Mindubim direito, pois quase não

safia da Várzea Branca. Nem dia de sábado fui. Pra chegar cedo lá, levantei sem o romper do dia e ganhei a estrada.

Aconselho procê, quando voltar, viajar cedo. Vê-se o de maior beleza nesses campos sertanejos: a lubrinada no verdume do colônio. A friagem sempre acompanha os viajores matutinos. Espia só, no caminho do Joá tem um rego d'água; pare lá e beba água; dói os dentes a friagem dela; mata a sede do povo caminhante; começa num tabocal e vai descendo ladeiras, apanhando frescume caminho abaixo.

Reduardo Eulálio, já falei que não conhecia o Mindubim direito, por isso mesmo, quando cheguei lá, vendi o Pé-de-esporas para um tal Imídio Santana. Só depois fui saber: ele era o pior mal pagador da região. Na minha inocência de capiau fiz o negócio. Caí na arapuca. Gente do mato tem a bobagem de acreditar em todo mundo. Comigo foi coisa do destino. O homem viu o galo e gostou, ofereceu um tanto, aceitei. Mas o danado falou: «Vou lá dentro buscar o dinheiro». E levou o galo. Me fez esperar um tempão delatado na porta e nada da bufunfa. Matutei, sentado num tamborete e Imídio não aparecia. Por fim, Reduardo Eulálio, o desgraçado chegou perto de mim e fez de conta que nem me via. Mas falei, falei sim, disse que queria o meu dinheiro. «Dinheiro, que mané dinheiro?» Feito bobo ainda insisti que era o pagamento do galo. «Galo! que mané galo? Hoje só comprei um pato na mão da Sá Colonice do Zé Miguele!» «O meu galo, moço». «Sai pra lá espinheiro que a saracura tá no brejo». Vixe Maria, não agüentei aquilo, Imídio Santana queria me humilhar. Minha vontade na hora foi brigar, queria bravança, mas o danado chamou os capangas dele para me bater. Apanhei de taca que nem cachorro, fiquei todo lapiado. Quando voltei pra Várzea Branca, vim com o rabo entre as pernas. Jurei matar aquele homem, cedo ou tarde, um dia. Olha, Reduardo Eulálio, vingança é uma coisa que dorme sensata, mas quando acorda deixa de ser semente. Chorei demais por causa daquilo e, ocê sabe, soluçado de homem é que nem um bote de jaracussu.

Oi? Hum... ali, é na frente. Isso! Depois da virada, o afamado Barreirão-do-Jegue-Morto é lá mesmo. Muito mais aroeira do que já se viu. Tudo é do velho Romualdo Machado. Ocê anda um dia

inteiro nas terras dele sem achar cerca de arame. Só tem gado arisco. Houve época do velho conhecer bezerro que nascia depois de ter virado garrote. Rico e não larga da labuta. Leva tropas nesse mundo-de-meu-Deus; às quinze bandas. Gente assim tá deixando de haver. Parece mentira, mas o Sertão parece que está encurtando. Vai, a vida é isso mesmo.

Vai indo, arrisquei a sair da Várzea Branca por uns tempos pra arranjar um plano forte e vingar do diabo do homem. Dele tive ódio. Tanto que desapareci por essas campinas afora, onde se vê muitos bois brancos espalhados nas ramagens, comendo braquiária. Caminhei demais, Ô sô! Muito embaixo, longe daqui, fiquei num lugar por uns tempos curtos, esse lugar era chamado de Ribeirão das Almas, mas hoje em dia o nome é Ribeirão de Areia. Ocê riu, né? Pois é, trocaram a alma pela areia. O seu riso é franco, Reduardo Eulálio, é o mesmo riso do seu tio. Do Ribeirão das Almas, viajei arranchado com um dono de tropas, Nhô Mané Norato. Gostei de conhecer Mané Norato. Viajamos muito. Por fim, me despedi da tropa e fui parar em Santa Maria do Suaçuí.

Não gosto muito desse delembrar demoroso, olha a saudade. Santa Maria é um lugar que gosto demais, apesar de ir por lá tão poucas vezes ultimamente. Naquele tempo trabalhei com um moço entendido das leis, Seu Ismar Kalil Sebe, homem muito inteligente. Aprendi as coisas com ele, mas esta velhice me traz esquecimento. Lá conheci seu tio, o Reduardo Eulálio, meu grande amigão do peito. Tive dois companheiros na amizade, seu tio e um outro falador de poesias e trovas bonitas, chamado Davi Gomes Temponi. Tenho saudade da voz dele que fazia as mocinhas chorarem de olhos molhados. Pois é, o tempo vai levando tudo do jeito que quer. Por esses dias, devo ir a Santa Maria, traquinar um pouco as mágoas do coração.

Se valeu? Pois sim. Com o Ismar Kalil Sebe ganhei dinheiro, comecei a conversar bem e cheio de floreio, com sotaque novo e fraseado. Também aprendi algumas letras. Me vesti melhor, desde então. Viver em cidade adiantada tem dessas coisas. Vai, um dia, percebi: tinha chegado a hora de voltar e resolver aquela chaga que me comeu por tantos anos o lado de dentro. Deixei



Santa Maria do Suaçuí com escuro, foi mês de julho, fazia muito frio, então vim para Várzea Branca. É como eu disse, aqui na época chamava Várzea Branca.

Cumé? Num ouvi direito, Reduardo Eulálio, Cumé? Ah! o mato? Mato dentro da bacia é arroz enfeitado. Esverdea bonito, né? Pois é, tô esperando chuva na semana que entra. Ela vem quando soprar um vento quente ali da serrinha. Mas a que vem vai ser passageira, é chuvinha pra matar o calor e apagar o

poeirão da estrada. Ocê que quer pescar pode tentar anzolar os mandis. Mesmo não sendo tempo de aguada grande, dá muito no córrego. O melhor é nas enchentes de dezembro, virando pro janeiro. A água fica suja de barrela e mandi gosta dela assim, depois a gente faz feiras cheias deles pra comer.

Prossigo a contar, nós desviamos o assunto e olha, não sou de falar sem estacas. Ocê é engraçado, Reduardo Eulálio, ri e abre a boca com sono, é realmente maneiroso no rir. Também rio. Ah! ... Num domingo, de tardinha, cheguei no terreiro da Várzea Branca. Mãe tinha arranjado um mocinho para ajudar na labuta da fazendinha, um tal Alegário, que desconheceu quem eu fosse, quando apeei. Dei-lhe um aperto de mão. Mãe, da cozinha, ocê note, nem não acreditava no que via. Me viu modificado, parecendo moço da cidade. Naquela hora, choramos de alegria. Vim meio trepe-trepe, às escondidas, e pessoa nenhuma da redondeza lembrava mais de Fulogênio Carvaes, depois dos anos que fiquei fora. Isso foi bom, pois ajudou a encobrir tudo o que aconteceu depois. Mas o que tem de ser já é antes de ter sido. Espia só. Naquele ínterim, Imídio Santana ficou doente, mas adoecido de quase morte. O pior é que por aqui não existia boticário, era só a Jovita benzedeira. Reduardo Eulálio, e ela falava que remédio de boticário era o que havia de curar o homem. Espia, esta redondeza foi buraco de ignorância pior do que hoje. O povo carecia de tudo quanto houvesse. Neste Sertão mineiro havia gente que nem roupa de pano usavam, vestiam cardigã de couro. No Chapadão do Gago, na Pederneira, existe um homem pelado; não veste roupa, mas é por não querer e é brabo, esse João Sõe. Bem, aproveitei a brasa na minha fornalha e veja o que imaginei: No Mindubim, passei dizendo ser um boticário viajante. Ninguém podia duvidar de mim, pois fui bem vestido, indumentado direito. Ao saber que tava num boteco, Imídio Santana mandou me chamar. Era o que eu queria. O Zé Rocha sempre fala: «É isso mesmo que o sapo qué». Com pouco fui parar no quarto escuro, onde Imídio Santana dormia seu sono perrengue. Reduardo Eulálio, o quarto fedia demais. Tinha um penico debaixo da cama recendendo um ranço de urina azeda. Vi, naquela hora, o dia da desforra chegar. Ocê riu? O tição pega

fogo é agora! Vingança passa anos amadurecendo e não apodrece. Ô mundo longarilho! Nós e o mundo! Fiquei sozim com Imídio. Assim foi que vimos um o olho do outro, só nós dois. Observei bem a cara de cavalo dele, tramelei a porta e soltei um riso doido. Não sabia porque tava rindo, mas ri demais. Imídio arregalou os olhos, fez um em-nome-do-padre com medo da risada que dei. Num estalo, pulei gatanhamente sobre o catre e fiz um tatararatatão. Apertei, com as duas mãos a goela do sem-vergonha. Aí eu falei que era o homem do galo. Gritei: «Seu miserável, ladrão desgraçado, o que vendi, lembra? Hem? Foi pato ou galo?» Peguei debaixo da cama o urinol com azedume de mijo e entornei em cima dele, fazendo uma lagariça. «É pato ou galo, filho de uma égua? Pato ou galo, miserável?» Ele ficou sem fala. Depois do fuá de briga, saltei a janela, dando gritos de «Pato ou galo?» Desapareci nas moitas de bananeira caturra.

O povo assustou. Imídio Santana, morre que não morre, falava de ter visto o boticário virar capeta e perguntar pelo Pato-ou-Galo. «Não era o boticário, vi o demo. Vi os chifres, o rabo, o espeto, o olho avermelhado, o fogo, tudo. O capeta apareceu; o danado é o sataná; perguntou pelo Pato-ou-Galo; é o Pato-ou-Galo». O trem esquentou. Chim de tudo se foi por aí. Notícia espalha nesses campos a galope e o arraial ficou ao avesso. Ninguém queria sair à noite, pois dizia-se que o Pato-ou-Galo viajava pelo arredor do Mindubim. Reduardo Eulálio, a coisa não ficou assim não, o mistagogo aumentou. Uma filha solteira de Siá Izilda aguardava cria, ia ter menino, não se sabia de quem. A mãe contou que o menino era do Pato-ou-Galo, pois sabia de cor que sua filha nunca tinha estado com um macho. Se o menino nascesse ia ser um capetinha. O medo é coisa de arrasar e desdenhar o juízo. Ocê acredita que até relembraram a expulsão dos lazarentos? Talvez fosse por isso que o capeta veio ao Mindubim, eles pensaram.

Ocê tá gostando, né? Esquece o sono, nós ainda vamos jogar truco depois da janta. Cumé? Carro-de-boi? Claro que pode! Amanhã ocê pode andar de carro-de-boi, pois meu carreiro vai levar um feijão que vendi pro cumpadre Antõe Lima. Lá ocê vai ver a Lininha, minha afilhada. Capaz de um rapaz do seu tipo gostar dela, pois é linda e prendada. Ponho fefererefefé nos dois.

Quando um homem cisma com uma coisa, é besteira, não tira da cabeça. Imídio Santana danou a pensar que o capeta veio chamar pra que ele fosse ao inferno purgar os pecados. No juízo dele, se é que ainda tinha juízo, deu de querer um padre e confessar. Queria um padre que lhe desse os santos óleos. Ah! Antes de escutar o resto da história, espia só aquela florinha, Reduardo Eulálio. É uma lindeza; é a não-te-esqueças-de-mim. Num lugar, não é muito longe não, lá no Brejo, um chiripá, onde corre uma água sertã, existem pastinhos dessa flor bela, tem de quase tudo em quanto é flor. Tem! Tem também! A camponesa-de-chapéu? Mas é claro, tem a camponesa-de-chapeu, espinho-de-meu-bem, samambaiçu, bengo, cana braba, sangra d'água e as pastoris avoando por cima daquilo. É uma imensidão esse nosso mundo.

Deixo de lado a boniteza desses campos, senão nem paro de falar. E eu que falo pouco. Bem, naquela ocasião em que aconteceu o caso do Pato-ou-Galo, havia os cacaieiros viajantes, desses que desciam das lavras do cruzeiro, voltando pra terra natal. Por um desses cacaieiros, o povo do Mindubim soube que havia um padre passando uns dias na fazenda Poço do Tigre. Foi coincidência correta, pois Imídio Santana tava precisando. Por meio de um tal Tõe Cachorro, mandaram buscar o padre. Nos entrementes, ocê note, eu já tinha ido buscar o vigário no Poço do Tigre. Fui na frente e escondido, com uma idéia desenfreada. Minha barba tava crescida e eu não parecia mais o boticário que virou capeta. Aí, resolvi fingir de padre para encontrar de novo com Imídio. O vigário, que se chamava João Teodoro, concordou em ir comigo pro Mindubim. Na Sapucaia, matinha no poente do Cruzeiro, resolvemos descansar na beira da Lagoa Treme-treme. Lá, Reduardo Eulálio, as capivaras passeiam rente ao capinzal, dá até gosto de ver. Fiquei desanuviado e enquanto padre João Teodoro assuntava as pastoris na lagoa, puxei uma parrucha da cintura, mirei entre os olhos dele e mandei que desvestisse a batina. Tirou, chorando de vergonha. Ocê riu, hem Reduardo? Malandrim! Então vesti a batina e escoramuzei o meu cavalo pelos atalhos. Vigário João Teodoro ficou na Matinha da Sapucaia chorando.

No Riachinho Boca de Girino, dei de cara com Tõe Cachorro e fomos juntos o resto do caminho. Boquinha da noite, os cavalos já tavam cansados, então passamos o Ribeirão e entramos no Mindubim. Paramos na porta do Imídio. Tõe Cachorro pediu benção, se despedindo de mim. Abençoei o pobrezim e entrei. No quarto, uma velhinha preta tirou o terço do bolso do cavour, deu de joelhos na beirada da cama e começou a rezar. Imídio gemia forte. Falei pra velhinha preta sair e nos deixar sozinhos pra confissão. Tranquei a porta e caminhei em direção à cama. Ele falava num ai-e-ui, dizendo à toda hora: «Ai, meu santo padre». Segurei a mão dele e bradei bem baixinho: «Galinha roubada não cozinha, Jerereca». Imídio tremeceu um arrepio debaixo das cobertas. O medo desta vez foi o carrasco. A friagem de ver o demônio tresmatava em sopitos a alma daquele lobo guará. Numa viradinha do atalho onde entrei, ouvi os gritos do povo: «O Pato-ou-Galo... É o Pato-ou-Galo».

Reduardo Eulálio, não vou desviar o assunto mais não, a noitinha tá chegando e daqui a pouco a janta fica pronta. Você gosta de canjiquinha cozida? Bem bom, assim nós comemos com gosto. Eta, você não tem jeito. Anda, esquece esse sono bobo.

Pois bem, no Mindubim, quando acabava de morrer, Imídio Santana, num chererém danada, só falava da figura do padre metamorfoseando no Pato-ou-Galo. O Mindubim inteiro ficou acordado aquela noite. Acenderam fogueiras pelas ruazinhas e colocaram crucifixos nas portas das casas. O tempo foi de lua nova, as estrelinhas tremeluziam e quase que podiam ser contadas, de poucas que eram. Deu meia noite. Aquela hora, entrei no povoado, assuntando de certa distância o movimento na casa do Imídio. Daí galopei. Um vento frio soprou umas rajadas e aumentou à medida que meu cavalo relinchou, rinchou, ringiu rincho, rangeu rinchadas rinchavelhadas e abriu ventas no ar. Esporei o baio e gritei alto: «É Pato-ou-Galo?» Fiz um charivari.

Os meses passaram sem o pessoal do Mindubim ter sossego. É o que digo, o povo acreditamos em tudo. Reduardo Eulálio, o arraial do Mindubim ainda é arraial ali, atrás do morro despambeirado. É um lugarzim muito atrasado, você sabe.

Popororó, tibum cererê, acabei de contar pra ocê. Gostou? Pois terminado ficou. Era uma vez uma vaca vitória, caiu no buraco e acabou-se a estória. A janta tá pronta. Além de canjiquinha ainda tem frango com quiabo. Olha a negrinha Bituca chamando. Cansaço? Já digo outra vez, deixa de lado, ocê cansa muito, tem corpo mole. Sem ases e oses, depois tem o jogo de truco. Cumpadre Zé Tininho e Zé Rocha vão jogar com a gente. Nós dois vamo jogar de parceiragem. Truco! Vale seis, rato-da-barriga-branca! Coisa bonita é viver, num é mesmo? Assoma só o ângelus da fogo-apagou! Vai ser noite de escuro hoje.

ALGUMAS NOTAS SOBRE O HOMEM QUE NÃO DORMIA

VAMPIRO

Alan de Freitas Passos

**Faculdade de Filosofia
e Ciências Humanas
CURSO DE FILOSOFIA**

Não que eu pretenda algum dia escrever-lhe a biografia. Algumas vezes não saberia distinguir o essencial de informações muito detalhadas, outras os dados seriam por demais obscuros, já que sua vida foi muito complexa e atribulada, em outros momentos demasiado calma e monótona. Não, não se trata de uma biografia. Apenas algumas notas esparsas de um tempo em que eu navegava sedento de um porto, de um além, de um Outro. Queria (fosse possível!) conhecer as rotas de expedições já percorridas, anotar os perigos, saber dos atalhos e das certezas do que para mim era apenas talvez: os possíveis tesouros encontrados. Eu já não procurava nos livros, lia-os então apenas por vício. Desejava o que estivesse sendo escrito naquele momento e lugar onde eu vivia, queria apanhar as letras no caminho entre o cérebro e a ponta do lápis. Está à procura de você mesmo, comentaria alguém. E eu ouviria com paciência, pois era necessário ouvir muito. Por isso frequentava o Lupus, um bar que é como são todos os bares, exceto por ser o lugar onde numa noite fria de junho conheci o homem que não dormia. E suas pegadas estão marcadas a ferro e fogo na memória, fáceis de seguir, toscas porém profundas. Difícil foi perfurar seu arnês, garimpar o segredo que surgiria depois de muitas conversas molhadas a bitter (nossa transfusão de sangue amargo, era o que dizia). E

muito mais ele me disse: deixara de dormir quando descobriu que ia morrer um dia. Eu sei, todos sabem que morrerão, retruquei espantado tanto com o inusitado de seu hábito quanto pela justificativa. «Sim, todos sabem. Mas eu tenho certeza». E não queria pagar em prestações. Recusava-se.

Aparecia então falando de estrelas desconhecidas pelos astrônomos e astrólogos, supernovas inexistentes nos delírios dos mais visionários escritores de ficção científica. Afirmava-se suserano de constelações, senhor absoluto de Alfa e Beta de Centauri, astros de magnífica luz, cujo verdadeiro tom só ele conhecia.

Contou-me de plenilúnios como só conhecem os insones sempiternos, e asseverou que mesmo nas águas do Arruda são belos seus reflexos; fazem lembrar certas vigílias empoeiradas do Eufrates, pinturas impressionistas do Sena e crimes passionais à beira do Tâmsa. Não acreditei. Precisou jurar, o que fez a contragosto.

Tentei convencê-lo a trabalhar. Embora eu nunca soubesse de onde lhe vinha o dinheiro, o certo é que se vestia com simplicidade mas não andava aos andrajos; às vezes fumava, outras não, e sempre havia quem lhe pagasse a bebida para esquentar este mágico caldeirão em que se cozinham as conservas. Acabei por persuadi-lo a aceitar um emprego de guarda noturno que lhe obtive, acreditando ser ocupação condizente com sua insólita vigília. E logo já me vinha a notícia: abandonara o emprego, alegou fastio, preguiça de tomar conta do que não era seu (nem de ninguém, acrescia). Amigos de amigos conseguiram-me vaga em um estabelecimento bancário na Praça Sete. Coloquei-o no serviço, e tudo foi bem até a tarde em que, depois do almoço, deixou-se ficar no cine Brasil assistindo a uma daquelas sessões de meio-dia, não sei se «Contatos Imediatos do Terceiro Grau», ou se um filme pornográfico. O fato é que não esperou o gerente do banco despedi-lo quando, às quatro da tarde, saiu do cinema e se dirigiu à sua mesa na seção de cobrança simples. Ali mesmo bateu sua carta de demissão e partiu, deixando-a na máquina de escrever. Nem se deu ao trabalho de levá-la ao gerente. Não quis saber de aviso prévio nem de Fundo de Garantia por Tempo

de Serviço. Parece que explicou seu pedido de dispensa por uma insopitável vontade de tomar cafezinho no Pérola.

Quanto às mulheres, era muito reticente. Nem sei dizer até onde ia a realidade e a fantasia, quando se tratava deste assunto. Sonhou muitas, teve algumas. Amava sempre com desespero ou apenas fingia? Nem isto posso afirmar. Mas no fundo era aquela esperança de redenção, de afinal encontrar a-da-estrela-na-testa, a-que-faz-o-sininho-bater, a outra-metade-da-laranja, a que-não-dorme. Tinha paixões só concebíveis em conchaves de nigromantes, quando campeiam livres incubos e súcubos. Em certos casos foi verdadeiramente correspondido, mas todas acabavam adormecendo: no fusquinha azul que cortava auroras e montanhas, nas sessões dos cineclubes, soltando papagaios em manhãs de feriado. Uma delas caiu no sono sentada no banco mais privado daquele mirante mais alto da avenida, logo depois de ter visto o morno sol de inverno espalhar mariposas de jovens asas brilhantes entre os eucaliptos, como faz o vento que sopra a serralha. Dormiu antes de poder ver que elas cobriam a cidade como chuva, ou neve. Em mesas de bar deixou várias dorminhocas (sorria meio triste). Quase agrediu uma que lhe aconselhou pílulas para dormir, mas controlou-se. Enfrentou ciúmes daquelas que ao acordarem exigiam saber por onde andara, com quem, fazendo o que. E tudo isto ainda com aquele rosto de travesseiro amassado! Mas ele era muito paciente.

A-que-não-dorme... Na época em que lia dicionários e outros livros de poesia, dedicou-lhe versos (andava então apaixonado pelas palavras):

«Pulcra pastora de prístinos avantesmas

Alígero ser noturnal, de natais e quaresmas»...

Eu procurava não desencorajá-lo. Era um entusiasmo passageiro e inofensivo, que afinal o alegrava: gostava de palavras, devorava romances, divertia-se em fazer metáforas.

Depois abandonava os livros e entregava-se a tarefas estranhas como cavar um poço até chegar à água, ver nele o reflexo do rosto, para em seguida fechá-lo com pedras, e na madrugada seguinte abri-lo mais uma vez, até que se cansava.

Sísifo? Narciso? O homem que não dormia já não desejava a resposta.

Voltava de repente às palavras. Distraía-se em esculpir com elas a sua amada, como se fora artista plástico, senhor de formas, pedras-sabão, espátulas, pincéis, cavaletes, azuis da Prússia. Pois que tal mulher devia existir, perdida por aí. Ou ele já a encontrara e zombava de mim? Só posso relatar: haveria de ser uma flava criatura de cabelos como trigais de Van Gogh, olhos de água de piscina, dentes como teclas de piano, hálito de especiarias das Índias. Sua voz seria de sussurrar segredos ou antecipar uma boa nova, ao chorar teria lágrimas de azougue. Não, nada disso. Clássica demais. Além de tudo deveria estar sonolenta de tédio (quiça orgulho), à força de se haver com o assédio dos homens. Quem sabe então uma pouco vistosa, discreta como um diamante de doze pontos. Esta seria assim: cabelos castanhos finos, bem lisos, escorridos, «lambidos» como gostava de dizer; um certo ar de amargura, mãos finas e um sorriso de sofimento superado. Teria um jeito assim de menina precoce, e uma profunda capacidade para compreender palavras e reparar silêncios. Usaria óculos pequenos, com delicados aros de ouro, apreciaria música clássica. Saberia receitas complicadas que combinassem com vinho branco, gostaria muito de viajar e pouco de dormir... «Não sei se devo salpicá-la de sardas», ele sorria. Ou então morena, forte, incisiva, cabelos de Medusa, olhar negro de abismo, cacimbas, chocalhos de cascavéis, espinhos de mandacaru. Exatamente assim, agreste, calcinada, lembrando caatingas. A impressão de virago, dessas mulheres intemoratas; cangaiceiras; revolucionárias, santas ou enfermeiras, hereges condenadas à fogueira... Talvez uma escritora, uma poetisa de olhos perdidos além das coisas, procurando inauditos; cozinheira de palavras, mãe de belos poemas, irmã de seculares angústias existenciais. Aquela beleza empenada e excêntrica, o modo de bruxa, coisas que só são possíveis e aceitáveis nas intelectuais.

Frequentou padres, terreiros de umbanda e partidos políticos. Conheceu hospícios e eletrochoques, cirurgões e analistas. Continuou portador de «insônia idiopática resistente ao tratamento».



Disse-me da agonia irremediável dos sobrados do bairro da Floresta, de seus sibilos noturnos em prolongados ataques de dispnéia, espezzinhados e opressos entre espevitados arranha-céus. Dos gatos que surpreendeu às quatro da manhã, quando ia beber um chocolate quente em um botequim qualquer: os movimentos milimetrando o espaço, a fêmea acuada e seu jogo eterno, ativa passividade de fingir-se sem saídas. Instantes banais, ocasionais, incidentes. Ocasionais como automóveis no centro da cidade, na metade da madrugada, riscando o silêncio da avenida como fazem as lanchas nos rios. Ou colibris que invadem dançando algum quintal da infância, provando néctares. Ou como alguém dizendo que nada é por acaso.

Fiquei sabendo (não sou mais capaz de dizer como) que afinal adormecera um dia, com as mãos cruzadas sobre o peito, sem dar aviso, assim de repente. Deixou muitos viúvos e viúvas — não sei se os chamo assim — e não mais acordou por mais que amigos e amadas, médicos e parentes o chamassem. Resolveram afinal plantá-lo no alto de um monte, onde ainda permanece, sem que ninguém saiba dizer se despertará, ou se ao menos sonha.

A HISTÓRIA DE UM LOBO MANSO

JÚPITER

Joviano Gonçalves dos Santos

Faculdade de Letras

Há algumas amizades que são como vontades repentinas de nosso paladar humanístico que, às vezes, requer ou serve-se do contato mútuo, tal como de um sorvete. Rapidamente o sorvete é lambido e saboreado, derrete-se, desfaz-se ao ritmo do que se fala, com bom gosto, deixando algumas cascas de saudade.

E finalmente, só para lamber os beijos, uma grande amizade é como a fome que sempre volta, incitada pelo cheiro do bife.

É mais ou menos esse o caso de Epaminondas, que, aliás, tinha como nome de cartório Leônidas, mas este não acompanhou sua fama até ao refeitório, que era seu maior campo de mortalha. Por razões não lembradas por mim agora, Epaminondas foi o nome que lhe dera um gaiato colega, também de colégio. Seu nome não lembro mais. Portanto, «Leônidas», apesar de ser um nome imponente e felino, ficou domesticadamente apenas no papel ou no seu cardápio de nascimento; ficou deixado à poeira como imenso cardápio em restaurante de prato feito.

De espaço em espaço de tempo, depois de grandes, a gente se via: ou eu o procurava, ou ele a mim. A gente se encontrava não tão freqüentemente como a fome que nos bate

e se abate sobre e dentro de nós. Enfim, mastigávamos palavras juntos, por acaso ou de propósito.

Epaminondas não era muito de trabalho, apesar de não ser muito bem nutrido de dinheiro. Contou-me que, uma vez, ficou sabendo de uma enorme firma na cidade que oferecia fartos banquetes de natal para os famintos empregados e que estava recrutando candidatos para várias funções. E não se deu outra coisa. Epaminondas, com água na boca, uniu sua necessidade financeira temporária a seu eterno apetite. Foi depressa colocar-se à disposição e sentar-se à mesa à espera da ceia, ou melhor, da contratação, feita numa grande mesa que lhe lembrava imediatamente o momento tão apetecido.

Trabalhou na firma insaciavelmente seis meses. Entrou em julho. Foi meio ano de apetites e sonhos mal renumerados e dificilmente saciados por uma empresa multinacional que lhe reservou apenas um inexpressivo cargo, através do qual lhe servia apenas o salário-miserico. Apesar de ser razoavelmente estudado, disse que aceitou porque estava com fome, mas sabia, o dinheiro não dava nem para sua comidinha.

No final de seis desérticos meses veio o seu grande prato, aliás, dia. E ele comeu, comeu, comeu impetuosamente e com fúria. Com avidez e silêncio ele triturava tudo. Pensava, como por vingança dos seus penosos e desnutridos dias de trabalho, «falar» aquele gigante empresarial com apenas uma arma: seu profundo apetite. Não conseguiu realizar esse rebelde intento, mas conseguiu outra coisa: faliu sua fome. Não completamente, mas o bastante para aliviar sua subversividade estomacal. Não digo que ele matou sua fome porque ela era nele algo imortal, ressuscitável.

Disse-me que esse foi um dos dias mais felizes — ou fartos — de sua vida. Então, eu quis saber se continuava na empresa e ele me contou que fora mandado embora duas semanas depois, porque a firma descobriu que, em relação às despesas de banquete dos anos anteriores, a daquele ano havia sido cinco vezes maior.

Como vários chefes da companhia estavam presentes àquela festividade em homenagem a «São Baco», ficou visivelmente

claro que ele era um sujeito desejoso como também indesejado à boa ordem dos lucros da empresa. E certamente, para conter gastos internos, resolveram vomitá-lo bem antes de haver algum problema como organismo da empresa.

Nunca aparentou nenhuma preocupação por ter perdido aquele emprego, pois dizia que, afinal de contas, «melhores bifés ainda virão».

Lembro-me de Epaminondas numa outra vez em que recebi uma carta me convidando para almoçar com ele, na casa de seus avós, que o criaram desde a sua faminta infância. Eu fui naquele domingo seguinte reencontrar o — para mim — carismático amigo, com seu longo nariz — como símbolo de sua curiosidade de provar comidas; sua boca semi-afundada, com dentes largos feito ponta de faca de mesa, a mordicar carinhosamente meu nome, ao me apresentar para os seus avozinhos simpáticos e bem alimentados de dinheiro. Ao acaso, reparei rapidamente em seu porte de atleta do garfo, sadio, delgado.

Tive uma profunda surpresa: Epaminondas comeu pouco. Tanto quanto ou menos do que eu. Insisti com ele para comer mais e, para me satisfazer, tirou apenas um bocadinho. Fiquei preocupado, pensando que eu era comilão.

Tentei descobrir se ele estava doente, pois o achei muito bem comportado, em regime, anorético. Depois ele me segredou, com malícia, que não tinha a menor intenção de triturar o patrimônio de seus avós. Desconfiei que ele estava se guardando para ocasião mais voraz.

Fiquei por algum tempo iludido de que Minondas tinha perdido seu talento bucal. Conversamos bastante, ainda à mesa. Falamos de muita coisa. Falei até de festa junina, quando o convidei para ir comigo a uma tradicional, na fazenda de um amigo meu, naquele ano. Ele logo se interessou pela idéia e disse com toda sua força oral e gutural: «Quê vai ter de comer lá?»

Enquanto lhe falava da farta canjica que sempre havia lá, notei que ele devorava minhas palavras e, inconscientemente, começou a tirar comida outra vez. Pouco falava, enquanto eu

lhe explicava o dia, como lá chegar, as danças, bebidas, etc. Ele só ouvia e engolia tudo; comia, comia, sorria e sonhava boquiaberto. Por motivo de força estomacal maior, ele esqueceu-se do patrimônio dos avós e voltou, com voracidade, a comer até entardecer. Era vergonhoso vê-lo comer tanto. Mas eu nunca me opunha a ele. Respeitava e aceitava seu jeito de degustar a vida. Afinal para ele, viver era uma prazer oral. E se eu ou alguém o contradissesse, ele vomitava: «Como; logo existo».

Epaminondas e eu fomos à festa. Ao chegar bem perto, na descida da chácara, ainda a uns mil metros da casa que ficava atrás de imensas árvores, era já noite. Ele não notou logo as lâmpadas e as bandeirinhas pontilhadas lá na frente, pois estava com os olhos embaralhados de fome. Voltou-se rapidamente para mim e gargarejou: «Quedê a festa?». Mostrei-lhe e caminhamos em silêncio, às pressas. Ele quase não ligava para mim quando eu conversava. Insistia em manter-se calado. Seu objetivo era alcançar aquele buraco onde se escondia a festa. Queria, depressa, pôr lá seus pés, boca e estômago. Quando perguntava algo, era sobre coisas da festa, da qualidade, quantidade e só.

Chegamos. Cumprimentamos os donos da casa, alguns amigos e conhecidos. Ficamos a conversar numa roda de «canjicófagos» por muito tempo. A festa acontecia a todo vapor, cheiros, sons, vozes, fogos, danças, gritos, bebidas e vasilhas da apetitosa canjica giravam na casa e no quintal.

Já estávamos sendo servidos, quando eu reencontrei duas cheirosas e apetitosas amigas que nos deram cobiçadas boas-vindas com os olhos. Eu piscava para Epaminondas, tentando insinuar coisas românticas (sobre as moças, é claro!) e ele nada! Mal respondeu à apresentação a uma delas. Gargarejou seu «muito prazer» sem nem piscar ou largar o prato. Recostado a uma escada e desinteressado delas ele ficou, até que se fosessem. Eu querendo coisas eróticas e ele pensando coisas glutônicas. Procurei forçá-lo a falar das moças, o que ele achava, e ele com muito custo arrotou sua idéia: «Mulher atrapalha o apetite».

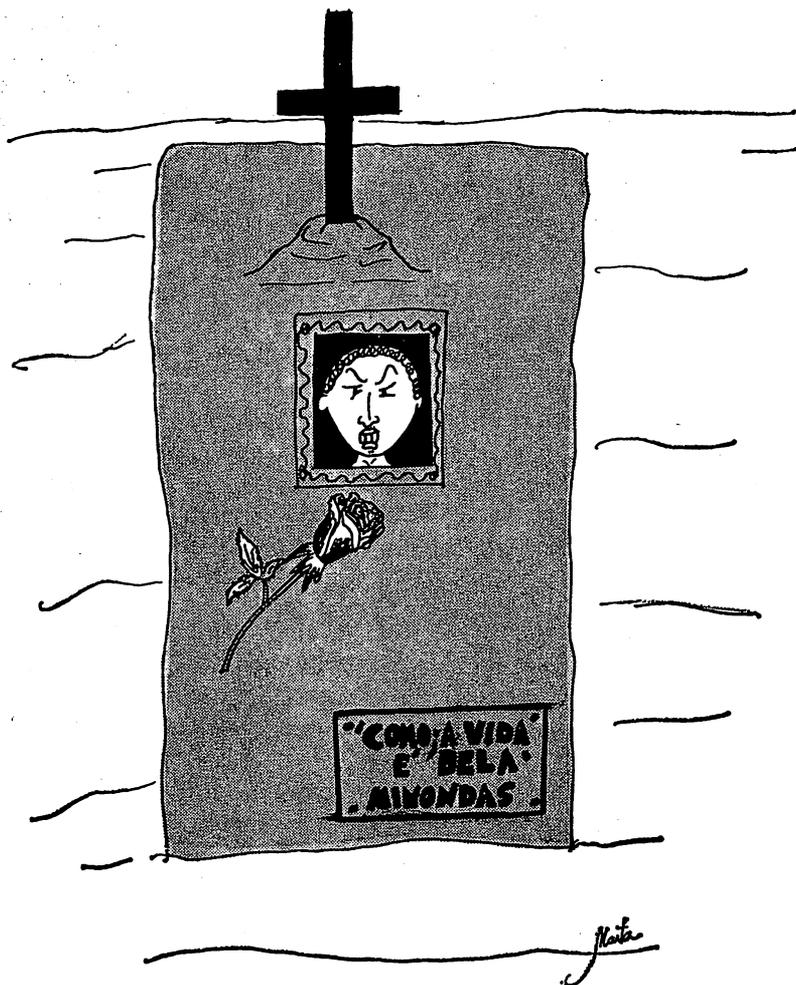
Minondas separou-se de mim no meio daquele movimento todo. Perdeu-se na festa, ou melhor, achou-se à vontade e às fartas. Falou-me que estava «gostoso». Sua canjica era primeira necessidade, em relação a amigos e outras diversões senão comer.

Era já alta a noite quando dei falta dele. Saí em busca: dançando eu sabia que ele não estava. Pude encontrá-lo na chácara, sozinho, bem longe da casa, de pé, curvado para frente. Duvidei, mas cheguei a pensar que ele estivesse sentindo-se muito mal. Despreocupei-me ao lembrar que ele não era dessas fraquezas estomacais. O que Epaminondas estava sentindo era mesmo o retorno de sua mais prendosa, talentosa e infinita fome, acompanhada da glotonice de comer ou tomar toda a canjica saborosa quanto pudesse. E para isto, ele precisou enfiar a mão na garganta e desobstruir seu estômago para o doce ato do bem-comer. E logo, logo voltou para a festa, ávido, sadio e esbelto, como um atleta que retorna ao estádio, depois de um pequeno intervalo. Mastigou até ao amanhecer.

Depois desse dia, demorei a ter notícias de Epaminondas. Passamos alguns anos sem nos ver. A gente se desencontrou por completo. Confesso que sentia saudade de vê-lo amortilhar a sua comidinha, pacato, calado, amigo, infantil e comensal. Quanto a seu hábito, ou vício, eu não o aprovava, mas não o esgoelava, também; tolerava-o, com toda a minha inapetência. A gente não mastigava as mesmíssimas idéias. Éramos um o avesso do outro, mas nos dávamos muito bem, talvez por isso mesmo.

Até hoje, ainda não conheci uma pessoa que comesse e degustasse a vida de um modo tão singular e que conservasse suas convicções internas de um modo tão simples, objetivo, incansável, infinito. Remoía as coisas como se tudo na vida fosse saboroso. No fundo profundo, apetecia-me ser igual a ele.

Epaminondas era um sábio desportista, anti-competitivo, sóbrio, esperto e experto em matéria de garfo — e colher para tomar canjica! Nunca compreendi bem o mistério do seu ávido paladar. Talvez um analista moderno dissesse, para explicar



esse fenômeno de fagofilia, que Epaminondas comia um pouquinho a mais do que o normal, para suprir certa carência afetiva que lhe corroía, por ter sido criado sem os pais. Portanto essa gástrica manifestação era passiva e sua aparente gulodice seria um mero efeito psico-estomacal, que não causa obesidade.

Nem eu que era seu maior amigo, ingeria bem essa vida-de-Epaminondas. Só posso dizer é que fui estupidamente garfado por uma tristeza glutona que se chegou com um telegrama falando da sua morte, do enterro no dia seguinte. Soube, através das más línguas dos raquíticos da oposição, que ele havia se intoxicado com remédios de baixar apetite. Senti um forte calafrio no estômago, azia. . . , devo ter chorado. Meus olhos devem ter vomitado algumas lágrimas.

Sentia-me enfasiado. Cheguei ao cemitério em cima da hora. Lá, poucas pessoas conhecidas dele: seus avós, tios, primos, etc. Contava poucos amigos. Não era muito de cavar amizades. Restava-lhe apenas um buraco que a insaciável morte ou vida lhe cavara. A vida com seus talheres assassinos deglutiou e reduziu um grande artista às dimensões de um tosco buraco.

Acompanhei seus pais de criação até sua casa. Eles ainda choravam e preparavam o último prato de elogios para aquele menino. Chamavam-no de Minondas também. Fiz companhia por muitas horas, sempre pensando em fazer minha derradeira homenagem àquele artista. E foi folheando seu velho e empoeirado caderno de «Pensamentos» que descobri, em forma de frase, uma migalha de beleza e sublimidade de sua aspiração, que valeria sua lápide: «Como; a vida é bela».

CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

OS JUDAS DEIXADOS NO ESCURO

VENDO CórNEA

Gerson Murilo Ávila da Cunha

Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas

CURSO DE FILOSOFIA

Os corpos apareciam pendurados nos postes. Com a manhã. Iam sendo percebidos aos poucos pelos rostos perplexos da cidade. De longe lembrava bonecos de pano, sem vida alguma. Feito se fossem pra malhação fora de época, os judas deixados no escuro. O pescoço quebrado, aqueles corpos assustavam. Pesavam o ar de medo. Alguns balançando um mínimo, girando sob o eixo da corda. Olhos arregalados.

Havia começado nas periferias da cidade. Pracinhas e esquinas. Ninguém tocava. Ficavam embaixo, os trabalhadores de saída, espiando. Murmurando opiniões. Meninos corriam por todo o bairro chamando colegas, espalhando recados de aviso. Zazoeira. A polícia anotava respostas em caderninhos. Rádios fanhavam. Fotos. Um movimento ia fluindo por toda manhã, e quando os corpos eram retirados o sol já estava querendo dar meio-dia.

Os enforcados se repetiam. E não pararam mais. Ao contrário, foram aparecendo também na avenida principal da cidade. Ao longo das calçadas. Ajuntando pessoas que não se demoravam, mas que sugeriam estarem sempre ali paradas. O amontoado não se esvaía, rodeando os corpos suspensos. Pés balançando. Veículos com marcha reduzida. Dos edifícios observava-se.

Depois, por muito tempo, ainda de manhãzinha podia-se ver os enforcados. Como frutos nos postes de iluminação. Ainda sob as luzes elétricas e os primeiros fogos do sol, os caminhões especiais se arrastavam. Recolhendo os corpos. Iam limpando o lugar.

VERDES ERAM AS ASAS

ARCO-IRIS

Raisa Maria dos Santos Lage

FACULDADE DE LETRAS

Inadmissível deixá-las incompletas: caso o fizesse, ele não entraria no céu ainda aquela noite, e já estava tão tarde... (dezoito de abril, aniversário da Glória. Glória era a empregada, um mal necessário. Precisava gabar-lhe sempre os predicados, senão ficaria sem ela. Marcara na folhinha perto do telefone — véspera de dezenove, São Expedito).

Parou, apoiou o queixo na mão e ficou-se a observar o anjo com as asas verdes apenas esboçadas. Sentia-se mais cansada que de costume, de um cansaço imenso. Mas o coitadinho nada tinha com isso, e as portas ser-lhe-iam vedadas... Acreditava piamente em tal.

Já não manejava o pincel como num prolongamento de sua mão. O enorme vazio da tela parecia-lhe infinito. E sempre gostara que fosse grande; espaços inexplorados a serem percorridos... Enveredara por outras artes, porém apenas a pintura a gratificava: desde cedo fizera-se em flores e amores por ela. Quando solucionava os problemas do ritmo, da composição, do volume, poder-se-ia dizer como um vulcão em plena atividade — a larva escorreria e se depositaria no registro de seu gesto.

O porquê daquela preferência pelo verde? Irrelevante investigar motivos; mas o amor, esse era antigo, assumido e forte — desejaria tornar-se liliputiana (lembra-se de Gulliver?), penetrar

nos meandros da cor e sair por aí pintando de verde o que bem lhe aprouvesse. Sabia-o amigo na batalha pela conquista da perfeição cromática (mais histórias teria para contar de lutas que de vitórias propriamente ditas: questionável o conceito de vitória, afinal de contas).

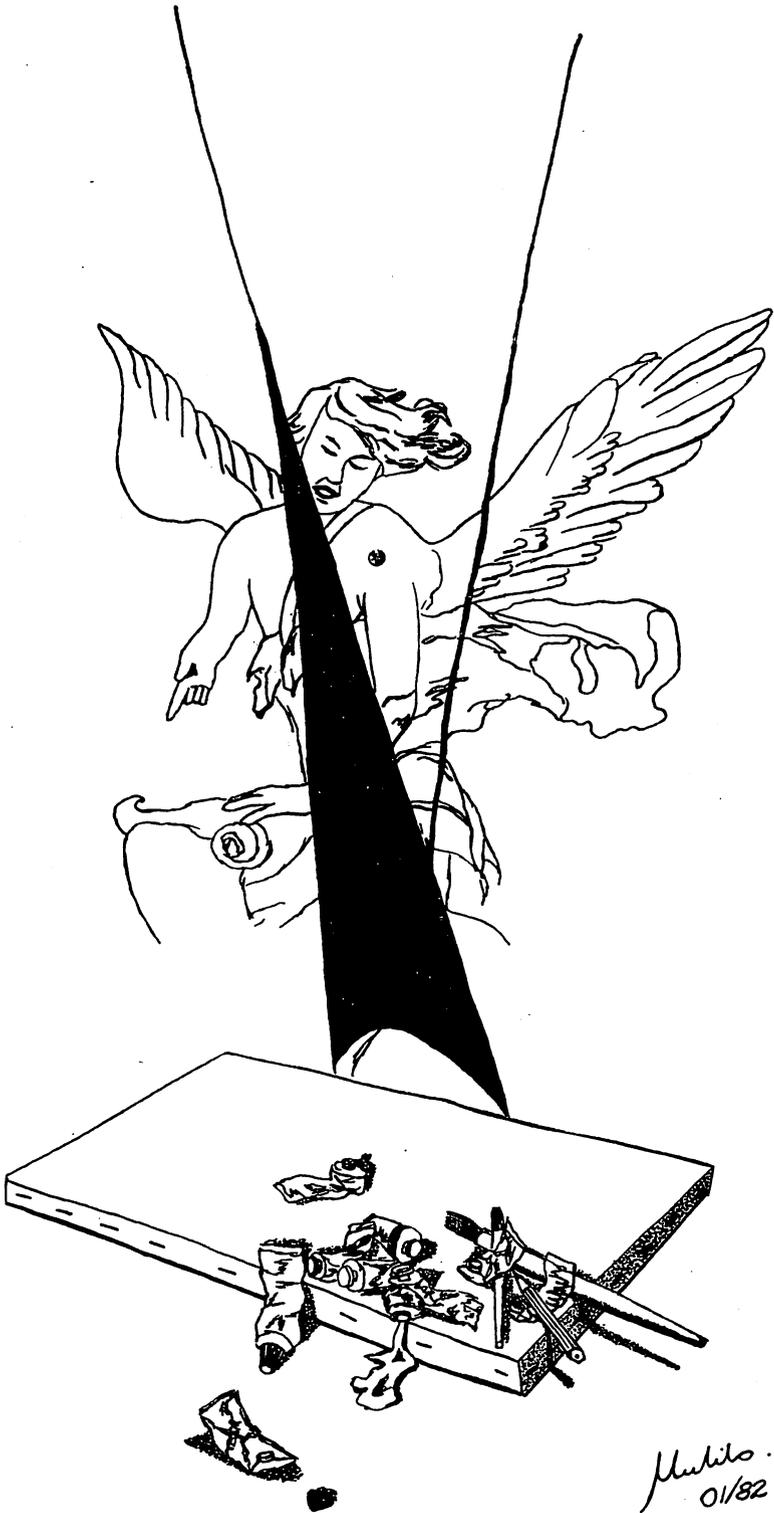
Lembrava-lhe ele as serras de Curvelo, que moravam em seu coração. Quando pintadas ao som da música clássica, sóbrias e elegantes. Inflamavam-se ardentes em irregularidades, sendo a musica espanhola. Diferenças imperceptíveis para os pobres mortais não cultores da arte, em qualquer dimensão. Menosprezava-os em sua insensibilidade. Mas as serras de Curvelo... Ai, o verde, as serras, a fazenda, a infância e a juventude, o conflito, a espera, a dor...

Divagando, retrocedeu a um tempo em que fora mais feliz. Resquícios desse tempo existiam em seus temas, ser-lhe-ia inútil negá-lo. Por que eram eles quase que repetitivos, sempre? Os anjos, uma constante: representariam a almejada fuga do autoritarismo paterno, que ficara apenas em planos. Idéias e princípios eram-lhe impostos — jamais reagira a tal imposição. Deu para ilhar-se em sua pintura, construindo para si um mundo à parte; como lhe agradava o silêncio de seu mundo... Aquela época e aquele lugar reproduziam-lhe sofridos, e tanto! Nunca se identificara a tal ponto com a solidão. Por que, então, lhe eram queridos? Percebia, e bem, a contraditoriedade do sentimento. Sentia, apenas.

Marido e filhos seriam meros elementos decorativos em sua vida; por isso não os quisera. Quando os vínculos foram rompidos (ou se não rompidos, enfraquecidos), distanciou-se e viveu em função de sua arte.

Num ligeiro sobressalto, o caos de seu atelier. Um ríctus amargo nos lábios. Uma crispação dos dedos na espátula (a de cabo verde? Coincidência...). Vários golpes na superfície da tela — ruídos estranhos, na madrugada. Um prazer inaudito na violentação de sua obra.

Pouco se lhe dava que o anjo não entrasse mais no céu. Necessário agora fazer desaparecer a tela: Glória não sabia guardar segredos.



AD NAUSEAM

MAGA

Maria do Carmo de Carvalho

FACULDADE DE MEDICINA

«O tempo ficará repleto e não ouvirás o clamor,
os irreparáveis uivos
do lobo, na solidão».

Carlos Drumond de Andrade

Caminho pela avenida, a avenida que tem o nome do governador, ou seria do prefeito? Eu deveria saber, afinal. Afinal os semáforos agora estão verdes, e na placa está escrito bem claro. Claro que não posso atravessar agora. Eu podia medir os passos porque eu percebo que ela é bem larga, quantos seriam? As pessoas do outro lado passam tão rápidas que eu nem percebo as suas feições, pode ser também por causa da distância (bem que podia medir os passos) ou porque são tantas e os automóveis. Ora, porque me incomodo com isso, que eu caminho na avenida e que será prefeito ou governador e as pessoas do outro lado. Posso pensar que caminho e isso basta. Nem isso. Que caminho e não penso que caminho. Se eu não quiser é suficiente levantar os olhos do chão. Sei que agora posso atravessar a rua, mas pra ser sincero mesmo, não sou eu que sei, o sinal fechou pros carros eu apenas vejo e penso que sei. Atravesso, eu podia estar lendo os anúncios sobre liquidações ou olhando os carros como faço todo dia, repetindo de memória as placas que leio de relance com grande dificuldade. Mas hoje aconteceu qualquer coisa, meus pensamentos claudi-

cam. Agora que atravesssei, há uma aflição profunda, essa aflição de estar do outro lado, o sinal de novo verde, eu sem saber por que é que não entro na fila para o ônibus, não separo as moedas para facilitar o trocador e olho o relógio e enfio as mãos no bolso e assovio a música que tocou no rádio toda a semana. Em vez disso não.

Vejo. O sol que se afoga com uma relutância comovedora agarrando-se às nuvens e não consegue mais que tingi-las, não. Isso por certo não é bastante. O ciclo implacável, é tudo inútil, essa noite que me acolhe, a madrugada que me espreita. O sol nos dias futuros, esses dias que eu já os sinto fruto podre prestes a despencar, vermes silenciosos inchados de passado. Secular, vejo. Um aturdimento cíclico de corpo todo, presumível.

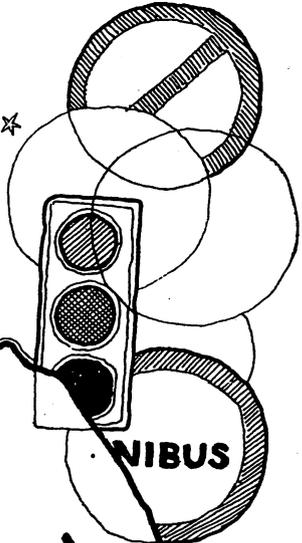
Está revelado, súbito, inesperado, inquietante como toda revelação. Surpreendentemente suave. Prefiro não dizê-lo, pensá-lo em vislumbres, intuí-lo e só, mantê-lo a salvo de palavras. Indizível.

Apalpo-me e estou aqui sob luzes, intacto e sólido. Pessoas do outro lado da avenida, os carros, o sinal está de novo aberto. Embora não os veja mais, que eu transformei-me como em sacrifício ao por do sol e esse sangue escoou, abundante e fluido sem cicatrizes. Sinto agora essa agradável ausência e eu acentuado. Agudamente eu.

É assim como ser homossexual. Assim. Em termos. Como ser anão. Está feito. Isso agora de comparações, que não me serve de nada. Justificar-me talvez. Esses pequenos cacoetes, eu não poderei desvencilhar-me deles num passe de mágica. Minha revolução, agora que a observo com imparcialidade, está dolorosamente incompleta. Revoluções jamais são completas. Iludo-me da mesma forma que os outros, espero, espero como os demais. Sou como eles.

A noite espessa como amanhã, ou suave como depois, densa, noite, como hoje, infunde-me paciência. Terei noites ociosas iguais e me tornarei diferente. Antes disso, agora que falhei. Em que? Eis tudo, posso sequer ver isso, estender isso? Não me foi possível ser igual, estive ali no limiar, forcei a identidade, torci, pau que nasce torto...

... Prefeitura, fará
Avenida Getúlio Vargas,
Avenida Getúlio Vargas e da Praça João Pedro
... colocarão as barracas que
... possibilitar livre acesso do público pelas calçadas o
... ocorrentes. Asssegurou que será construído um pequen
... nce de arquitetura, no local onde funciona o estacion
... mento rotativo municipal, para possibilitar a parte do público
... comissão julgadora uma melhor visão nos desfiles
... e escolas de samba. Outra medida importante
... poderá contribuir para melhorar a qualidade
... construção de baterias de sanitários públic
... secretário de Turismo que isso nunca foi
... disponível até o ano ... de uma
... "Agora a prefeitura ...



**UTILIZE O
CREDICERTO
E PAGUE EM ATÉ 15 MES**

**Promoção
CADEIR**

F-0735

Ricardo B. ... 92

Impus-me a rotina, a rotina dos outros. Ausência de idéias, de pensamentos. Fôra uma escolha equívoca. Pergunto-me agora se não terá sido covardia. Como aceitar uma luta perdida de antemão, por não ser suficientemente corajoso para recusá-la. Teria podido sustentar os olhares, a indignação dos espectadores, a reprovação velada, tudo, as luzes? Finalmente, a derrota era um troféu. Era bem isso.

Sento-me aqui, à beira da calçada, de terno. Não há água escorrendo na sarjeta, imundícies. É tudo de uma limpeza magoada, meus sapatos refletem a lua. Flexiono as pernas, toco os joelhos, enlaço-os com meus braços; minhas pernas, meus joelhos. Afundo a cabeça, deixo-a pender profundamente. Meus pensamentos mergulham inutilmente, vêm à superfície, latejam-me na testa, suspiro.

— Espere até amanhecer. Isso passa. Acalme-se agora — uma mão estende-se e enxuga-me o suor que poreja abundante. Viro-me: não há ninguém. A lua espia por trás da árvore, cuja sombra se projeta quase até tocar-me o ombro. Estremeço e repito num sussuro pausado: espere até amanhecer. Pareço ouvir gritos, bombas? Crianças no Cambodja nesse instante. Cambodja agora. Seguro os pensamentos entre as mãos, afasto minha generosidade com um gesto. Isso passa, a generosidade.

Começam a me doer as costas, o pescoço. Aprumo. A sombra da árvore alcança-me os ombros, num sobressalto. O silêncio estica e trinca um pouco, esse silêncio que oculta gritos e bombas. Rechaço a generosidade. Devo no máximo ter pena, se possível não saber. Pressinto a manhã, acalme-me agora. A noite abre um buraco. Não preciso torcer-me para sentir-me. Estou aqui, sóbrio. O sábado é uma promessa que já perfuma o ar. O vento desse dia já me bafeja a alma, nossa alma.

Por fim, a avenida. Governador. Caminho. Atravesso. Li-
quidações. Placas de carros. Moedas, o ônibus. 'Rebento.

RL

revista literária

**CONCURSO
DE
POEMAS**

MATURIDADE

CORINA

Sônia Maria de Melo Queiroz

Faculdade de Letras

a isto chamaremos
amor:
este estado de alma
entre a tolerância
e o tédio

a absoluta complacência
com a carne
e não só a carne:
aprenderemos a conviver
com todos os desejos.

e abandonaremos
sem pena
todos os sonhos loucos
os arrebatamentos
da paixão

que amor não é
chama
é acha
com que queimamos o tempo
calmamente.

MANHÃ EM DIAMANTINA

FLOR DO NORTE

Avanilton Murilo de Aguiar Cruz

Faculdade de Letras

**A manhã em Diamantina
desabrocha em pedras,
barroca.**

**A Praça da Matriz,
a Catedral:**

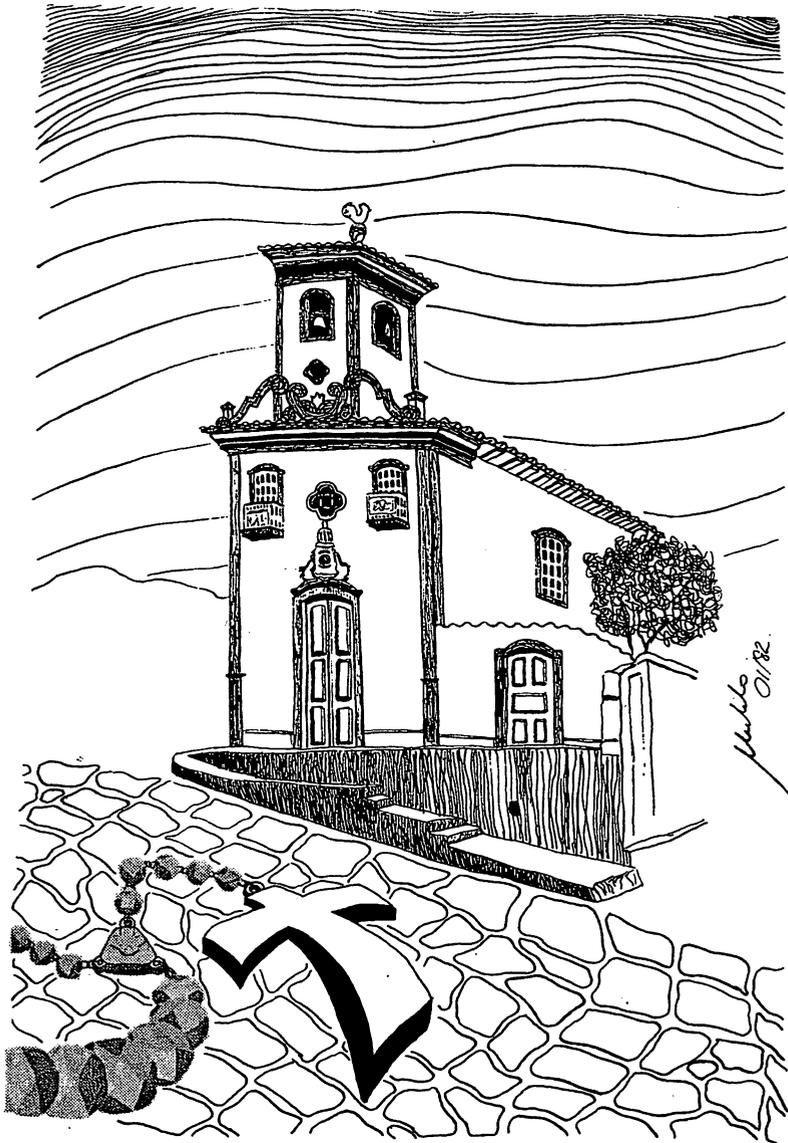
o sagrado;

**o Beco do Mota,
a Zona Boêmia:**

o profano:

**Eis o sacro, eis o cancro
que a cidade arquitetada
em pedras irregulares
imprimiu no membro hirtó
do bicho do vale.**

**Quanto custa uma manhã?!
ninguém sabe com quantos paus
se fazia uma noite no Beco do Mota,
com quantas Ave-Marias
se leva uma alma ao céu.**



Ninguém nunca procurou saber
de como se arranca do coração da terra
um diamante barroco,
como se arrancando da alma do homem
uma esperança...

Sabes quem levou os diamantes?
não! não sabes!
vai! pergunta ao garimpeiro!

Diamantina!
tece tuas manhãs
em pedra e barro e barroco;
não te quero mais linda que as outras
apenas te quero bela

como as outras.

Sou um filho desgarrado
porque não te vejo tão pródiga,
porque não te quero apenas.
Sabes que sou de uma manhã distante
perdida no teu interior
sou mal nascido

em Inhaí

há algumas montanhas além de ti

UM DIA PERDI MINHA TERRA PARA GANHAR

O MUNDO.

A REDENTORA

KLEIBINATO MAIANETO

Virgílio Antônio Cunha de Mattos

Faculdade de Direito

A gente tinha mesmo sorte naqueles tempos
em que o feijão-preto era barato y existia
Não éramos tão preocupados nem tão tristes .

Meu pai dizia que Jango queria fechar o congresso
Eu pensava num homem viajado
que conhecia a Europa y a China Popular
y nunca havia fechado nada que se soubesse.
Já Castelo Branco, Costa e Silva, Médici, Geisel,
que não eram sargentos nem marinheiros,
não ouviam comícios na Central do Brasil, nem nada
Na época eles ensaiavam
táticas contra a corrupção
encenavam
estratégias contra o comunismo
a CIA distribuía diplomas
y a gente estudava num colégio cristão.
Torquato Neto nem queimava fumo ainda.

Nós, as crianças,
bebíamos despreocupados refrigerantes
na Quinta da Boa Vista
íamos ao museu, às vezes,
mas não víamos nenhum terrorista empalhado

CONCURSO
DE
POEMAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

PROCURA DA POESIA

KALÍOPE

Roberto Barros de Carvalho

Faculdade de Letras

não é pura a poesia
nem pára o poeta
de ruminá-la.

o poeta não é uno
o poeta é soma
de todos

os únicos. Os
que, versejando,
estrofam.

às vezes o poeta é dúbio
às vezes
cópia.

no reino das palavras
tudo é permitido e tu, poeta,
licenciado estás.

**tudo é novo e não.
tudo é roubar com beijos,
embalsamar.**

**tudo é confessar o furto
dos signos e esperar
dos juízes o sinal.**

**venha a parte que nos cabe
do paraíso
venha cheio de tudo que lá tem
e venha com a vida**

**venha a parte que nos pertence
não mais que isso
não menos
mas venha**

www.1000canções.com.br

SOBRE A DONA

SISI DO KINKA

Maria Auxiliadora Cunha Grossi

Faculdade de Letras

Éramos muitos ali parados
rosários desmanchados
perdidos
espalhados também
por entre a banda

Tinha uma dona lá no meio
de olhos azuis navegáveis
que se fixavam
em algum pontinho
da eternidade
ondas de leve brilho
clara solidão

Névoa de um coração
em meio inverno.

RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

PERFIS

Renato de Pinho

Perfil amargo nº 3

O jovem processualista,
(precocemente encanecido,
extemporaneamente falecido)
 filho de pessedista
 e fascista,
cria-se democrata,
(e o dizia a todos
 — todo prosa)
por se haver casado com a mulata,
 burríssima, paupérrima e sestrosa,
 natural de Espinosa,
 filha do
 promotor de Salinas.

Perfil amargo nº 4

Recebida a herança do avô,
 a neta do barão
(irmã da amiga da irmã
da filha do chofer de caminhão)
 não perdeu a mania
de furtar as louças e os talheres
 nas refeições que fazia
quando viajava de avião.

Perfil amargo nº 5

No dia de Reis
— janeiro, seis,
de mil e novecentos
e setenta e três —
a comunicóloga audaz
(atriz taful,
 aguda voz,
 olhar de mormaço)
doou seu heptalustral cabaço
ao jovem calvo de olhar azul
— psicólogo ladino —
de nome grego e de perfil latino.

Perfil amargo nº 6

Incapaz de ocultar sua burrice,
expulso das firmas em que ordenava,
o frascário professor de matemática
— prestes a entrar na compulsória —
ocultava a idade (o que mais amava)
na expectativa ilusória e fugaz, de
— tendo-se casado virgem —
poder conspurcar a virgindade
das jovens assistentes com quem trabalhava.

Perfil amargo nº 7

A mulher desarvorada
— sem horizonte, sem destino, sem nada —
sabe ser a poesia
(ontem, hoje, amanhã)

de norte a sul,
de leste a oeste,
uma flor de desencanto
em campo agreste.

CLAUSTRO

Lúcia Castello Branco

O meu seio foi rompido
no clamor da disparada.
O que sobrou foi um gesto
de abotoar o vestido
da velha roupa rasgada.

Minhas mãos,
triste sina de quem tateia no escuro,
procuram no toque indócil
o que há além do fácil
e do difícil,
além do muro que extrapola esta coragem.

Meu medo se guarda do medo
de tanta fantasia pouca,
tanta miragem
de quem, neste estranho trajeto,
ultrapassou já bem cedo
o limiar.

Diante do espelho,
no centro do aço que me projeta,
desenho um coração atravessado
e uma seta:
pra quem for ligeiro.

Me visto de noiva e,
com água de cheiro,
perfumo este seio já murcho da idade.

Atravesso porteiras,
devasso quintais e me lanço
trivial e lisonjeira
sob as luzes da cidade.

MARÍTIMA

Alvaro Fraga

Tu, nave de amor, ancora
ao largo neste mar da noite que
se insinua.
Deita amarras ao lado meu
e assim te deixe, sem pressa de ir
ou vir.

Não há em mim o desejo
de piratear teus lábios.
Ou mesmo de, bucaneiro, roubar
em tuas grutas e vales
os segredos de teu amor.

Não sou cigano a te oferecer prendas
e sonhos.
Nem me faço peregrino, buscando em
tuas carnes
a nova terra onde viver.

Hoje, me basta ser porto.
E em muda espera me quedo.
Hoje, me basta ter-te ao lado à hora
em que o sol do novo dia surgir.

CAMINITO

Paulinho Assunção

Ali onde a raiz
de polvo e mãos
amargou o escuro atrás de um sol reverso
meu pai bebeu o fel
e desovou à mímica
seus sonhos de homem

Talvez fosse inverno
e os tocos dos charutos
amontoados fuzis
trançavam a fumaça em agonia
arma aguda em espirais

Talvez fosse inverno
o braço da vitrola buscando a boca de Gardel
fincava o lombo da nostalgia
saindo do gargalo
de um litro de White Horse

Enquanto Maria depenava o frango
e Jesus
cansado e vesgo
suava o sangue miserável
o rádio gritava o tiro de Getúlio
e no fundo
uma valsa de Strauss

Naquele dia
quando urinei o primeiro susto
guardei calado o primeiro coque na cabeça
porque quis

na janta
sopa de Partido Trabalhista Brasileiro

Talvez fosse inverno
infusão de eucaliptos
e vinte mil gatos
miando

dentro do meu peito
não que a asma
fosse o motivo de minha cisma
mas que de noite
a infâmia

viria
com duendes e fantasmas
afora a ladainha

E a noite o mundo o escuro
os mantos e
(infalíveis)

cortinas de medo em cima
tudo em faca e o alvitre
no fio das ladainhas

O terço a conta a língua
no latifúndio das rezas
o salve o limbo
o acinte
nos atos da liturgia

Meu pai soltava à míngua
os cães de morte e chacina

Talvez fosse inverno
o degelo da vida
no espelho
da aleivosia

Doía o gargalo e o fumo
nas pautas da Ave Maria

Naquele dia
na geleira do mundo
que me envolvia
tiritando o medo
no oco
prenhe de morte sem elegia
comecei o caminho pra vida

CLASSIFICADOS

Marcus Vinícius de Araújo Nascimento

**Precisa-se
funcionários
especializados
ou por ventura não
qualquer que seja, a deixa
a cor, a cores, sexo ou marca de cigarro
aceitam-se cegos, viciados, prostitutas, sem referência
esportistas e adeptos de outros jogos, fogos inclusive
aceitam-se médicos, gerentes, engenheiros, de preferência
que tenha crença, boa aparência, a discrição
qualquer que seja, a queixa
ou por acaso não
selecionamos
funcionários
precisa-se**

O CORVO

Maria Consuelo Porto Gontijo

amolentou as asas.
vôo alambrado
nos chambres
da noite,
traje negro
escorando o silêncio.

vergalhando o pescoço
ao cabisbaixo do tempo,
não mais
que arremesso
espionando o medo.

COMO ESTÃO AS COISAS

Salomão Souza

Como estão as coisas
não sou capaz de pensar
nem em quantas borboletas
está formada a tarde.
Mas que idéia!
se a tarde
vai ser feita
de borboletas.

E passo a pensar.
E a tarde?

Se me julgasse
incapaz de pensar,
a tarde não teria
a possibilidade
das borboletas.
Entre ser capaz
e ser incapaz,
as borboletas
têm possibilidade
de serem o que sou.
O que já dá pra pensar

POEMA DE ENTREGA E COMPREENSÃO

Antônio Barreto

De vez em quando o pingo de chuva ou lágrima
que deve ter caído sobre o papel
endurece-me nervos e músculos
do rosto que não tenho. Tua carta
que não veio ainda guardo
no bolso do paletó que não visto há muito
e mesmo assim permaneço de guarda
comigo. À espera da espera. À esquerda
do zero que teu olho é. Teu umbigo ou
minha vida: nunca um número.
Espreito dias e noites de tenebrosas
tempestades e faço tua cabeça rolar
ao meu encontro.
Quero imaginá-la um ponto
que possa explodir no cérebro das máquinas,
dos mudos e dos tontos
de tanto tragar seus corações com medo.

Reparo que a fila não anda apesar
dos passos. Reparo que a fumaça é branca
apesar dos pesares. Que adormecer é esperar
deitado um segredo que não chega quando
o olho cega.
Te continuo ilhando, nuvem de vidro,
devido à falta de teu braço em meu pescoço.

Meu salário é pouco e não posso
dar-te um casaco de minha pele. Quem sabe,
um maço de cigarros, um chocolate ou
um carinho na lembrança.
Quem sabe, o significado de tudo
fique apenas na manchete do dia, ou no projeto
de pássaro que sou, que, apesar de existirem
asas e distância, ninho e tempestades, voa apenas
por voar.

H O M E M

Ronald Claver

**AS VIGAS DA CASA
são as costelas do homem**

**O ADÔBE DA CASA
são os pêlos do homem**

**AS JANELAS DA CASA
são os buracos do homem**

**O SAPÉ DA CASA
são os cabelos do homem**

**AS TRAMELAS DA CASA
são os culhões do homem**

**OS ESPAÇOS DA CASA
são os braços do homem**

**OS QUARTOS DA CASA
são os vazios do homem**

**A CHAMINÉ DA CASA
são as fugas do homem**

**AS CERCAS DA CASA
são as prisões do homem**

AS FRESTAS DA CASA
são o que resta de frágil
no homem

ONDE ESTÃO OS RIOS DO HOMEM
as multinacionais beberam

ONDE ESTÃO AS ÁRVORES DO HOMEM
as multinacionais eucalptizaram

ONDE ESTÃO OS EMPREGOS DO HOMEM
as multinacionais subempregaram

ONDE ESTÃO AS PALAVRAS DO HOMEM
as multinacionais colonizaram

ONDE ESTÃO OS GARIMPOS DO HOMEM
as multinacionais lapidaram

ONDE ESTÃO OS SONHOS DO HOMEM
as multinacionais acordaram

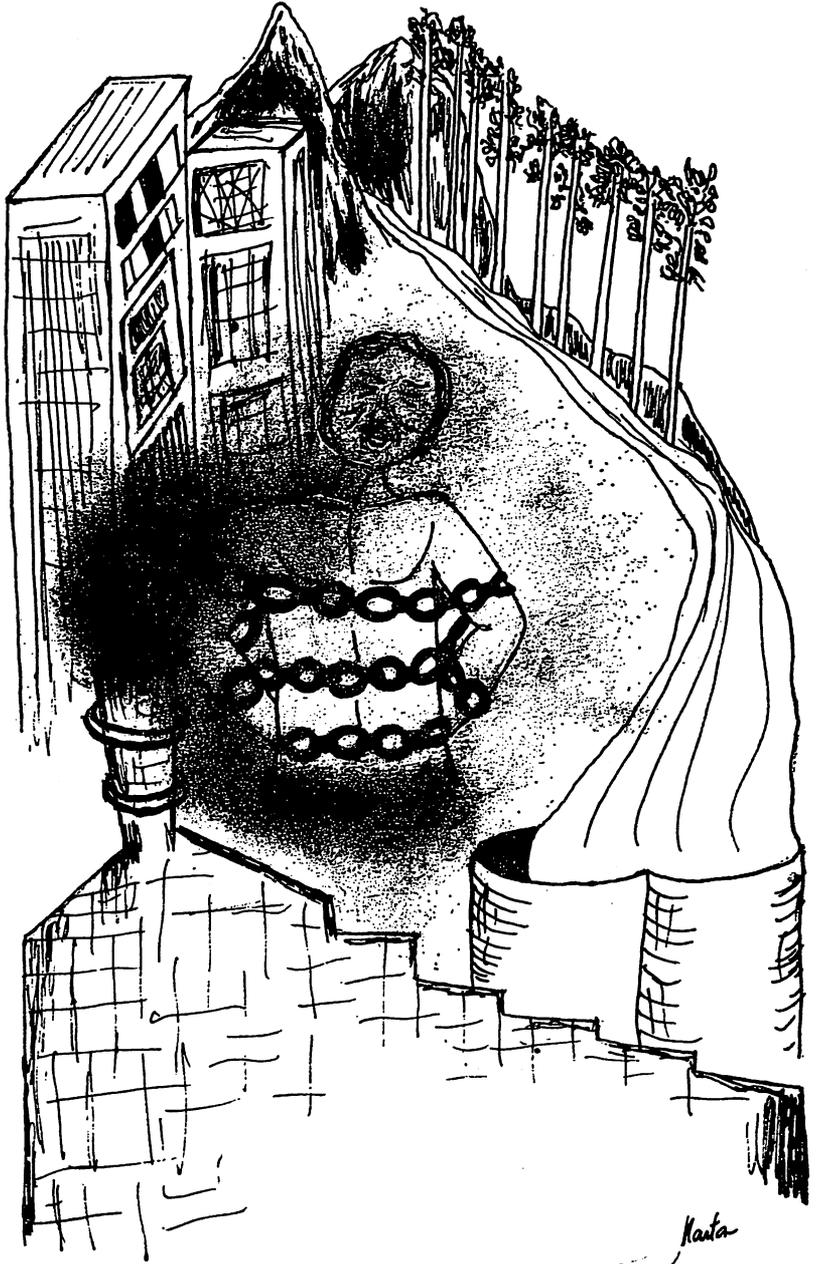
ONDE ESTÃO AS FORÇAS DO HOMEM
as multinacionais minaram

ONDE ESTÁ ESTE HOMEM
que multinacionou o outro homem?

ONDE os votos que votaram na urna
ENTORNARAM

ONDE as dádivas que dadas no bolso
USURARAM

ONDE os políticos que prometem no poste
FICARAM



Kanta

**ONDE as palavras que falavam na boca
CALARAM**

**ONDE ESTE PAÍS DE ESTRANHO VALE
E HOMEM**

onde um tem demais e outro subtrai
onde um tem o bolso cheio e o outro abaixo do meio
onde um é político endinheirado e o outro nem assalariado
QUE PAÍS É ESTE E QUAL É O SEU PREÇO
no mercado do engodo e do avesso?

IV

**O HOMEM ASSIM POSTO
DE PERFIL, DE VIRADO ROSTO
NO LIMITE DE SEU ESPAÇO
MARCA E REMARCA A ESTREITEZ
DE SEUS PASSOS**

OS DESCAMINHOS DO CORAÇÃO

Ronald Claver

meu coração está parado na esquina
do mundo

à espera do primeiro tiro ou ternura
estou do outro lado da esperança
às margens da vida e do lado esquerdo da morte
sob o signo do amor e da loucura

por que não nos lambuzamos de sexo e sêmen
e na mistura dos corpos deixamos gravados
no lençol

a transparência do amor
seu risco e vôo

e depois é espelhar meu corpo
em seu corpo, baralhar as mãos
deslizar os pêlos, disfarçar a dor
e virar de avesso o coração

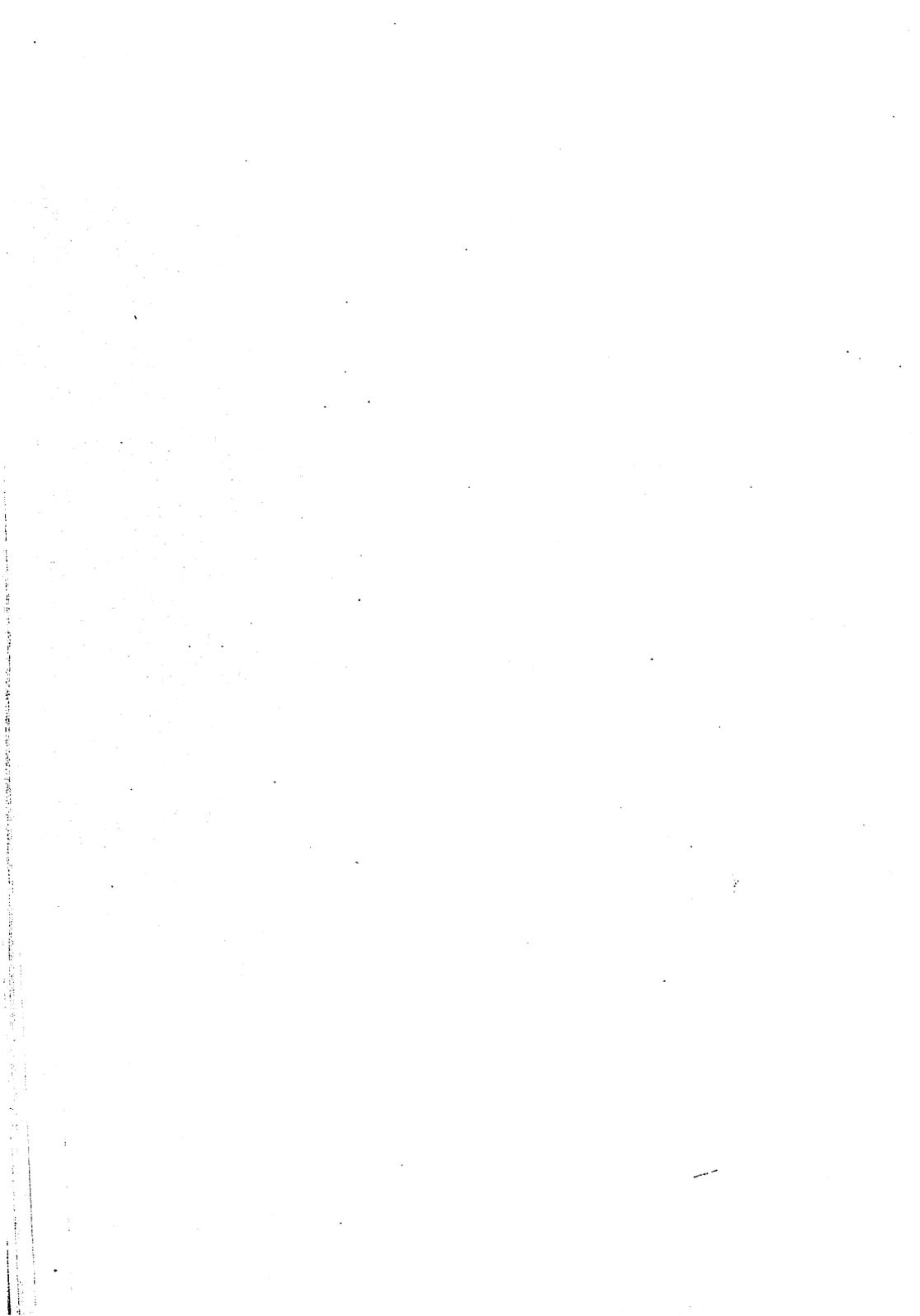
múltiplo de mim estou perdido
em seu olho e giro
giramos

à procura de uma porta, fresta
túnel ou luz

**quero dizer que te amo
mesmo quando adiamos o amor
ou viajamos outros corações**

**Estou no centro do mundo
Estou no centro do seu coração
e circulo em seu sangue
as asperezas do ofício de amar**

CONTOS



O ESPELHO EMBAÇADO

Melânia Silva de Aguiar

A leitura da carta não lhe trouxera nenhuma certeza, pelo contrário. As dúvidas persistiam mais fortes do que nunca, e jamais lhe parecera tão exata aquela afirmação: «As palavras foram feitas para encobrir o pensamento». O desajuste entre a ação e o dito ou às vezes o sugerido era desconcertante. Não havia harmonia possível. Uma afirmação hoje era perfeitamente desmentida no dia seguinte, não com palavras, é claro, mas com atos concretos, palpáveis. Isto era o que mais desorientava Marialva. Evidentemente as palavras eram mais aliciantes do que as ações, atraíam muito mais, e era muito mais sedutor acreditar nelas do que nos atos: frios, calculados, surpreendentes. Tomar uma decisão nestas condições era perigoso, corria-se o risco de cometer uma injustiça. Foi pensando nestes fatos que ela atravessou toda a praça, passou pelo palácio do governo sem reparar muito nas grades recentemente pintadas e no cheiro intenso que saía do jardim, naquele início de primavera. E quanto mais andava, mais forte se fazia em seu pensamento a convicção de que de um lado estava o mundo, a realidade, as coisas, e do outro, não somente em posição de diferenciação, mas de contraste, as palavras, o código, a mascarar, não a traduzir, o mundo. O exemplo dos gatos era por si só esclarecedor. Já não era possível conservá-los no apartamento; sujavam a casa toda, escondiam-se debaixo dos armários, metiam-se os dois entre a cortina e o forro, subindo até o teto, com os olhos muito abertos, numa estrepolia própria de criança. Eram engraçadinhos assim, mas as cortinas ameaçavam rasgar-se, as poltronas da sala estavam já

todas arranhadas, acusando a presença de suas garras, as plantas da sala de jantar amassadas e emurchecidas. As três crianças foram chamadas formalmente, colocou-se o problema da impossibilidade de se manterem os gatos em casa e tudo foi discutido muito diplomática e equilibradamente. E para surpresa de Marialva até aceitaram bem e com certa rapidez a sugestão dos mais velhos. Havia uma senhora conhecida — isto é o que foi dito — servente do grupo, que morava lá para os lados do Matadouro, que adorava gatos e tinha (imaginem o cuidado!) pequenas cestas de vime, onde os bichinhos dormiam. Não ficavam expostos ao tempo, não! Havia no quintal da casa, tosca mas ampla, uma cobertura comprida onde se guardava lenha, estendia-se roupa nos dias de chuva, e que era, além disto, local de despejo para certos trastes já fora de uso. Nestas cestas, espalhadas pela cobertura, dormiam os gatos da casa, e já se havia até reservado duas cestinhas para os novos moradores; isto, está claro, se os meninos concordassem em deixá-los ir. Nada seria feito sem o consentimento deles. Na hora em que Marialva citou as cestinhas da tal cobertura, o quintal amplo onde os gatos corriam e brincavam à vontade, os olhinhos dos três se iluminaram primeiro, para depois ganhar uma expressão de devaneio, sonhadora. Fizeram ainda algumas perguntas sobre as novas condições de existência dos bichinhos, e em seguida não só aceitaram, mas aplaudiram com entusiasmo a idéia de se realizar logo o projeto. Isto, bem entendido, se pudessem visitá-los pelo menos aos sábados. Tudo ficou estabelecido; as coisas, combinadas ao nível das palavras. Assim eles não assistiram à saída dos bichinhos no momento em que, agarrados e assustadíssimos, foram postos dentro do carro e levados para bem longe dali, bem longe. Durante o resto do dia, sentindo a falta dos bichos, as crianças fizeram muitas perguntas, queriam saber detalhes da saída, da chegada lá na nova casa, das reações. Evidentemente, dizia-se, tudo correria muito bem; na maior paz. Parecia até que eles, os gatos, esperavam por aquilo, tal a alegria com que saltavam no meio dos outros, correndo de um lado para outro, em toda a extensão do terreiro, felizes, libertos. E as crianças riam muito, tendo na imaginação a cena exata, preenchendo as lacunas do dito, enriquecendo a

significação das palavras escutadas. E ansiavam pela chegada do sábado, quando poderiam vê-los.

Marialva continuava sua marcha regular, só com seus pensamentos, apesar do tráfego intenso do seu lado, ela isolada do mundo na calçada larga da rua, os transeuntes passando apressados por ela. E a carta sempre lhe voltava ao pensamento, as letras muito grandes, escritas com tinta azul arroxeadada, separadas umas das outras como a revelar (ou esconder?) um à vontade muito grande no próprio ato de escrever. Podia até ver a distribuição das palavras na página branca. Lembrava-se nitidamente, por exemplo, de «a sua enorme sensibilidade me enriqueceu muito», ou «sem você é sempre como se estivesse só», numa sugestão de sofrimento, de lamento pelo bem perdido, de promessa, encobrindo — e só agora Marialva podia enxergar com clareza — a verdadeira causa do rompimento, ou seja, outros interesses, quem sabe outra mulher, o gosto de se sentir livre, irresponsável. Tão mais simples dizer isto, a verdade, e tão mais honroso para ela, que se sentiria nisto tudo adulta, a enxergar os fatos como eles são na realidade, sem mascaramentos enganosos, sem gestos dúbios, que funcionam como fonte de sofrimento muito maior do que a verdade adultamente revelada, mesmo se dolorosa. E se espantava de não ter entendido isto antes, agora que podia enxergar todos os pontos da seqüência, um a um, como numa narrativa em que os signos se distribuem ao longo das linhas, conduzindo a um desfecho único, sem outra qualquer saída ou possibilidade. Quando passou ao lado do campo de futebol, seus olhos não puderam deixar de ver, em letras enormes, ocupando pelo menos três metros de extensão do muro e todo o espaço de sua altura:

MAIS ESCOLAS, MAIS TRANSPORTES,

MAIS SAÚDE, MAIS ESPORTE.

Para Prefeito

FULANO DE TAL

Continuou o seu caminho, lembrando-se de que no dia em que os gatos foram levados de casa e postos na rua, o tempo estava, bem diferentemente do de hoje, embaçado e chuvoso. E que não tinha sido fácil deixá-los ali na esquina deserta, miando muito e arrepiados, estranhando o ambiente tão diverso daquele a que estavam habituados desde pequeninhos. Quando o carro partiu — Marialva lembrava-se nitidamente — a mulher da casa onde os bichinhos procuravam refúgio, tocara-os com uma vassoura enorme, surgindo de repente no jardim alagado da frente da casa, como se tivesse pressentido a invasão do domicílio. Lembrou-se ainda que à hora do almoço, quando chegaram à casa, as crianças lhe perguntaram como havia sido tudo, e ela mesma estranhou a naturalidade com que lhes contou que haviam ficado tão alegres na nova residência, que nem tomaram conhecimento da saída do carro e, ainda, que as tais cestinhas tinham ao fundo uma almofada forradinha de flanela, muito especial para os dias embaçados e chuvosos. As crianças fizeram muitas perguntas; todas foram respondidas satisfatoriamente. A noite a menina mais novinha teve saudades do seu gato e choramingou para dormir. A mãe conseguiu consolá-la, descrevendo-lhe outros detalhes da casa: os pés de goiaba, o galinheiro enorme, a casinha do cachorro. A menina quis saber se dona Maria, a servente, era gorda ou não. Foi-lhe dito que sim; gorda, corpulenta, os dentes muito brancos, sempre sorridente. E a criança dormiu em paz.

Já dobrando a esquina do quarteirão de sua casa, Marialva refez mentalmente o último encontro. Já fazia duas semanas; ficara combinado que ele telefonaria no dia seguinte para continuarem a conversa. Precisavam sem dúvida esclarecer muitos pontos; estava havendo um terrível mal-entendido; ele tinha estado viajando e os serviços se haviam acumulado de tal forma, que ele não sabia como ia dar conta de tudo a tempo, as encomendas prometidas, o tempo urgindo. Mas não havia dúvida; tudo seria esclarecido no dia seguinte; aliás, quando ele telefonou à tarde, convidando-a para saírem, pressentira mesmo qualquer coisa no ar, a voz dela não o recebera com a calma de sempre. Mas, no dia seguinte — agora já estava tarde — tudo seria esclarecido. E que ela não fizesse aquela expressão de desalento; tinham

muito o que conversar. Ela veria como nunca se poderia pôr em dúvida suas intenções, sua fidelidade. No dia seguinte, chegando do trabalho, à tardinha, recebeu da cozinheira a notícia de que ele telefonara pedindo-lhe que avisasse a ela, Marialva, que lhe aparecera uma viagem inesperada e urgente, inadiável, coisas de serviço. Marialva dormiu tentando acreditar, não podia ser mentira. A conversa viria noutro dia, que diferença fazia afinal? O que veio, uma semana depois, foi a carta. Com todos os «efes» e «erres», só que evidentemente nas entrelinhas, apenas visível a quem quisesse ver a realidade com lentes de microscópio. Nas linhas o que constava mesmo era aquela história da sensibilidade, do sentimento constante de solidão que só ela conseguia atenuar, o agradecimento — estranhíssimo — no final de tudo. Lembrava-se bem de como ficara perplexa, a carta aberta diante dos olhos, as pernas bambas, uma sensação de desfalecimento. Antes de subir os degraus da entrada, chegando em casa, ainda ouviu o rádio do apartamento da frente, exageradamente alto:

«... observou que, sendo um dos mais ardentes defensores dos direitos humanos, jamais poderia concordar, caso tivesse conhecimento, com qualquer ato de violência praticado em seu país».

Foi só quando abriu o portão do edifício, já entrando em casa, que na cabeça de Marialva, sem que ela mesma soubesse explicar por quê, surgiu aquela frase estranha, inesperada e intrigante: «Povo, mulher e criança, é tudo farinha do mesmo saco».

SEMENTE VELHA *

Kenneth Albernaz

Seus olhos velhos já conheciam tudo aquilo. Não havia ali, aliás, coisa ou acontecimento que não fizesse parte de seu grande repertório de histórias. Assistira batizados, casamentos, assassinatos, prisões, espancamentos e gente velha morrer na cama. Ouvira os fatos, as mentiras, promessas, casos de assombração e, enfim, não havia mesmo nada ali que não tivesse sido do seu conhecimento.

Também não havia roça onde não tivesse trabalhado, fazenda onde não houvesse se deixado esvair no cabo da enxada. Plantou em todas as encostas e baixadas, destocou terra em todas as chapadas, trabalhou cada palmo de chão, onde a terra permitisse nascer uma forragem, fosse para gente, fosse para criação.

Semeou seu conselho, mostrou sua razão e deu sua vida a muitos. Conservava-a, nem sabia porquê. Talvez uma permissão especial de Deus, talvez uma mixuruqueza que nem o diabo queria, ou simplesmente uma coincidência entre milhões de mortes bestas.

Agora era uma experiência encostada, um braço aposentado, uma cabeça desocupada. Terra não ganhou, gado não tinha e a família, há muito se desfizera; a última mulher se descarnara, filho engajou na polícia e sumiu, filha se perdeu, outros não vingaram e até mesmo os parentes e amigos já tinham cumprido sua tarefa nesse purgatório e entregado os ossos à terra.

* Do livro inédito do autor, «Gente Miúda».

Nesse correr de tempo contínuo, muita coisa tinha mudado. Boi deixou de puxar arado, cavalo já quase não campeava gado, surgira a carteira assinada, o carro a motor roncava por todo lado, aparecera o trator e até mesmo as roças prediletas sumiram, dando lugar a outras plantações, algumas que ele nem sabia para que fim serviam.

E foi depois de tudo aquilo e contudo, que aquela carcaça resolveu voltar pra seu rincão nas barrancas do São Francisco e pensando encontrar seu velho chão, topou com uma cidade estranha, crescida no meio de uma ou outra casa de sobrado que ele guardava na memória. Não tendo orientação naquele casario estranho, nem conhecimento de gente viva, fôra parar num ponto onde só os mais desvalidos iam deixar a alma, junto com alguns trocados, por um gole de pinga.

Chegara no meio da noite e se deixara ficar assentado num batente, à espera do dia, sentindo o cheiro de álcool azedo e mijo velho. Há muito tempo não comia, mas seu organismo já quase nem precisava daquele luxo, sobrevivendo com qualquer coisa de vez em quando. Não tinha mais ansiedade que o fizesse desejar um gole daquilo, ou uma pitada daquele.

A única precisão que tinha era de estirar as pernas num lugar qualquer, consertar a respiração neste meio tempo e chupar o ar avidamente pelas narinas cabeludas e arreganhadas. De silêncio gostava, mais por costume do que por carência, pois dormia em qualquer forró e, contando que o deixassem quieto, era como um cachorro velho que não incomodava ninguém.

Tinha porém um sonho, que na verdade não era assim tão simples. Queria morrer no trabalho e ter um lugar onde deixar o corpo, pois depois de ter vivido quase um século ao vento nas plantações, não queria ser varrido para a cova sem mais nem menos. Sabia-se menos do que um traste, pouco mais do que uma folha caída no tempo das ventanias e por isto mesmo, queria sua roça e sua sepultura.

Mas não sabia como se arranjar, pois já não havia quem o quisesse, não havia chão para plantar, nem mesmo aquela semente de gente. Já não havia percorrido tantos lugares em busca de quem o quisesse? E não viera dar com os costados ali,

sem achar serventia para seu esqueleto? Sentia próximo o dia e inevitável a hora, mas o mundo crescia e ele diminuía, num desencontro infeliz.

E quando foi pela manhã, um moço moreno, cara sonada, veio abrir o boteco, pedindo mal humorado uma licencinha, para abrir a porta. Ele não se coçou com a má educação do moço e se levantou, com esforço e foi se assentar mais longe um pouco. Ali ficou, muito do seu jeito, olhando as coisas passarem à sua volta. Veio o homem do pão, com um grande cesto nos ombros e ele se afastou um pouco, para dar passagem. Veio depois o jegue com o leite e mijou perto dele, forçando-o a se livrar dos respingos.

Não demorou muito chegou uma dona e lhe disse que tinha de armar seu tabuleiro de doces ali e que ele se afastasse um pouco. Daí a logo a mulher começou a apregoar seus negócios, chamando os compradores com agrados de «meus bens» e «meus afilhados». Mais um pouco e a coitada já não estava tão animada e só conseguia olhar suplicante para as pessoas que passavam, sem se interessar por seus doces.

— Sabe, eu tenho cinco lá em casa para dar de comer... — Disse olhando para o velho, assentado na beira do passeio a dois ou três metros do tabuleiro.

— É, é preciso comer... — Tremeu a voz do velho, embora seus olhos baços não estivessem dizendo nada que fosse desse tempo.

— Mas tá difícil de conseguir vendendo doce...

— Eu não consegui plantando...

— Olha a cocada, os quindins, os agrados! Óia que beleza de coisa boa! — Gritou a dona, se esquecendo do velho, quando passou um bando de meninos para a escola. — Olha o doce, meus anjos!

Foi rapidamente cercada pela meninada e, saindo depois cada qual com sua guloseima, nem se atinaram para o velho, assentado ali.

— Se não fosse essa meninada... Gente grande não gosta de doce. — Suspirou a mulher.

— Gente grande só gosta de terra.

— De terra não sei nada. Só sei de doces.

— De doce tenho minhas lembranças, mas de terra tenho minha vida...

A mulher olhou-o, um pouco mais interessada naquela voz que saía do meio de barbas brancas emaranhadas e perguntou:

— E o que é que faz aí?

— Esperando... Um pedaço de terra ou meu caixão.

Aí veio um carro, sujo de lama das fazendas, parou em frente, ao lado do meio fio e ele teve de se afastar, para não atrapalhar o serviço de um homem moreno, que descarregava caixotes de verduras e sacos de feijão.

A dona dos doces ficou mais longe e já não dava para conversar, sem ter de alçar a voz. Mas como foi parar na porta de uma venda, o dono logo veio dizer que ali era caminho dos seus fregueses e que ficasse em outro lugar. Chegou-se para lá e da mulher só via a pontinha da cabeça, meio escondida atrás do carro.

E de todas as roças sabia. Mandioca era brincadeira, batata não tinha segredo, milho era porcaria e feijão café pequeno. E das estórias e lendas do sertão, sabia de todas, desde Lampeão aos novos jagunços, a mando das empresas. As serras nomeava todas, as chapadas palmilhara uma por uma e as veredas conhecia de beira a fundo.

Não havia conta dos cabos de enxada segurados por suas mãos grossas, era grande o número de fazendeiros, era imenso o chão plantado dia após dia... Tinha coisa do passado, que de tão longe, nem se lembrava mais. Tinha aperto esquecido e da Sebastiana só guardava o nome, nem de mulher nenhuma carecia mais.

E não demorou muito pra uma meninota espevitada começar a varrer o passeio, forçando-o a sair, indo se assentar mais longe, já quase na esquina, onde não podia ficar, pois sobre um pano estendido, um homem de óculos escuros expunha sandálias, pulseiras e cordões dourados.

Foi para debaixo de uma árvore, bem no meio do largo, onde só ficou um pouquinho, pois logo cada vaqueiro que chegava e deixava o cavalo ali amarrado, dizia bincando:

— Cavalo vai te pisar, meu avô. É bom não facilitar...

Assim as pernas tiveram de andar mais uma vez e, sem lugar para parar... Tudo ali tinha dono, desde as casas, os passeios e até a sombra das árvores... Não podia parar, nem descansar o esqueleto e assim foi saindo da cidade pequena, tão pequena que não tinha lugar e, já na saída descobriu uma mangueira, onde pôde se deixar cair. Não demorou muito e cochilou, roncando velhice na garganta ressecada.

— Vão levantar aí, ô. Isso aqui não é pouso de vagabundo não!

E mal deu tempo de olhar a cara do praça e já teve de colocar em cima dos cabelos brancos o resto de chapéu e se movimentar, tomando o rumo do mato, que era o único lugar sem dono por ali, ou que pelo menos era tão vasto, que não haveria de sua presença incomodar o olho de quem quer que fosse.

Já desbravara terra de ninguém, a mando de patrão tarefeiro, derrubara mata, limpava terreno, matando cobras de todos os tipos, comendo pouco, ruim e frio, tomando até chilepada nas costas. Não haveria de ser qualquer coisa que o ia aperrear.

A última fazenda onde morou foi vendida para uma companhia e, se o fazendeiro o conhecia de há muito, os diretores da empresa nem nunca ouviram falar seu nome e nem viam serventia em sua velhice. Teve de sair, enquanto os tratores destruíam os roçados, os casebres, tudo, para plantar capim. No caminho viera procurando lugar para morar e um último cabo de enxada, mas ninguém estava empregando e foi se afastando, voltando para o cu do sertão, onde estava enterrado seu umbigo.

O saco que trazia às costas ia se esvaziando, na medida que ia descobrindo não ter serventia de alguma coisa, que só aumentava o peso a ser carregado. Assim foi com o caneco de folha, com o prato de alumínio, com a candeia, um chifre que tinha ficado anos e anos fincado no moirão da porteira do último rancho que habitara. Quando parou debaixo de uma árvore, já fora da cidade que o tinha escorraçado, abriu o saco e nele só tinha um canivete velho, uma coberta esfarrapada e uns grãos de milho, esquecidos no fundo quando ele o esvaziara para usá-lo como mochila.

Ali, onde a estrada se alargava um pouco e era margeada por um rego d'água, esticou as pernas e ficou gozando a sombra, com as costas apoiadas no tronco áspero. A terra úmida esfriava seus ossos, provocando uma dorzinha fina nas juntas, mas não quis sair dali. Com as mãos foi mexendo, apalpando, deixando a terra escorrer por entre seus dedos, sentindo que era boa e fértil.

Depois pensou, que pelo menos a roça teria. Arrastou-se até o sol e enterrou os bagos de milho, uns sete ou oito, enfileirados junto à umidade do córrego. Logo os brotos estariam nascendo... Voltou à sua árvore, assentou-se na posição anterior e recostou-se no tronco, olhando para a direção de sua roça... Mais umas semanas e já daria para ver as folhinhas saindo da terra... Agora só faltava que alguém o encontrasse e providenciasse levá-lo para um lugar onde o vento não incomodasse muito... Cobriu as pernas, fechou os olhos e deixou que a cabeça escorregasse para o peito, tranquilamente...

UM BRILHO NA NOITE

Carlos Herculano Lopes

No dia em que nasci, minha mãe disse que ele chegou bêbado e ao me ver, ao invés de fazer carícias, falou que eu seria apenas mais uma boca e que gente como nós só tem uma sorte: a de passar a vida trabalhando, a meia ou a terça, ou com água no joelho e a bateia nas mãos, à procura dos diamantes.

E que não adiantava insistir. Porque além de dar o duro, quando se chegava em casa, suado e com as mãos sangrando, nunca havia o de comer; então o jeito era beber umas cachaças para dormir, e sonhar com a velha, que, com uma vela entre os dedos, lhe indicava o caminho das pedras.

Mas naquela noite, logo que a parteira foi embora, ele começou a beber, a beber e a comer tudo o que encontrava. E tomou a sopa da minha mãe e a mamadeira que era para mim. Depois virou dois litros de cachaça. E em seguida pegou a sanfona e cantou em outra língua coisas que ninguém entendia. Quando pegou o berrante, e as vacas rodearam a nossa casa, ele ameaçou espancá-las; mas como não as viu, virou-se para mim, que estava dormindo, e disse que iria matar-me.

Foi quando minha mãe, ainda de resguardo, saltou da cama e, de joelhos, pediu-lhe que não fizesse aquilo, porque eu não tinha culpa por sermos tão pobres, e por não termos terra.

Mas ele, não a ouvindo, abriu a gaveta de onde tirou o revólver e começou a atirar debaixo da cama até não sobrar nenhuma bala. Minha mãe disse que eu chorava, mas que ele, de tanto atirar, furou o teto e a imagem da santa, para em seguida, por castigo, sofrer um ataque.

Quando acordou e o cabo lhe deu voz de prisão, ele lhe perguntou qual era o motivo, mas ao ver a imagem e os buracos na parede e a cama suja de pólvora, começou a chorar e a dizer que não se lembrava, e pediu que não o prendessem, pois eu havia nascido e precisava de proteção.

Após receber a garantia de que não seria preso e nem processado e depois que os soldados se foram, ele abraçou-se à minha mãe e disse-lhe que tudo era por culpa da velha que lhe ordenava que fizesse aquelas coisas, porque, senão, ele nunca encontraria os diamantes, sempre andaria na miséria e jamais teria um pedaço de terra.

Nesta terra onde comecei a crescer e ainda pequeno ia com ele para a roça, ou o seguia para a lavra, onde a coisa que eu mais gostava era entrar nos túneis, e nunca me esqueço de uma fâsca que ele achou, e sem saber como escondê-la do fiscal engoliu-a, e três dias mais tarde a mostrou para minha mãe, que o seguiu a Santa Marta, onde a venderam a um homem que lhes deu metade do dinheiro, e o restante, que seria entregue no outro mês, jamais foi visto.

Até que ele voltou a beber e a ver novamente a velha, aquele foi um tempo bom; pois nos dias em que não havia aulas eu ficava todo o tempo ao seu lado e ele contava histórias: como a do homem que virou monstro por dizer que o padre comia a empregada e por uma praga, quando morreu, foi preciso carro de bois para puxar o seu caixão.

Até aquela noite em que ele não veio dormir em casa porque há vários dias estava na lavra seguindo uma luz, eu gostava de ouvi-lo e ser o seu guia quando montava nos burros e os retalhava de esporo para em seguida, mandando que eu seguisse o exemplo, dizer que aprendera com o meu avô.

Mas naquela noite, quando minha mãe viu que ele não voltava e pediu aos vizinhos que fossem procurá-lo, todos rezamos aos pés da Virgem, e depois, ainda com o terço nas mãos, ela chamou a mim e ao Ricardo, que éramos os mais velhos, e disse-nos que, se alguma coisa houvesse acontecido, estaríamos perdidos.

E foi chorando muito que passamos a noite seguinte ao redor do caixão e minhas tias fizeram bolos e café para as pessoas que ficariam conosco. Meu pai estava vestido com um terno do meu tio, com o rosto ferido e sem uma orelha, mas sua expressão era de calma, e assim ficou toda a noite, até que, de madrugada, quando todos dormiam, ele se levantou e, na minha frente e do meu irmão, curvando-se, vomitou um diamante, jogou-o para nós, e desapareceu para sempre da terra.

DO GRANDE CANSAÇO DE TER SEMPRE VIVIDO EM ESTADO PASSIONAL

Danilo Gomes

«Sou tarde de chuva
nas esquinas molhadas.»

(DIRCEU QUINTANILHA)

Um dia estarei muito velho e muito mais cansado que hoje, muito mais magro e solitário que agora. Serei um velho quieto, sentado à porta de uma casa, com um gasto cachecol preto de lã, tomando sol como um gato-velho-triste-ruço-magro-sem nome. Serei um velho muito quieto, muito silencioso, brancos os cabelos, macerada a pele, olheiras muito fundas como as dos pastores da insônia ou como as dos capitães de fragata que passaram toda a vida a contemplar oceanos.

Ninguém tomará conhecimento de mim ou me perguntará o porquê do degredo com o cachecol de lã preta. O carteiro já sabe que nunca há cartas para o velho, nem telegramas nem encomendas a receber no *colis postaux*. As crianças me olharão como a um estranho macróbio que se esqueceu de morrer: terei os olhos ainda atentos mas sem nenhum fulgor, como dois faróis que se vão apagando na gávea de um brigue cansado.

Um dia ou outro alguém me dirá «bom dia» ou «boa tarde» — alguém cuja ligação comigo será apenas a irmandade das gerações remanescentes. Responderei «bom dia» ou «boa tarde» com a voz rouca como um violão empoeirado.

Serei um velho muito quieto, gris como um velho coelho gris sem forças para pular e correr, sempre com um cachecol de lã preta e nenhum desejo senão acabar de cumprir um destino.

Vendo flores, pensarei: «Fui, como ervas, e não me arrancam», e olharei novamente para o fim da rua como quem olha para um trator parado ou um monte de lenha verde.

As emoções estarão todas sepultadas, antes do meu corpo de árvore antiga com lianas. De tanto sofrer, todas as reservas de emoção estarão exauridas como uma ânfora sem água, sem mais nenhum tonel sobressalente — apenas, talvez, uma gota, a que seca quando tudo cessa.

Quando for inverno, colocarei um cobertor sobre os ombros e ficarei sentado à porta, mas dentro de casa, os olhos parados nas árvores cujos nomes terei esquecido, e nas nuvens, que não saberei se são cúmulos, nimbos ou estratos, os óculos de tantos graus que já terei perdido a conta.

Terei esquecido a mecânica da leitura e o gosto pelas palavras — só saberei ler no céu quando o tempo estiver por mudar e nas mãos a linha de cada amor vivido e sofrido, mas já sem qualquer encantamento, qualquer sobressalto, qualquer vontade de estreitar nos braços.

Eu mesmo farei meu café e meus chás de reumatismo e insônia. Na casa, nenhum livro, nenhum quadro, nenhuma fotografia, nenhuma vela de libra ou caixa de música, nenhum maço de cigarros dado como lembrança numa noite antiga.

Terei quase cem anos e nenhuma recordação — o cansaço de tanto tê-las sofrido terá exterminado a todas com uma força de terremoto ou cogumelo atômico.

Quando chover, continuarei sentado à porta, mas também dentro de casa. Choverá sempre meses e meses e eu estarei ali vendo a chuva, esquecido de cafés, infusões e abismos de sono, como se alguma coisa, muito no fundo, me fizesse lembrar uma antiga atração pela chuva, como se alguma coisa muito de dentro retivesse meus olhos na pura contemplação da chuva como um destino.

Terei esquecido toda paixão, toda ansiedade e toda esperança, de tanto ter acalentado paixão, ansiedade e esperança. Serei meu

próprio antídoto, meu próprio anjo exterminador com sua espada flamejante como sarça ardente.

Serei mar de sargaços e ilhas de coral, e estarei morrendo.

Passarão cabras na vila, e terei apenas a sensação de que são cabras passando. E crianças cantando, e terei apenas a sensação de que são crianças cantando.

No quarto, ficarei olhando para o teto, meses e meses, imóvel como um banco de pedra, cada vez mais magro e mais cansado, a pele curtida como a de um animal morto pendurado.

Depois ficarei vendo a chama do lampião como se o lampião fosse um enfeite que não devesse estar ali, e estivesse.

Serei seco por dentro como um leito seco de rio, só com uma gota de reserva, sem saber para que servirá.

Um dia, no tempo das novas chuvas de verão, caminharei lentamente para a porta. Ficarei meses e meses vendo o temporal, sem nenhuma ressonância para os relâmpagos e trovoadas. Ficarei, como sempre, muito quieto, muito silencioso, muito cansado de ter vivido entre a paixão e o desespero, entre a procura e o exílio, entre o sonho e o adeus.

A última gota de emoção — e só então saberei por quê estava armazenada como numa adega fria e abandonada — me revelará, de repente, que o fim está próximo como uma libertação. Respirarei com alívio: «Fui, como ervas, e agora me arrancarão».

A contemplação da tempestade por anos e anos fará enregelarem meus ossos, caírem meus dentes, voarem meus cabelos, secarem meus olhos como duas amêndoas secas, esgarçar meu cachecol de lã preta como o que a minha avô tinha e que não encontrei em lugar algum para comprar.

Todos terão partido, toda a vila estará inundada, nenhuma solidão terá sido tão plena de soledade. Estarei cada vez mais leve, sem nenhuma sensação, sem nenhum gosto de abandono na boca do peito, como outrora. Morrerei lentamente, como um esquilo ferido num bosque abandonado.

Já terei mais de cem anos de cansaço de todas as paixões que acumulei como um fardo, de todas as esperanças liquidadas como peças fora do jogo numa partida de xadrez que perdi por xeque-mate.

Irei ficando cada vez mais leve e menos cansado, me sentirei como um fio de chuva, um caniço à beira de um caminho de aldeia, onde um trem passa toda semana, apitando como uma festa. «Fui, como ervas, e agora me arrancarão». Irei virando poeira e mofo, pátina e umidade. As águas entrarão pelos fundos da casa e me carregarão para o meio da rua, e serei água como a água, e chuva como a chuva, e mais nada.

Um dia, entretanto, serei parte do húmus que fará nascer uma rosa amarela no jardim de quem nascer com o rosto igual ao de Licínia.

ESMERALDA, ESMERALDAS . . .

Ana Maria de Almeida

Com essa intensidade de amor, jamais...
Com essa intensidade de amar, amor...
Jamais? Já é mais, eis que vos amais...
Todo amor é jornada ao país
da loucura, verde terra, serras verdes
de esmeraldas raras, fugitivas.

Para a febre, a infusão de violetas vulneráveis, vulvárias férvidas. Mas que nome dar a esse amor que agoniza em março, pelos desmaios de abril? A mão nos cabelos enrolando um cacho, em cacho os dedos enrolando nos cabelos as horas. E o olhar vasto que perscruta na nudez dos gestos o encaixe de um corpo. Ela deixa fluir, com ar de quem sonha, entre os dedos a teia das horas verdes que passam. Esmeralda, esmeraldas, nas sendas dos corpos, no suor do amor. Fugitivas, minha linda! O que existe para o rebrilho dos olhos contemplativos, visionices. E o resto, meu caro? Enleios de carícia só, luz de um só fogo, resfôlego de um só ardor. Não é tudo, minha linda? O torpor da mudez, a torpeza da mudança. O amor contempla, no espelho do lago, lianas de cabelos verdes, sorvedouro de licnídeas afogadas. À superfície, meu caro, um simples cardo, perfil de montanhas desdobradas.

Companha, companhia... Toda a rota é viagem ao país do esquecimento, sonhos verdes dessa mina apaixonada. Rostos em frente, vultos como anjos guerreiros pelas encostas, frente à frente, costa à costa, de frente às costas. Lado a lado, já os rostos em frente, se os olhos fossem vazados para o dentro solene recanto

que não se conhece — os olhos escorrendo como escorrem os verdes regatos e os cabelos entre os dedos e os membros lassos, ah!... O espinho de um cardo. O gume acre e doce da espada na terra sulcada. E o desdobrar de um túnel. E a enormidade dos rostos sem olhos, se fossem devassados...

«A cada amor, diferente a visão de todos eles; o de dentro, fundo espelhado, é como o dom de anjos trôpegos: uma flor de cor impossível, uma espera de impossível tesouro. Minas invulneráveis. A cada um, tão diferente...»

O que não se fala. Nem do cansaço das mãos nos cabelos e o olhar vasto com que se apreende a realidade múltipla de todos os rostos e corpos. Heras e sereias no limbo do sonho. Onde está, minha linda, o corpo em que me estendo, alongo e reconheço? E aquele, meu caro, que se fazia peixe em minhas águas? Paixão e febre, aqueles corpos que restam como estigma dessas minas de martírios e ardem, mortos embora, nos ribeirões do inferno destas terras nuas. Queria-o único, meu caro. Se possível, minha linda, refazer o mito que ecoa e se prolonga em nossa perdição.

Do que se fala sempre: a repetida desventura do entalhador de pedras e decifrador de mapas que chegou de muito atrás das mais altas montanhas. E dela que vinha de onde não sabia, cabelos de verdes ramadas, abraços de revertidos galhos. Onde o segredo do encontro, meu caro? Nos beijos de algas e pelugem, nos tentáculos de pernas enlaçadas. E o verde sorriso no olhar desmaiado, tão pronto para cegar. Para o desencanto bastava o calor amolecendo o dia sob o peso de cada dia. Saturado o olhar de tanto brilho, o corpo emergiu do espelho do lago. Pobre mãe das águas! O fundo segredo, minha linda, está no seu raso, no acaso que rasga as minas do desdém. Se fossem devassadas, ah!...

«O dom dos anjos estropiados: as pedras redondas como ovos, macias ao tato. Aquelas minas aconchegantes. E as fontes que jorram como leite a prata do corpo fecundado».

Por dentro, o desencanto manso que não faz pactos, mas se reparte em palavras de amor, porque só amor é palavra usada para fechar o oco deixado pelo silêncio, se os olhos ficam vazados. Anjos enlouquecidos vagam pelas encostas e enxugam o líquido verde que lhes escorre das pálpebras. Com um trapo estancam o

que poderia ser o mais brilhante tecido de prata e esmeraldas. Ah, essas minas de drogas e astúcias! Se os olhos não escondessem mais do que vissem, meu caro. Não é o chá de manguarás, flores abortadas, minha linda. A seiva das sumaúmas para o fruto dessa mina luxuriosa. O que não se fala, meu caro, depois da febre. Toda a dor é rota ao país das esperas, serras verdes de esmeraldas amargas.

«No meio do jardim em ruínas, a roseira estende botões famintos como as bocas, de súbito apaixonadas, que se beijam atrás das grades da casa de mil e um sonhos. E se fala dessas minas de tortura e dos contos abortados».

Mas há, como outrora, as rotas pelas encostas de Vapabuçu, impossível amor; canais de Venezas iluminadas pelas faiscadeiras. Lá onde os anjos, cegados pela vilania do verde, conversam sobre mulheres de seios amputados e ventres para sempre secos. Ressequidos como as roseiras da casa de mil cantos, onde jazem corpos dos aventureiros mutilados pelos jogos do destino e da paixão. Nessas minas de uivos e sobressaltos, os anjos cegos, mortos ao nascer, não encontram remissão.

«Mas na casa de tantos contos há um rego que refresca os caules e os pés gretados. A chuva lava a ponte e o cheiro verde do dia. Pode-se prosseguir. Ombro a ombro se faz a descoberta de que a falta de olhos e palavras é a única possibilidade de se ser menos só: os anjos famintos, como botões gorados, guiam-se pelo perfume das violetas, e dos alecrins».

Esmeralda, esmeraldas. Os olhos secados, a mão nos cabelos tateando a sensação do tato que se perde em quimeras loucas. Detestável expressão, minha linda, essa de quimeras loucas... O gume ácido das palavras que espantam sons e perfumes dos mitos, meu caro! E nunca poder ser senão a superfície posta em frente aos olhos. A bondade e a poesia escorrem viscosas da língua que prende todas as revoltas em nome do cansaço. Ser superfície, minha linda, como quadro ou mural de todos os atos apenas esperados. Todo amor é mineração em lagoas de graves traições. Todo amor é ferida, meu caro, em veios e perfurações. O de que não se fala.

«Eram falsas... Ama-se, porém, o olhar de todos os anjos, se não vazados, a manter a possibilidade de se amar olhos verdes, verdes. E uma alegria louca. Mas é melhor ouvir os avisos dos anjos estropeados que vigiam grutas e cachoeiras, desenlaçam tramas de trepadeiras e dissipam o veneno das damas-da-noite».

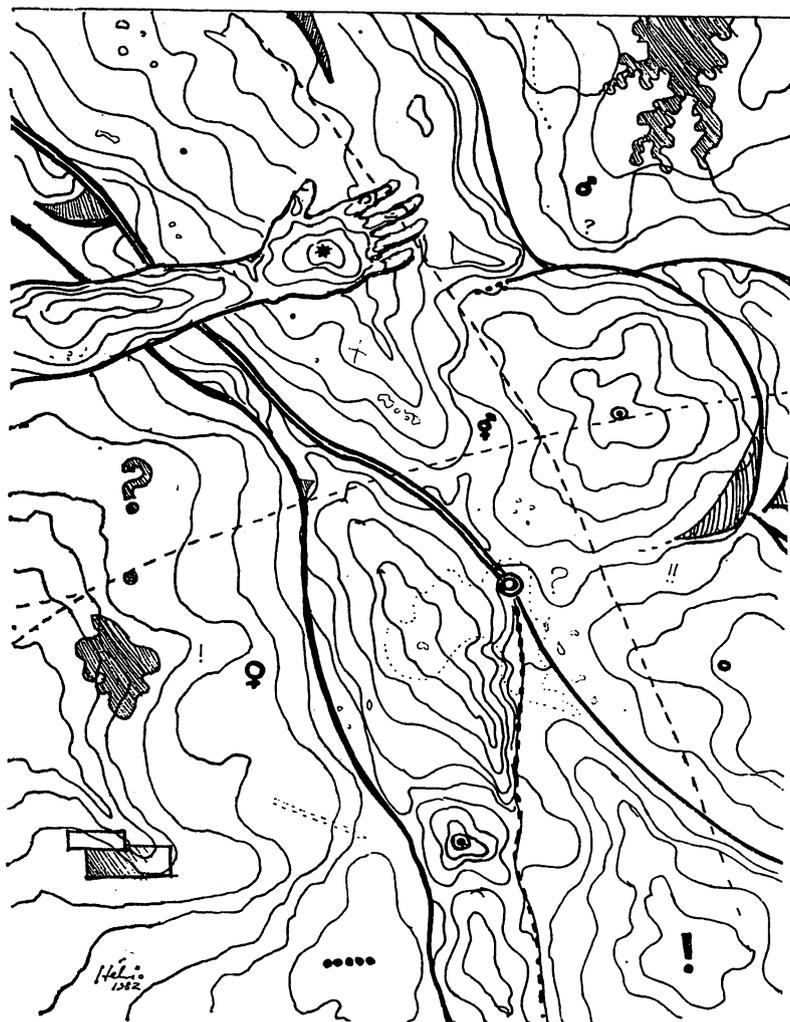
O que se fala. Esmeraldas, esmeralda. E o não evitar das falsificações interiores, minha linda? Que doem, mas não se refletem na superfície das muralhas mudas dos corpos. Quando muito, são visionices. Assim como os passos não soerguem senão a poeira dos vales mais profundos. Mas o íntimo segredo, meu caro? Sempre fazendo de conta, minha linda, como na casa de tantos contos dessas minas fantasiosas.

«Não foi bem assim. Naquele tempo, fez-se amor como ninguém soube. Não apenas o que se deu e largou por imprevisto. Todo amor é jornada ao país da loucura, às lagoas dos anjos de olhos vazados».

E chovem esmeraldas no ar lavado e trêmulo, chorando pelo impossível dos olhos encobertos. Há os mapas, meu caro! As luzes das estrelas, o sulco da água na pedra. No escuro, as mãos cegas se buscam, os corpos se unem. Inocentes seres alados debruçam-se pensativos sobre a superfície esverdeada das águas. Suavidade de abraços, enlaçar de lianas sôfregas, meu caro. Um sorvedouro de campanhas, minha linda.

«No entanto, eu sei. Nem sempre foi assim. Nem sempre houve a mesma necessidade de salas de vidro cheirando a violetas mortas onde esvoaçam asas embalsamadas. Tempo houve em que o olhar construiu o largo mapa da rota das montanhas dessas minas fecundas».

As mãos lentas nos cabelos, e o olhar vasto de quem sonha impossíveis recônditos. Esmeralda, esmeraldas... Que ninguém encontrou. Se pudesse, meu caro. Cada vez mais fundo, escavando, furiosamente escavando os trilhos e o fundo sulco que nos fazemos na rota de tudo. Não a fraude, o esterco, os planos lisos. Arrancando com os dedos rotos a voz de pedra dos marcos gravados, decifrando na pele as linhas cifradas. Os códigos secretos, meu caro. O mais precioso precipício. Que ninguém alcança sequer,



minha linda, pois cada um é irremediavelmente um e só, até no medo da morte sempre igual.

O que não se sabe. Esmeralda, esmeraldas. O tempo que nunca se teve, no seu transcurso confuso: exigências, mínguas,

desencanto. Na ponta do trilho, no cume do monte, no fundo da grota, que se encontrou? O tempo que lavra no marco confuso a imagem dos amantes enlaçados.

«A subida. A subida, embora. E a sensação enorme de paz reencontrada nas mãos cegas buscando o sulco deixado nas pedras, nas linhas da pele». Mas não é tudo diferente, à frente dos olhos que apenas fixam o vazio? Do corpo possuído, só o esboço ficou além do rosto que a mente esqueceu, apesar de muito amado. «A escalada, mesmo que seja nas asas cegas. O que a mente esqueceu faz o coração pulsar de amor por todos os rostos de possível contorno igual, sob as mãos que tateiam as trevas».

Esmeralda, esmeraldas. A única forma de amar, minha linda? Amar e reamar: sem rostos. Pois os olhos vazados escondem o que a mão nos cabelos, o ar como de quem sonha, constroem no tempo lasso.

A mão nos cabelos, e o tempo escorrendo vasto, pois só há corpos na superfície dos olhos redondos como gemas de preciosos ovos. Esmeralda, esmeraldas. Que ninguém vê. As lágrimas escorrem densas o verde líquido dos olhos de anjos mortos. Resta a superfície do rosto, visível apenas como a face das lagoas dessas minas perigosas.

Vupabuçu? Vupabuçu. Violetas vulnerárias, vulvárias frágeis nos silêncios verdes das lianas. Que nome dar aos seres alados que de amor desmaiam em abril?

As mãos nas ondas vastas do tempo verde, olhos cegados no fulgor de pedra do secreto código dos corpos lassos. Todo o amor é febre nas trevas de esmeraldas fugitivas.

UMA QUESTÃO DE POSSEIROS

Sandra Lyon

Solte os cães, mulher.

Sim, os homens vieram apurar uma questão de posseiros. Chegaram na noite, fardados ou não, montados num jipe que surgiu varando a escuridão com um farol só. O sono ainda estaria rondando aquelas estradas se o jipe não tivesse roncado, se não parasse próximo à casa com duas buzinas. Então, com isso, o posseiro, sem nenhum riso, e confirmando o presentimento de suas vigílias, afundou a mão na caixa de ferramentas e, de lá, retirou uma cartucheira. Decidido, avisou: que venham!

Veja, naquela casa parece ser um homem espiando na janela. Não está vendo uma espingarda na mão dele? Tenho medo desses que não fazem questão de mostrar que estão armados — que são esses que atiram. Cuidado. Uma espingarda é coisa fácil de estourar, companheiro.

Saia da janela, homem de Deus!

A mulher gritou enquanto agasalhava as crianças e abafou o choro delas com ameaças. Ali, não se acendia nem candeeiro ou lamparina até que o sol viesse comandar a situação. Porque na escuridão os olhos não se viam, e homem nenhum aventuraria ser perdedor ou ganhador de posse de terra alguma sabendo-se lá quantas bocas de fogo estariam esperando com raiva, prontas para disparar.

Não escutaram um barulho? Parecem passos, pés que se afastam. No começo foi como madeira rangendo, depois é como

se alguém tivesse pisando em folhas secas. Ou não ouviram? Que coisa, hein, companheiro? Tive a impressão de que duas a três pessoas deixaram a casa. Mulher e crianças? Não, não atirem. É, não prestei atenção, tão atentado que fiquei no homem e a espingarda na janela. Não viram uma sombra contornando a casa? Contornou, saiu atrás da cerca de arame farpado, bem depois da paineira.

A mulher foi instruída para ficar longe da casa até que pudesse voltar. Ela e as crianças dormindo no mato, meu Deus. Até quando? Desaforo: escorraçados da própria terra como cães danados. E a fome? O medo cresce agudo entre eles que se abraçam, enovelam-se, mudos, gelados, e o silêncio pesando sobre suas costas.

Até que a madrugada se desmanchou num dia tão cinzento como chumbo, os homens que permaneciam quietos nos seus postos foram se aproximando. Alguns vieram armados, outros com estopa e galões de gasolina. Alcançaram os cômodos apertados da casa. Então, o posseiro atirou: primeiro nos que estavam mais perto, depois virou a espingarda para os outros. A resposta veio rápida e certa.

Benditas são as mulheres que aprenderam a chorar, gemeu. E ainda deu dois passos para frente e desabou no assoalho: o corpo vazado pelos tiros.

A mulher sabe que não adianta, mas gostaria de chorar. De lá, de trás da touceira de capim, ouviu o tiroteio, e podia ver ainda o novelo de fumaça saindo da encosta, ao redor a roça de milho, o gado magro. Veja. Tudo tem um fim. Ali por perto, só o cheiro suado e doce dos alecrins, a lamúria das crianças seguindo os seus passos pela trilha, já não precisava ter pressa. Então, gritou do fundo do peito: Malditas são as leis deste mundo.

CLÓVIS, O COXO

Dullio Gomes

Aos dezoito anos Clóvis teve a primeira e mais completa consciência da sua situação de aleijado. Ele não era um aleijado comum, e sabia disso, mas aquela mulher o havia feito perceber a diferença que existe entre as pessoas fisicamente perfeitas e as que não o são.

Era a primeira vez que ele tinha ido com uma mulher para a cama e o que acontecera entre eles poderia ser classificado de catastrófico. Primeiro, ao retirar as calças, ele tropeçara nelas e a mulher dera uma gargalhada. Isso o enraiveceu. Quando estava sobre ela, não conseguia se movimentar com liberdade e a exata lascívia que a situação pedia. A mulher reclamara e por fim pôs-se a zombar de sua perna dura. Ele a esbofeteou. Depois, tomando café na cozinha de sua casa, meditou sobre o acontecido e chegou à conclusão que a sua vida, pelo menos a sexual, seria um inferno dali por diante.

Seu rosto não era dos mais feios; suas primas já haviam falado a esse respeito com ele. Tinha olhos verdes e finos cabelos avermelhados, uma cor entre o louro e o vermelho; seu nariz era bem feito e os seus dentes, absolutamente alvos e cada um no seu lugar. Quando Clóvis se olhava no espelho, sentia um certo orgulho de si mesmo. A natureza, de certa forma, o compensara. Ao imaginar, no entanto, suas futuras conquistas, sentia um estremecimento interior. Nenhuma mulher do mundo faria amor com ele sem pelo menos arriscar uma observação a respeito da sua perna e da sua maneira mecânica de amar. Por mais educada que ela fosse, haveria de dizer alguma coisa. Isso fez

nascer nele a convicção de que o melhor para si mesmo talvez fosse a reclusão. Poderia ser um monge e a sua abstinência sexual teria um sentido. Mas essa idéia não o seduzia muito. Talvez cometesse um sacrilégio, vestindo o hábito apenas para fugir a um ridículo amoroso. Se tenho de me penitenciar, pensou, que seja no mundo, claudicando na rua, no ônibus, arrastando a minha perna no verão ou puxando-a para dentro do elevador. Uma fina revolta brotou dentro dele, como uma flor escura. E a revolta, que era também compaixão por si mesmo, o fez solitário e amargo. Um amigo lhe emprestara «Erotisk Tvang», «Pleasure», «Cunts», «Sexy Girls» e «Private» para que ele se consolasse mas a náusea era maior que o amor solitário e ele andava nas ruas, agora, olhando as mulheres com um olhar de gato esquivo. Aos aleijados, dava esmolas cada vez maiores.

A caridade, que antes se prendia apenas aos aleijados, passou, com o tempo, a se estender a todos os tipos de mendigos e vagabundos. Clóvis sabia que isso não era caridade, na acepção cristã do termo, mas ódio contra o mundo e uma ligação de consciência com todos os mutilados, infelizes e desgraçados da sua cidade e, por extensão, do mundo.

Aos vinte e cinco anos, já na Universidade, Clóvis havia desenvolvido uma relação quase física entre si e toda uma colônia de mendigos e desocupados que já conheciam o toque surdo de seus passos e logo viravam os rostos iluminados para ele e, se arrastando, correndo, tropeçando em trapos, erguendo braços ávidos e murmurando Clóvis como quem pronuncia o próprio nome do Anjo Salvador, o abraçavam como um igual. Clóvis suspeitava desse amor, que conquistara com dinheiro. Mas preferia não pensar muito sobre o assunto, temendo perder também os seus únicos amigos. E, cada vez mais pródigo, na medida de suas posses, fazia o seu dinheiro circular entre os pobres.

Seu rosto, agora, era duro. Apesar do amor sem rancores que passara a fazer com as mendigas suas amigas, sob as pontes, em cada esquina escura do subúrbio, sobre os trapos daquele mundo marginal que ele acalentava como um pastor dos oprimidos. Seus colegas, na Universidade, lhe diziam que ele era o Protetor da Escória, o Rei Claudicante e sem coroa do Lixo. Ele

não se importava e continuava a andar pelas ruas, de madrugada, distribuindo dinheiro, roupa e comida entre os amigos. Algumas vezes, como um leão cansado, chegou a dormir sob as pontes, experimentando o gosto total do infortúnio e do inferno de ser só. E quem passasse por ele, de manhã, o tomaria sem nenhum esforço por um dos mendigos que, às centenas, existiam na cidade.

Clóvis, agora, morava em uma pensão. Comprara alguns livros e passara a ler entre os estudos da Universidade e as suas incursões de caridade. Convidava os seus amigos mendigos para visitá-lo e na maioria das vezes o seu quarto de pensão era pequeno para abrigá-los. Então eles se penduravam nas janelas ou se espremiavam na porta.

Emocionado, ele iniciava aquilo que vinha imaginando há algum tempo. Seria a celebração dos seus anseios. Fechado em seu quarto, apertou válvulas, ajustou pavios e diafragmas. No futuro seria a fissão do plutônio. Um líder nascia com um projétil de fabricação caseira.

Clóvis, o coxo, voou com a sua matéria explosiva naquela tarde de junho. Os mendigos não quiseram acreditar que ele os havia abandonado. E durante muito tempo comentavam, em volta de uma fogueira ou fitando o fundo de uma lata de sopa, a bondade e o amor iluminado de Clóvis, um sujeito que não era um dos seus mas que se misturara a eles, repartindo dinheiro e consolo como um mártir, um anjo, um visionário.

O JOGADOR

Plínio Carneiro

— Mardade, correria e gol de cara.

Era o técnico falando, a turma assentada no chão do vestiário, todos atentos ao palavrório do crioulo, magro e de dentes podres, que pedia muito sangue, suor e lágrimas para a partida decisiva.

— Os atacante vão jogar igual rabo de cavalo, correndo de um lado para o outro; os pontas artiando a bola na ária para imperrear os beque, o centefor na espia, os armador alimentando o ataque.

O garoto Asman, dono da camisa oito, tinha vontade de mandar o técnico calar a boca, parar de soltar cuspe na cara dos jogadores do impávido time de subúrbio, sempre que o Vigilante começava a dar as instruções. Mas nada, todos ficavam olhando para aquele homem magro, um preto desbotado que gostava de passar a mão nos meninos do infantil.

— Os beque fica igual folha de bananeira, caindo pros dois lado, porque é preciso cuidado com o ataque deles, igual a acesso cardíaco, de tão fulminante. É um ataque que nem moleque ladrão: um abaixa o galho e o outro colhe a fruta; um aperta o pescoço, o outro corta a língua.

Os tornozelos inchados, as faixas comprimindo a dor, as joelheiras — muletas psicológicas, segundo o doutor — para lembrar que ele não podia fazer certos movimentos, Asman não abria a boca, dependia de seu passado para garantir o futuro. Antes jogador famoso, de time grande, agora era mostrar a sua

envelhecida arte no Carijós, time do gerente do banco onde arranjava um emprego de contínuo.

— X —

Ele nem se lembrava direito como tudo havia acontecido. No petiz, no infantil, no juvenil: todos queriam tirar fotos e abraçar aquele garoto magro, mulatinho das pernas finas, que fazia o domingo ficar melhor quando entrava em campo para defender as cores do Racing. Uma gigantesca águia cobria todo o seu peito, desenhada na camisa branca do time que havia pago um bom dinheiro para que ele saísse do Expressinho, equipe de sua rua. Semi-profissional, semi-amador aos dezoito anos, Asman fazia a alegria dos diretores da firma que sustentava o Social Clube Racing, um intrépido esquadrão de rapazes que ficava às vezes até cinquenta jogos sem perder.

Muita gente falava mal dos diretores e do técnico do time. «Eram todos bizorrões, gostavam de garotos», mas ele nunca notara nada. Queria ser jogador, não conseguira passar do segundo ano de ginásio, gostaria tanto de seguir os passos do Toró, do Guano, do Careca e do Tacho, que haviam saído do Expressinho diretamente para o profissional.

A sorte demorou, mas chegou em um domingo à tarde, quando o Racing ganhou a taça «Melhor dos Melhores» no festival do Pitangui Esporte Clube. Naquele dia, ele fez de tudo: atacou, defendeu, marcou os dois gols da vitória. «O garoto da camisa oito não podia jogar tanto futebol assim, como quem brinca de pegador com os adversários. Correndo e driblando como um artista que tira um acorde de seu instrumento, como quem desenha no chão um arabesco com a bola, somando mais um drible entre as pernas do adversário...» dizia um recorte de jornal no dia seguinte.

E foi no dia seguinte que o cronista de futebol amador, o Monkey, apareceu em seu barracão acompanhado de um sujeito baixinho, gordo e suarento, querendo falar com ele. Era a sorte que chegava em forma de um convite para treinar no time profissional. A mãe, cheia de agrados, oferecia banquinhos para

todos se assentar; as duas irmãs, entusiasmadas, ficavam espian-
do de longe, rindo do jornalista que fazia caretas para elas.

Asman foi para o profissional, levando todo o seu entusiasmo. Um escaninho com seu nome, o material de treino e de jogo — chuteiras, faixas, sungas, calções — tudo fazia parte de um universo que sempre perseguira. Na concentração, uma cama para ele. O mundo estava se abrindo para que entrasse com seu futebol.

— X —

Ah, como ele gostaria de ser como o Paulo Cavalinho, que sempre dera sorte na vida. Nascido de sete meses, Cavalinho se transformou num gigante aos vinte anos: os dentes brancos, o cabelo liso sem precisar dos henês, as pernas grossas — um becão que fazia sucesso em São Paulo. Aos três anos, Paulo Cavalinho caíra em um buraco de vinte metros nos fundos de seu barraco. Caiu dentro de um chiqueiro, matou o porco que serviu de aparo e não teve nada. Filho de pais pequenos, era alto e forte; de família mulata, era um misto de puri — nariz fino, cara quadrada, o dodói das meninas.

Asman, filho de pais fortes, era franzino. Tivera uma infância normal, de catapora, sarampo e coqueluche, mas estava sempre com dor no corpo. Sua aparência às vezes era tão ruim que até seus pais se espantavam. De nome Ismar dos Santos, ganhou o apelido de Asman quando seu colega Dangola, ao anunciar a vitória do Expressinho no alto-falante das barraquinhas da igreja, o chamou de Ismar, o Asmático. Daí para Asman foi um pulo.

Ah, como ele gostaria de ser como os colegas que continua-
vam a jogar bola sem as dores incômodas, ora nos joelhos, ora nos tornozelos. No começo, os médicos achavam que a dor era nos meniscos: os quatro foram retirados; depois disseram que era gota, doença de velho. Mesmo no profissional, as dores não cessavam, apesar de seu esforço em adquirir um físico que o defendesse das contusões.

Como gostaria de ter tentado a Austrália, para onde o Alan fôra e era ídolo. Ou mesmo a América do Norte, onde o

Argeu e o Carioca jogavam até hoje, 35 anos nas costas e muitos dólares no bolso. Antes, ele poderia ter ido para a Venezuela, o Eldorado do veteranos, mas agora tudo estava ficando muito difícil.

Quando as dores apertaram, após dois anos no profissional, foi examinado por muitos médicos, que chegaram a sugerir serem as dores psicológicas. Como medir a dor, se não há sintomas? Ali começaram os boatos: pipoqueiro, afinador, treme-treme. De astro passou a reserva, de reserva a esquecido. Quando acabou o contrato, ninguém o procurou para renovar. Dois anos de glórias, tapinhas nas costas, dinheiro para comprar roupas finas — de uma só vez, na conquista do campeonato estadual, saíra da loja com vinte camisas, compradas com uma pequena parcela do bicho.

Ele tentara tudo, até despachos. Um velho preto cozeu seus pés, seus tornozelos, os joelhos: «Quê foi, carne quebrada, nervo afastado, quê foi?». Asman, pés descalços em cima de uma toalha molhada, a panela de ferro emborcada sobre uma bacia, o velho com um pedacinho de pano, a agulha conduzindo a linha: «quê foi...?»

Tentara mesmo de tudo. Chá de boldo, garrafadas, supertições. Só entrava no campo com o pé direito, fazia o pelo-sinal cinco vezes no vestiário, entrava na corrente de mãos-dadas antes das partidas. Tentou até o que não acreditava: vassoura atrás da porta, figuinha no pescoço, batidas na tampa do vaso sanitário, deixou crescer a unha do dedo mínimo das mãos até virar garra — só treinava com a camisa 17, seu número de sorte, o macaco.

Ele se lembrava de tudo enquanto o técnico Vigilante ia dando as instruções. No seu começo como profissional, todos os olhares eram para as jogadas que criava. Em seus dias felizes, até os adversários vinham cumprimentar. Seu pai, ligado no radinho, sorria quando os locutores falavam no nome do filho, «um azougue, um cracão de bola».

Em dois anos, conseguira ofuscar os craques já conhecidos. Ganhava prêmios das emissoras de rádio, dava entrevistas demo-

radas, era escalado nas seleções estaduais — já falavam em seu nome até para o escrete nacional, a glória total.

Dias de glória, a viagem à Europa, a vitória sobre o campeão espanhol e campeão europeu, com um gol seu no último minuto, de calcanhar. Jornais, televisões, rádios na volta do time, invicto no Velho Mundo. Tempo de mulheres bonitas, amigos, muito dinheiro no bolso, a sensação de que a boa vida nunca iria se acabar.

Em três anos, o sonho acabou. Ele se lembrava até da sua última partida no time titular. Era uma quarta-feira, o estádio quase vazio, começo de campeonato, contra um time fraco do interior. Há muito tempo sentindo dores incríveis nas pernas magras, ele não dizia nada, com medo da reserva. Naquela noite, tomara dois comprimidos que havia ganho de um colega, veterano e malandro, para tirar a dor.

Naquela noite, a chuva espantava a vontade de entrar nas bolas divididas, todo mundo se resguardando das contusões. Mas ele jogava como nunca, estimulado pelos comprimidos, amansando a bola, dócil. Até que, no meio do segundo tempo, teve o pressentimento de que só tinha corpo da cintura para cima. Saiu de campo na maca.

— X —

— Quem tiver na meiúca tem que alimentar o ataque, igual a balaio de pastel. E todo mundo tem que correr, dar prego de cabeça se for preciso; bater o corner e correr pra cabecear. Nada de fricote, que futebol é pra homem.

O técnico Vigilante estava no meio de seu «período instrucional», como chamava. E era sempre a mesma latomia, não mudava nunca. Quando o jogo começava, o técnico tomava duas talagadas de pinga e fechava a boca. No intervalo, ganhando ou perdendo, ele só falava: «Cês faz o que sabe fazer. Eu não vou ensinar ninguém a jogar bola. Cês vão lá e ganha o jogo, certo?».

Asman sempre ficava com o pensamento longe do período instrucional, apesar de apresentar um rosto sério, atento, que agradava ao técnico e ao presidente do clube, sempre de pé, no

canto do vestiário. E que saudade das preleções dos técnicos entendidos, dos cobrões internacionais, que mostravam as jogadas no quadro negro, ensaiavam os ataques usando times de botão. Eles pediam a opinião dos jogadores. Agora, naquele cubículo fedendo a urina que servia de vestiário, ele era obrigado a ouvir uma torrente de besteiras.

Estava sempre longe, lembrando com saudade até de seus tempos de reserva, ganhando a metade dos bichos na moleza, sem responsabilidades, entrando no finzinho dos jogos: ora, quando a partida já estava ganha e ele fazia uma figuração dos diabos, mostrando a torcida que ele era mais ele em campo, que o técnico deveria escalá-lo de cara: ora, quando a partida estava perdida e ninguém iria esperar que ele fosse o salvador da pátria.

Um tempo de comer e dormir sem precisar arriscar as suas finas canelas entre os selvagens beques adversários. Um tempo em que seu time entrara na ressaca de um campeonato vencido, o declínio de uma equipe que já não tinha o Asman para virar os jogos, um time que durante quase dois anos jogara em função de um craque e agora se ressentia.

Nos coletivos, Asman ainda era um destaque; nas físicas, ficava horas levantando pesos com as pernas, fortalecendo o quadriceps por causa da ausência dos meniscos. Depois, eram as dores violentas nas pernas, os comprimidos tomados diariamente.

Ele se lembrava das últimas partidas, a torcida impaciente com a má fase do time. Num daqueles jogos, ele jogara tão mal, fôra tão bizonho, que até seus colegas sentiram pena. Naquela noite, o que se via em campo era um jogo feio, todos pedindo a Deus que o juiz terminasse a partida aos 15 minutos do segundo tempo.

Ele se lembrava. Seu cadarço desamarrou e, numa corrida, levou um tombo feio, provocando risos até do juiz. Naquela noite, nada dava certo: matava as bolas na canela, cabeceava com o nariz, chutava a grama, cruzava a bola por detrás das traves. Tudo dava errado: torceu o tornozelo, perdeu gols feitos e acabou expulso. Saiu pensando consigo mesmo que «desgraça pouca é bobagem», levou uma bronca do técnico, uma sonora vaia da torcida e o time perdeu a última esperança que tinha de

se classificar. Era o seu canto do cisne, daí pra frente foi uma ribanceira.

— X —

— Urubu quando tá de azar até na laje ele atola. Nada de ficar ciscando igual galinha, uma bicadinha aqui, outra ali — futebol é bola pra frente, o negócio é chutar de bico no canto que o goleiro não tá.

Era uma figura escrota, o Vigilante. Quem o definia bem era o meio-campo Roberto Pipote, que havia entrado para o Carijós junto com Asman. Depois de doze anos jogando juntos em vários clubes, Asman e Pipote faziam uma dupla inseparável. Uma temporada aqui, outra ali, defendendo às vezes quase que só a cama e a comida, os dois sobreviviam com o futebol.

Fôra uma demorada maratona, primeiro pelos clubes menores da primeira divisão, depois na segunda e, mais tarde, até nos times amadores do interior. «Estavam jogando com o nome», diziam os que se lembravam dos dias de glória dos dois, «o melhor meio-de-campo que passara pelo Estado». Estava nos recortes de jornais que ambos guardavam com carinho.

Dez anos andando como judeu errante. Sem direito a casa-mento, a passar o Natal com a família, às vezes perdido no interior do Amazonas, às vezes esquentando banco em um time do Rio Grande do Sul. As pernas doíam, fazia uma partida boa hoje, uma regular amanhã, os comprimidos guardados no bolso para a dopagem que se tornara imprescindível.

Dez anos rolando como a bola que tanto o atraía, anos de farras depois dos jogos, o cigarro careta se confundindo com o fuminho, a bebida se misturando com os picos. Um despenha-deiro. Às vezes passava seis meses jogando como um craque, garantia a renovação do contrato e, na outra temporada, era um fiasco.

E depois de doze anos, os precoces cabelos brancos cobrin-do as têmporas, as pernas atrofiadas pela dor, ele conseguira o emprego de contínuo no banco onde o seu Jorge era gerente. Conseguira, mas com a condição de tomar conta, ele e Roberto



o destaque...
apontado como...
... e cotado até
chegar à Seleção Brasileira

... acabou perdendo
o, ficando de fora de...
... sempre dizia que estava sentindo dores
enquanto, os médicos garantiam
que estava curado. Havia alguns
... afastou do time, escalan-

Pipote, do meio-campo do Carijós. Morava sobre o vestiário, era o ídolo da garotada do bairro, ficava jogando sinuca e baralho a noite inteira, trabalhava meio horário e podia tratar das pernas, enroladas com toalhas quentes quando ia dormir. Escondido, para ninguém saber.

— X —

— No comecinho, vamos frevê na ária deles que eles apavora. Vamos colá neles igual mulher ciumenta. Esse time que a gente vai jogar só tem pereba, só pustema, mas a gente não pode facilitar. Se eles chegou até a decisão é porque tem valor. E eles falaro que somos um bando de pernetas, uns lustribas que só mata a bola de sola...

— O juiz é pilantroso, conheço ele. Se tiver na gaveta deles, a gente mela o jogo no segundo tempo...

— Ocê marca o dez deles, que tem um gingado de escola de samba — é bom de bola ou então é um tremendo enganador, um bola murcha...

— Ocês dois tem que dar pau ali na lateral, o ponta-esquerda deles é bom, apesar de ser um velho caimbra, de cambitos finos, bananeira que já deu cacho...

— Ocê vai jogar igual macadame, alisando o terreno para a entrada dos homes da meiúca...

— Olha lá, hem, chapéu de trouxa é balaio de chuchu e feixe de lenha...

ENSAIOS

MISSA DO GALO — UMA REAPRESENTAÇÃO DE UMA REPRESENTAÇÃO

Suzana Cardoso Teixeira de Salles *

Este trabalho procura analisar o conto de Machado de Assis, «Missa do Galo»,¹ partindo dos conceitos de representação teatral, lúdica e ritual. É possível associá-lo a uma representação, onde o narrador faz a reapresentação de seu sonho, imaginação proposta como realidade, representando o antigo «jogo» de Adão e Eva por meio do qual é introduzido ritualisticamente no mundo dos adultos.

1. Teatro

Procuramos discernir os elementos de representação teatral contidos no conto, quanto a seus aspectos referenciais de imaginação (a peça e seu autor); ilusão, fantasia e transmutação psicológica (atores/personagens e espectadores); ambiente e desejo (palco e bastidores).

1.1. A peça e seu autor

A narrativa da «Missa do Galo» é uma reconstituição de um momento aparentemente sem importância, mas que se revela essencial pelas emoções, impressões, mudanças e sentimentos

* Aluna do curso de Teoria da Literatura — Análise do Discurso Literário — Profa. Ruth Silviano Brandão Lopes

1. Esta análise baseia-se na edição da Obra Completa de Machado de Assis — Vol. II — Págs. 584 à 589. O conto «Missa do Galo» pertence ao livro **Páginas Recolhidas**.

que despertou no narrador. O conto é uma tentativa de reproduzir, através da evocação, a cena original guardada na memória de seu narrador que procura, atrás do que foi realmente dito, decifrar o enigma (invisível) apresentado sob forma de máscara (no nível visível). Procura ver o que permaneceu na penumbra, escondido atrás da máscara/disfarce.

Na sua tentativa de entender «a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta», conforme suas palavras, o narrador insinua, imagina e acaba por determinar a atitude de sua companheira. A narrativa, fruto de sua imaginação, de uma ilusão, é a expressão de seu desejo. Não é a reprodução da realidade, sendo, antes, uma transfiguração e interpretação dos sentimentos do narrador que representa em sua peça vários papéis. É o autor, mas transmuda-se em ator, ou seja, personagem fictício por ele mesmo imaginado, ao mesmo tempo em que é o espectador da representação de sua própria obra: Conceição.

Seu múltiplo papel, como o de todo narrador/personagem, dá-nos uma visão limitada do que realmente teria acontecido. Não é um narrador digno de confiança, pois «há impressões dessa noite, que me parecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me».

1.2. Atores/personagens e espectadores

O ator identifica-se com a personagem que representa, até que chega um momento em que a realidade e aparência se confundem. O papel (imaginário) que representa é proposto como realidade, levando o ator à ilusão.

O. Mannoni,² abordando o teatro pelo seu lado imaginário, coloca em primeiro plano a ilusão. O homem vive de ilusões. Assim como a criança brinca de adulto porque deseja ser adulto, o adulto deseja ser um herói. O teatro permite ao homem identificar-se com um herói, com um ideal. Permite o que a vida não

2. MANNONI, O — «A ilusão cômica ou o teatro do ponto de vista do imaginário» in **Chaves para o imaginário**, Ed. Vozes — Petrópolis — 1973.

permite. No teatro o homem realiza seu desejo de levar outra vida. Quando a cortina se levanta, as potências imaginárias do EU são ao mesmo tempo liberadas e organizadas — dominadas pelo espetáculo. Pode-se dizer que a cena do teatro se torna extensão do EU com todas as suas possibilidades. Como no sonho.

Um ator revela, ao representar um papel/personagem, toda a sua reserva de papéis imaginários, todas as vidas que não viveu.

No público, como no palco, há alguém que deve ser enganado, iludido. É quando o teatro produz seu efeito: uma inquietação particular e o sentimento de estranha novidade que acompanha o retorno do desejo recalcado. Tudo isto é dosado e se desfaz aos poucos. Não leva a nada. Somos solicitados a uma identificação e depois liberados. A ilusão é alojada na cena do sonho. Depois da representação, de uma certa maneira, nós acordamos.

Nogueira, ébrio de Dumas, vai às aventuras como um herói mítico, aventureiro, cavaleiro fora de sua realidade, mas de acordo com seus ideais romanescos de adolescente. Solicitado por Conceição, recria sua personagem. Passa a ser o herói romântico de Macedo,³ estudante, ingênuo, que faz do amor um jogo. Herói ingênuo e inexperiente, precisa de uma atriz que o seduza, dando realidade a sua imaginária aventura. Sua personagem nasce da necessidade de viver histrionicamente seu desejo.

Conceição, enquanto atriz do desejo de Nogueira, dissimula, oculta suas intenções, mascara-se. Mostra-se enganosamente, disfarça a própria aparência, chegando a parecer, mimeticamente, com os objetos que a cercam. Nogueira pensa encontrar brechas, que o levariam à luz, nos gestos, olhares e palavras que Conceição deixa escapar, sempre de modo ambíguo e obscuro. Seria santa ou sedutora? Trapaceira, calculista ou simplesmente uma mulher cujo «círculo de idéias era estreito»? Cleópatra ou Nossa Senhora da Conceição? Branca — pura — como seu roupão ou preta — impura — como suas chinelas?

3. A intriga do romance *A Moreninha* de Macedo começa com um jogo, uma aposta feita entre dois amigos. Como veremos, a seguir, a conversação entre Nogueira e Conceição pode ser encarada como um jogo.

O espectador, acompanhando o desempenho do ator, é iludido e seduzido por seu discurso, torna-se seu cúmplice. Participando da representação, entra no mundo do irreal, alivia suas tensões, experimentando a catarse.

Nogueira, espectador das evoluções de Conceição, transfere para ela o seu desejo. «O lugar do imaginário é o EU do narcisismo, o lugar dos reflexos e das identificações». ⁴ O narrador concebe a representação como um espelho. A cena torna-se extensão de seu próprio EU, como no sonho. Vê, refletido em Conceição seu próprio sentimento que, interdito, deve ser mascarado. Pensa desmascará-lo ao tentar reconciliar a representação com a realidade. Cria uma nova Conceição, projeção e disfarce do seu desejo: «ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima». Chega um momento em que — reflexos de sua própria ambigüidade — realidade/aparência, mentira/verdade, ser real/ser criado confundem-se. Transformam-se em sonho do qual acorda, terminada a representação.

1.3 O palco e os bastidores

O palco do conto é o espaço onde é representada a conversação de Nogueira e Conceição. O ambiente teatral cria uma atmosfera sensual que envolve as personagens, produz e estimula a sensualidade:

— A iluminação indireta de um candeeiro a querosene, que propicia jogos de luz e sombra, claros e escuros, personagens que aparecem e desaparecem, tornando-se misteriosos.

— O cenário com sua mesa no centro da sala, cadeiras, canapé, cortinas, janelas e portas, espelho e quadros na parede, possibilita a marcação teatral do conto: «sentei-me à mesa», «Conceição entrou na sala», «foi sentar-se», «ergueu-se rapidamente e deu alguns passos», etc. Ida e vinda marcada pelo diretor, representada com o intuito de seduzir prendendo e envolvendo a atenção de Nogueira.

4. MANNONI, O — op. cit. pág. 177.

Nos bastidores, espaço do desejo e também da lei, do interdito, dos corredores, da penumbra, daquilo que não é visto pelos espectadores, encontram-se:

Menezes — «Naquela noite de Natal foi o escrivão ao teatro». O palco está livre para Nogueira e Conceição. Mas, enquanto marido, o escrivão continua sendo o representante da lei. Mesmo ausente, interdita o sonho de Nogueira, como o camundongo, castrador, que roe em seu gabinete.

Dona Inácia — A mãe, representante da família, dorme em seu quarto, «está longe, mas tem o sono muito leve» e pode acordar.

O amigo — representante da sociedade, ao bater à janela funciona como o coro nas tragédias clássicas. Na tragédia, defrontam-se «a opinião pública encarnada pelo coro e o herói, diante de cuja ação o coro muitas vezes se mostra reticente, suspeitoso, senão diretamente crítico ou colérico». ⁵ O coro é uma fala em oposição à fala do herói que não é um mestre da verdade. O coro acusa, poda, interrompe o sonho/desejo de Nogueira.

O desejo — que planta suas sementes no inconsciente de Nogueira. A consciência não permite que ele venha à luz, que se manifeste. Cria-se o espaço do interdito, espaço de sombra. O desejo, irrealizável na realidade, permanece no inconsciente, manifestando-se, somente, através do sonho e da imaginação, numa evasão da vida real.

2. O jogo

O jogo ⁶ é revestido de mistério, na sua esfera as leis e costumes da vida cotidiana não têm valor, somos e agimos diferentemente. Há uma abolição temporária da realidade que é revestida, pelo homem, com fantasias. O jogo é uma representação de movimentos, idas e vindas, peripécias, alternâncias, encadeamentos e desfecho.

5. COSTA LIMA, Luiz — **Mimese e Modernidade — formas das sombras**, Ed. Graal Ltda. R.J. — 1980. Pág. 19.

6. As noções de jogo utilizadas neste trabalho foram extraídas de HUIZINGA, J. **Homo Ludens**, Gallimard — France — 1951.

Nogueira vê nas idas e vindas, nos gestos e falas de Conceição, um jogo. Jogo dissimulado, misterioso, representação. Conceição fala através de símbolos que funcionam como máscaras. Torna-se uma outra pessoa, um mistério que ele nunca pode entender. Nogueira pretende arrancar a máscara, decifrar os símbolos e o enigma. Interpreta a conversação procurando o significado daquilo que está visível e do que está invisível. Concilia, assim, representação e realidade na tentativa de desmascarar o jogo.

Todo jogo possui regras imperiosas e indiscutíveis que determinam o que terá força de lei no seu espaço temporal. Assim que as regras são violadas, o universo do jogo desmorona-se, a todo momento a realidade pode retomar seus direitos. O infrator deve ser eliminado porque, rompendo com o estabelecido, a lei, ameaça a harmonia do jogo.

Nogueira e Conceição representam o jogo de Adão e Eva. Assim como Eva é criada a partir de uma costela de Adão, Conceição é o produto do desejo de Nogueira. A Conceição sedutora, que joga e insinua foi criada na imaginação e sonho de Nogueira.

O desejo desempenha o papel da serpente, da tentação. Entre o desejo e sua realização — infração — impõe-se uma barreira, o espaço do interdito, a lei. Nogueira e Conceição são tentados pelo desejo a romper com as leis do matrimônio e entram no espaço do sonho: Conceição «devaneando» e Nogueira numa «espécie de sono magnético». São acordados pelo roer de um camundongo no gabinete de Menezes. O camundongo é o representante da lei, o juiz que os expulsa do paraíso — sonho — onde são realizados os desejos, onde são violados os interditos. O camundongo, consciência, auto-censura, castrador simbólico, corta, rói, inibe e interdita o desejo.

Assim temos,

Jogo de Adão x Eva: Jogo de Nogueira x Conceição

Onde,

Eva: Conceição :: Adão: Nogueira

Serpente: desejo: Deus :: camundongo

Pecar: sonhar :: expulsar: acordar.

3. Ritual

O ano litúrgico dos cristãos é dividido em ciclos. O advento, período de quatro semanas com que se inicia o ano, é um tempo de preparação para o natal. Segundo Mircea Eliade,⁷ entre o fim de um ciclo e o início do ciclo seguinte realiza-se uma série de rituais que visam à renovação, à recriação. Assim, temos rituais que celebram o início de um ano novo, semelhantes aos que celebram a entronização de um novo rei. Toda mudança é seguida de um ritual.

Nogueira, adolescente, encontra-se num ponto de transição. Frango, «nunca tinha ido ao teatro». Chegando ao fim do advento, tinha três chaves/rituais que abririam para ele a porta do seu «natal», seu nascimento como homem, como «galo». «Tinha três chaves a porta»:

«Uma estava com o escrivão» — **O teatro de Menezes** — «mais de uma vez, ouvindo dizer ao Menezes que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo».

«Eu levaria a outra» — **a missa do galo na corte** — «eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o natal para ver a missa do galo na corte».

«A terceira ficava em casa» — **a missa de Conceição** — «todas as missas se parecem» «em casa de família é que não acho próprio».

Essas três chaves vão abrir-lhe o espaço do simbólico e propiciar-lhe a passagem para a vivência do social e da lei. Menezes é o representante da lei — rei — enquanto escrivão e marido. Saindo para o «teatro», subverte a lei do matrimônio, mantendo, porém, fora de casa, a lei do «galo», do «macho». Perde seu lugar de rei dentro de casa. É deposto, dando lugar a Nogueira que é entronizado como novo rei. A entronização será feita por Conceição, que o concebe e faz nascer como homem, **filho** de seu desejo, nele despertando a sexualidade e como **rei**, fazendo-o reproduzir o papel de Menezes, o marido. Conceição tem, pois, caráter duplo, ambíguo:

7. ELIADE, Mircea — **Mito e Realidade**, Ed. Perspectiva — S.P. 1972.

— Sagrado — Nossa Senhora da Conceição, a que concebe, criadora. **Produtora**. «Boa Conceição. Chamavam-lhe a santa».

— Profano — Cleópatra, sacerdotiza, rainha, sedutora. **Produto** do desejo de Nogueira.

Temos,

Conceição: mãe: produtora :: Nogueira: filho: produto

Conceição: rainha: produto :: Nogueira: rei: produtor.

A entronização é sacralizada na «missa do galo», durante a qual «a figura de Conceição interpõe-se mais de uma vez» entre Nogueira e o padre. Há uma dessacralização da missa — ritual para onde se dirigem os bons e os eleitos a fim de participarem da comunhão de que não participam os pecadores, aqueles que perderam, como Adão e Eva, a pureza original.

Conclusão

Ao reconstituir a cena, o episódio original, o narrador faz uma representação, transfiguração gerada pela «trama» enredo-desejo, ou seja, pela projeção do real sobre o imaginário e vice-versa.

Em sua narrativa-pretexto, o autor/personagem desperta ou decodifica seus sentimentos antagônicos, prisioneiros de padrões sociais, castradores e ao mesmo tempo, contraditoriamente, liberados pela fantasia, imaginação. A partir de seu relacionamento com determinada senhora, constrói sua narrativa, fruto de suas impressões e do seu desejo e, assim, centrada na ambivalência.

A peça tece as sutilezas do significante, expõe teatralmente o apolíneo e o dionisíaco, compreendidos como o real e o desejado, o racional e a fantasia, a censura e a liberação, inerentes ao dualismo do comportamento do homem.

AS VEREDAS DO SERTÃO ROSIANO

Luiz Otávio Savassi Rocha *

Não obstante toda sua complexidade, o romance **GRANDE SERTÃO:VEREDAS** (GS:V) de João Guimarães Rosa pode ser visto, em última análise, como um longo monólogo (ou «monólogo-diálogo») do ex-jagunço Riobaldo, diante de um interlocutor bem mais culto e instruído que se hospeda em sua fazenda por uns poucos dias. O encontro com o interlocutor oferece a oportunidade para a confissão de Riobaldo,¹ na medida em que aquele assume uma atitude empática:²

1. O jagunço Riobaldo, moço, seria o *homo actuandi* («quem mói no aspr'o não fantaseia») e o velho Riobaldo o *homo cogitandi* («Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia»). A substituição do primeiro pelo segundo faz surgir a narrativa, proporcionando a transformação da travessia geográfica pelo sertão em travessia do próprio ser, espaço de revisão do vivido e tentativa de captar o significado «do que houve e do que não houve» — não obstante o pressentimento de que «a vida não é entendível».
2. «A empatia envolve penetrarmos sob a pele de outra pessoa e vermos o mundo com seus olhos. Os índios se referiam a «andar com o sapato do outro antes de julgá-lo». A empatia envolve experienciar o mundo de outra pessoa como se fôssemos essa pessoa». Em: Robert Carkhuff — O relacionamento de ajuda, Cedepe Editora, Belo Horizonte, 1976.

* Professor Assistente do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFMG.

«O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isso mesmo. Falar com um estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo».

(GS:V, pg. 33)

«Sendo isto. Ao doido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença».

(GS:V, pg. 79)

«O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo; e escute desarmado».

(GS:V, pg. 86)

Como o interlocutor não interfere uma única vez na longa narrativa, permanecendo mudo todo o tempo, cabe ao próprio Riobaldo encontrar soluções para seus problemas existenciais e sua grande inquietação, devendo fazê-lo apenas com os recursos de que dispõe:

«Ah, aquele dia me carregou, abreviei o poder de outras aragens. Cabeça alta, digo. Esta vida está cheia de ocultos caminhos. Se o senhor souber, sabe; não sabendo, não me entenderá. Ao que, por outra, ainda um exemplo lhe dou. O que há, que se diz e se faz — que qualquer um vira brabo corajoso se puder comer cru o coração de uma onça pintada. É, mas, a onça, a pessoa mesma é quem carece de matar; mas matar à mão curta, a ponta de faca».

(GS:V, pg. 119)

Isto posto, parece pertinente a opinião do escritor e psicólogo **Dante Moreira Leite**³ quando sustenta que o **Grande Sertão: Veredas** deve ser entendido como a «sessão psicanalítica de Riobaldo» e afirma que «o romance somente adquire sentido diante do interlocutor» (ao que, por extensão, seria lícito acrescentar: e/ou diante do próprio leitor).

* * *

Em ensaio publicado na revista **Diálogo** (novembro de 1957) assim se expressou o crítico literário **Antônio Cândido**:

«Na extraordinária obra-prima, **Grande Sertão:Veredas**, há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na capacidade de inventar».

Com efeito, o «saber ler» a que se refere Antônio Cândido torna-se imperativo já a partir do título do livro; isto porque a maioria dos leitores desconhece o significado da palavra **vereda**, no sentido em que a emprega Guimarães Rosa. Pois **vereda**, no contexto rosiano, e ao contrário do que geralmente se supõe, não é caminho — é **OASIS**. Movido por dúvida semelhante, o professor **Edoardo Bizzarri**, incumbido de verter para o italiano as novelas de **Corpo de Baile**, escreveu a Guimarães Rosa pedindo-lhe sua «definição de vereda» e adiantando que procuraria introduzir a palavra em sua própria língua, como indicativa de uma realidade típica e intransponível». ⁴ A resposta dada por Guimarães

3. **Dante Moreira Leite** (já falecido) foi discípulo de **Fritz Heider**, de quem traduziu o livro *The Psychology of Interpersonal relations*.

4. **Edoardo Bizzarri** cumpriu o prometido como se pode comprovar reproduzindo o parágrafo inicial — «poético-didático» — da versão italiana da novela *Cara de Bronze* (do livro *No Urubùquaquá, no Pinhém*):

«Nell'Urubùquaquá. Le campagne dell'Urubùquaquá — montagne, sprofondi e acquitrini dell'Urucúia. Nell'Urubùquaquá, fazenda di bestiame: la maggiore — lá in mezzo — una magnificenza di terra. Era stato un luogo, luoghi, di machioni spessi, di foresta scura, che dà

Rosa ⁵ constitui bela página literária que vale como verdadeiro documento — e advertência — num tempo em que se assiste, no Brasil, a uma progressiva e irresponsável depredação da exuberante flora e fauna nativas: ⁶

«Você sabe, desde grande parte de Minas Gerais (Oeste e sobretudo Noroeste), aparecem os «Campos Gerais», ou «gerais» — paisagem geográfica que se estende pelo Oeste da Bahia e Goiás (onde a palavra vira feminina: as gerais ?), até ao Piauí e ao Maranhão.

valore al terreno. E adesso era divenuto pascoli, di bovini. Il bestiame. Questo mondo, che eccede i limiti dei luoghi. Tutto all intorno, senza fine, si estendevano i Gerais: tavolieri accidentati e tavolieri piatti, dei pianori, dove c'è la rena; fino al verde sporco di alberi rachitici, sterpeto e brughiera — un'erba ruvida, che bocca d'asino o di bue ricusa; e acqua e allegro terreno erboso vivace solo negli avvallamenti delle veredas, ognu d'essi riflettendo, bordeggianti, il sassofrasso profumato, la buritirana spinosa, e i buritis, i ciuffi di palmeto di buritis, i palmeti di buritis, i palmeti di buritis, i buritis beventi. La sull'altopiano, chi viaggia è solo un piccolo uomo a cavallo, piccoletto, curvo sempre sull'arcione e sulla criniera corta del cavallo — un cavallino sauro, senza nome, chiamato solo Spezza Coco. Va l'omino a cavallo, maneggiando miseria, nascoti gli occhi a quel che c'è davanti, che è lo stesso di una lontananza — e il cielo una polvere azzurra e pappagalli che volano. I Gerais del tuono, i Geral del vento».

5. Em: **João Guimarães Rosa. Correspondência com o tradutor italiano.** Instituto Cultural Italo-Brasileiro, São Paulo, 1972 (edição limitada de apenas 1.000 exemplares). Recentemente a Editora T A Queiroz lançou uma edição comercial dessa correspondência destinada aos interessados na exegese da obra rosiana.
6. Os interessados em conhecer com mais detalhes as características do frágil ecossistema das veredas, as razões pelas quais elas estão ameaçadas em sua sobrevivência e o que poderia ser feito para impedi-lo, encontrarão subsídios valiosos em: **João Paulo Campello de Castro — As veredas e sua proteção jurídica,** Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 10(5/6) pgs. 321-333, maio-junho de 1980; e ainda em **Dirce R. de Melo — Contribuição ao estudo geomorfológico das veredas,** Instituto de Geociências da UFMG, Belo Horizonte, 1978.
7. «Pelo que, do trecho, voltamos. Para mais poente do que lá, só urubùretamas. E o caminho nosso era retornar por essas gerais de Goiás — como lá alguns falam. O retornar para estes gerais de Minas Gerais».

GS:V, pg. 401

O que caracteriza esses GERAIS são as **chapadas** (planaltos, amplas elevações de terreno, chatas, às vezes serras mais ou menos tabulares) e os **chapadões** (grandes, imensas chapadas, às vezes séries de chapadas). São de terra péssima, vários tipos sobrepostos de arenito, infértil (Brasília é uma típica chapada...). E tão poroso, que, quando bate chuva, não se forma lama nem se vêem enxurradas, a água se infiltra, rápida, sem deixar vestígios, nem se vê, logo depois, que choveu. A vegetação é a do cerrado: arvorezinhas tortas, baixas, enfezadas (só persistem porque têm longuíssimas raízes verticais, pivotantes, que mergulham a incríveis profundidades ⁸). E o capim, ali, é áspero, de péssima qualidade, que, no reverdecer, no tempo-das-águas, cresce incrustado de areia, de partículas de sílica, como se fosse vidro moído: e adoce por isso, perigosamente, o gado que o come. Árvores, arbustos e má relva, são, nas chapadas, de um verde comum, feio, monótono.

Mas, por entre as chapadas, separando-as (ou, às vezes, mesmo no alto, em depressões no meio das chapadas) há as **veredas**. São vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas, há sempre o buriti. ⁹ De longe a

-
8. Ressalte-se, também, que essas árvores do cerrado apresentam cascas espessas e ricas em cortiça, além de folhas protegidas por pelos ou verniz — mecanismos adaptativos que as protegem contra a perda de água, garantindo sua sobrevivência mesmo no período da seca.
 9. O buriti (*Mauritia vinifera* M.) é uma palmeira cujas folhas se dispõem em leque e cujo fruto consiste numa drupa elipsóide, acastanhada, de 3 a 5 cm de diâmetro, escamoso-imbricada, sendo as escamas unidas entre si; o fruto («coquinho de buriti») contém uma polpa vermelho-amarelada que envolve uma semente ovóide, de consistência dura, no interior da qual encontra-se amêndoa comestível; o caule (espique) pode chegar a 100 ou 120 pés de altura. Segundo o naturalista M. Pio Corrêa (*Diccionario das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1926, vol I) — «além de ser a mais alta de nossas palmeiras é também uma das mais elegantes, vegetando isolada ou socialmente em pequenos grupos (buritizais) de preferência nos terrenos pantanosos, justificando o nome de «palmácea dos brejos», que lhe dão alhures; a sua presença no alto das serras indica também (e com absoluta segurança) a existência aí de fontes de água. O lenho do espique é leve e esponjoso,

gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. **A VEREDA É UM OASIS.** Em relação às chapadas, elas são, as veredas, de belo verde-claro, aprazível, macio. O capim é verdinho-claro, bom. As veredas são férteis. Cheias de animais, de pássaros.

As encostas que descem das chapadas para as veredas, são em geral muito úmidas, pedregosas (de pedrinhas pequenas no molhado chão claro), porejando agüinhas: chamam-se **resfriados**. O resfriado tem só uma grama rasteira, é nítida a mudança de aspecto da chapada para o resfriado e do resfriado para a vereda. Em geral, as estradas, na região, preferem ou precisam de ir, por

utilizado pelos sertanejos para fazer as «talas» necessárias à coleta do látex das seringueiras; sua medula fornece uma fécula análoga ao sagu a qual entra na alimentação cotidiana dos aborígenes. Ainda o espique, bem como os espádices (estes antes de desabrocharem as flores) fornecem, por incisão, um líquido adocicado e de cor rosa contendo cerca de 50% de glicose o qual é agradável e refrigerante e por vezes saciou a sede dos soldados brasileiros durante a guerra com o Paraguai; esse líquido, devidamente fermentado, transforma-se numa bebida vinhosa («vinho do buriti») geralmente apreciada. O broto terminal é comestível, constituindo saboroso «palmito»; o pecíolo ou bainha das folhas serve para ripas e para construção de jangadas e as folhas para cobertura de ranchos, sendo que destas se extraem fibras resistentes com as quais são feitas redes, esteiras e cordoalha; o fruto fornece óleo comestível («óleo de buriti»), transparente, de cor vermelho-sangüínea e cujo peso específico é de 0,890 (Peckolt), recomendável também para envernizar e amaciar peles e couros; finalmente a polpa dos frutos é oleaginosa, feculenta e adocicada, servindo para a confecção de um alimento endurecido e próprio para longas viagens e também para a de uma conserva ou pasta doce («saieta» ou «doce de buriti») objeto de comércio em certas zonas. Essa mesma polpa, amolecida com água fria ou quente, constitui, em épocas de escassez, que às vezes são bem prolongadas, o recurso quase único das populações que demoram em certos pontos do extenso habitat da planta. «De acordo com os cientistas JB von Spix e CFP von Martius (viagem pelo Brasil, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1932, vol 2) que percorreram o Brasil colônia durante três anos e meio (de 1817 a 1820) todas essas utilidades tornaram sagrada para o sertanejo a preciosa árvore a ponto de em algumas regiões como, por exemplo, em São Romão (M.G.) ser costume «dar-se em dote, à filha, um certo número de buritis».

motivos óbvios, contornando as chapadas, pelos resfriados,¹⁰ de vereda em vereda. (Aí, talvez, a etimologia da designação: **vereda**¹¹).

Há veredas grandes e pequenas, compridas ou largas, veredas com uma lagoa; com um brejo ou pântano; com pântanos de onde se formam e vão escoando e crescendo as nascentes dos rios,¹² com brejo grande, sujo, emaranhado de matagal (**Marimbú**); com córrego, ribeirão ou riacho.¹³

-
10. «Assim pois foi, como conforme, que avançamos rompidas marchas, duramente no varo das chapadas, calcando o sapê brabão ou areias de cor em cimento formadas e cruzando somente com gado transeunte ou com algum boi sozinho caminhador. E como cada **vereda**, quando beirávamos, por seu resfriado, acenava para a gente um fino sossego sem notícia — todo buritizal e florestal —: ramagem e amar em água». (GS:V, pg. 233).
 11. De acordo com Silveira (1967) em seu **Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa** a designação **vereda** seria originária do latim tardio **veredus**, significando **cavalo de posta**, isto é, o cavalo que servia aos mensageiros para levar os bilhetes, as cartas, os avisos, enfim, o correio. O nome do cavalo, posteriormente, passou a ser aplicado à estrada por ele percorrida e, desde então, **vereda** passou a significar caminho estreito, atalho, picada, senda. Como as estradas, nos «gerais», precisam ir, por motivos óbvios, de vereda em vereda, contornando as chapadas, talvez resida aí o motivo de se aplicar às **veredas** (entendidas como áreas de exsudação dos lençóis freáticos, ornamentadas pelos buritis e cheias de animais e pássaros) o nome dos atalhos e caminhos que as unem entre si.
 12. «Dali para cá o senhor vem, começos do Carinhanha e do Piratinga, filho do Uruçuia — que os dois, de dois, se dão as costas. Saem dos mesmos brejos — buritizais enormes. Por lá, sucuri geme» (...) «Daí, longe em longe, os brejos vão virando rios. Buritizal vem com eles, buriti se segue, segue. Para trocar de bacia o senhor sobe por ladeiras de beira-de-mesa, entra de bruto na chapada, chapadão que não se devolve mais. Água ali nenhuma não tem — só a que o senhor leva. Aquelas chapadas compridas cheias de mutucas ferrojando a gente». (GS:V, pg. 27).
 13. Segundo o Prof. **Oswaldo Costa** (da Faculdade de Medicina da UFMG) as **veredas** são as «caixas d'água do cerrado» e constituem uma peculiaridade da bacia hidrográfica do Rio São Francisco o qual «nasce simbolicamente na Serra da Canastra» sendo, no entanto, as **veredas** — «quais lobas romanas, as suas nutrizas de sustentação».

Em geral, os moradores dos «gerais» ocupam as veredas, onde podem plantar roça e criar bois. São os **veredeiros**. Outros, moram mesmo no alto das chapadas, perto das veredinhas ou veredas altas, que, como disse, também há, nas chapadas: estes são os «**geralistas**» propriamente ditos (com relação aos veredeiros, isto é, em oposição aos veredeiros). Mas o nome de **geralista**, abrange, igualmente, a todos: os veredeiros e os geralistas propriamente ditos. Quem mora nos gerais, seja em vereda ou chapada, é geralista. Eu, por exemplo. Você agora, também.

Nas veredas há às vezes grandes matas, comuns. Mas o centro, o íntimo vivinho e colorido da vereda, é sempre ornado de buritis, buritiranas,¹⁴ sassafrás e pindaibas, à beira da água. As veredas são sempre belas!».

* * *

Uma vez entendido o significado de vereda no contexto do romance rosiano, chama logo a atenção a presença dos **dois pontos** entre os elementos do título. Acredita-se que o referido sinal gráfico tenha valor adversativo na medida em que estabelece a oposição entre o **SERTÃO** — imensa realidade inabrangível onde tudo parece estar fora de foco, caos ilimitado que não se deixa conhecer, e as **VEREDAS** — suas mínimas parcelas acessíveis:

«Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas — e só essas poucas veredas, veredazinhas».

(GS:V, pg. 79)

Assim, pois, ter-se-ia, de um lado, o **SERTÃO** — a representar não apenas uma realidade geográfica inóspita e ameaçadora, mas

14. A buritirana (*mauritia aculeata* H B K) ao contrário do buriti (*Mauritia vinifera* M) apresenta o espique espinhoso, armado de fortes acúleos cônicos. (Na novela *A estória de Lélío e Lina* do livro *No Urubùquaquá, no Pinhém*, a quadrinha do cantador registra a diferença: «Te vejo só no domingo, padeço toda a semana; uma coisa é buriti, mas outra é buritirana...»).

simultânea e alternadamente a representar o interior indomável e incognoscível do ser humano («o sertão é dentro da gente») e, neste sentido, valendo como símbolo do **INCONSCIENTE**; em meio ao **SERTÃO**, aqui e acolá, à guisa de oásis e de consolo, as **VEREDAS** — a representar não apenas uma realidade geográfica aprazível e acolhedora mas também a exercer, em outro nível, a função de símbolo do **CONSCIENTE** — um pouco de luz em meio à escuridão.

JOÃO DO RIO

Danilo Gomes

1. Renovador da imprensa

O centenário de nascimento de João do Rio, em 1981, não passou em brancas nuvens. Plínio Doyle, Diretor da Biblioteca Nacional, fez realizar uma bela exposição sobre a vida e obra do escritor. E muitos jornais e revistas abriram colunas e até páginas inteiras ao tema.

Mesmo assim, João do Rio continua esquecido. Vamos lembrar alguns aspectos de sua vida agitada.

Nasceu João do Rio a 5 de agosto de 1881. Nome verdadeiro, de batismo: João Paulo Alberto Coelho Barreto, que alguns dicionários biográficos erroneamente registram como João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto. Foi com o pseudônimo de João do Rio que Paulo Barreto se projetou, se tornou famoso, amado, invejado, odiado, bajulado, agredido. Como João do Rio transformou-se num dos mais célebres escritores de sua época, em nosso país e Portugal.

Aos 17 anos ingressava no jornalismo. Entre 1898 e 1899, na «Cidade do Rio», o combativo jornal de José do Patrocínio (o Tigre da Abolição), publicava, sob o pseudônimo de Claude, artigos que fizeram rumor, «pela truculência e o desasombro com que neles eram hostilizadas muitas figuras de relevo», informa Brito Broca, o atilado historiador do nosso 1.900 literário.

Surgia o jornalista destemido, que se notabilizaria por um «estilo vivo, ágil, trepidante, num processo novo de apresentar a informação», informa o saudoso Luís Martins, o autor de «João do Rio — Uma Antologia». Tornaram-se empolgantes suas repor-

tagens na «Gazeta de Notícias», depois transformadas em livros de grande sucesso à época, como «As Religiões no Rio» e «Momento Literário», este, de entrevistas com escritores, uma novidade então, na imprensa brasileira.

Após trabalhar em «O País» e no «Rio-Jornal», fundou «A Pátria», que dirigiu até à noite de 23 de junho de 1921, quando, estafado pelo trabalho, obeso e injuriado por um bando de invejosos, que transformaram sua vida no calvário testemunhado por Gilberto Amado, morreu subitamente, no interior de um táxi. O coração doente lhe deu apenas tempo de pedir ao motorista um copo de água.

Além de renovador da reportagem, João do Rio foi também contista, romancista, teatrólogo e conferencista. Mas foi na crônica que melhor se realizou como artista da palavra. Sua ficção tem caráter urbano e psicológico. De suas viagens a Portugal resultaram dois livros. Em 1910, aos 29 anos, sucedeu a Guimarães Passos na Academia Brasileira de Letras, onde teria como sucessor Constâncio Alves.

Segundo Luís Martins, João do Rio dinamizou todo um período da vida carioca, revolucionou os processos de se fazer imprensa no Brasil, introduziu nas redações a reportagem moderna, interessada nos aspectos sociais e humanos da vida urbana, e, ainda, criou um novo tipo de crônica, diferente do realizado, por exemplo, por Machado de Assis e Olavo Bilac.

Ribeiro Couto, o poeta e diplomata que sucedeu a Constâncio Alves na Academia, afirmou que João do Rio sabia escutar os mistérios da noite e a «imensa queixa dos infelizes». É ainda de Ribeiro Couto a correta observação de que Paulo Barreto «viveu na rua carioca e morreu na rua carioca». Poucos amaram tanto o Rio de Janeiro.

2. Não foi apenas o dandy que diziam

A queixa dos infelizes... sim, ele as ouvia e delas se apiedava. Ele não foi apenas o dandy que, de casaca, freqüentava as ricas festas ou flanava elegantemente pela Rua do Ouvidor, parando nas redações e confeitarias para um dedo de prosa com os amigos. Tinha sensibilidade para o sofrimento das classes desfa-

vorecidas ou de baixa renda — ou nenhuma renda. Nos seus livros mais sérios condenou a injustiça social e apontou a miséria dos anônimos que vagavam pelas ruas. Apoiou as primeiras manifestações do movimento feminista no Brasil, reclamou a reforma do nosso sistema penitenciário, combateu a exploração dos menores pela falsa mendicância profissional.

Foi uma figura singular de apreciador das altas rodas e de cidadão que confraternizava com os humildes, os seresteiros dos morros, a gente do povo. Uma de suas crônicas mais saborosas, «Um Mendigo Original», recolhida ao seu livro «Vida Vertiginosa», começa assim: «Morreu transanteontem, às 7 da tarde, de uma congestão, o meu particular amigo, o mendigo Justino Antônio».

A nascente cidade de Belo Horizonte, que ele visitou, ganhou a bela crônica intitulada «No Miradouro dos Céus»; e a crônica «Hora de Futebol», de 1916, é um vivo quadro da inauguração do antigo campo do Clube de Regatas Flamengo, à Rua Paissandu.

3. O «admirável cronista do cotidiano»

Uma antologia brasileira de humor negro não pode deixar de incluir o excitante conto chamado «O Bebê de Tarlatana Rosa», obra-prima no gênero.

«Vida Vertiginosa» é o título de um de seus livros. E foi assim a sua vida: vertiginosa, agitada, tumultuada, sofrida, gloriosa, reflexo de um Rio que se transformava e crescia, com a abertura da Avenida Central (hoje Rio Branco) e de outras artérias imensas para a época; de um Rio que vivia a nossa **belle époque**, passando de cidade semicolonial à categoria de autêntica metrópole. Não foi sem razão que R. Magalhães Júnior deu ao seu magnífico livro o título de «A Vida Vertiginosa de João do Rio».

São de Luiz Martins estas justas palavras, no livro já citado:

«O Rio era a sua matéria, o seu cenário, o seu assunto permanente, o seu mundo literário. No conjunto, a obra de João do Rio constitui o mais minucioso, vivo e válido dos retratos de uma época, através dos múltiplos aspectos da vida carioca, nas duas primeiras décadas do século XX. (...) No Rio do seu tempo, viu tudo, observou tudo, tudo anotou e comentou, com simpatia, ternura, curiosidade, ironia, às vezes com indignação. (...) No jornal

fez tudo: desde o artigo de fundo à reportagem de polícia, do registro literário à crônica mundana. Mas o que ele foi sobretudo, com vigor, com graça, com vivacidade, com senso do pitoresco, com originalidade e com talento, foi o comentarista do dia-a-dia, o admirável cronista do cotidiano».

Ele forma com Lima Barreto, cada qual a seu modo e com o seu estilo e **pathos** próprios, a dupla notável de toda uma época da vida carioca em rápida transformação.

Foi João do Rio o autor do livro «A Alma Encantadora das Ruas», das ruas cariocas que ele palmilhou como boêmio e como repórter.

4. Um perfeito retrato

O escritor Elísio de Carvalho deixou-nos um perfeito retrato psicológico do nosso autor. Para ele, João do Rio foi «o artista bizarro, atormentado e cintilante, admirável como Jean Lorrain e paradoxal como Oscar Wilde, seus mestres — voluptuoso, requintado, perturbante e decadente, nostálgico como um lírico e impulsivo como um bárbaro, ao mesmo tempo místico como Verlaine e pagão como D'Annunzio, a imaginação fulgurante ávida sempre das sensações do raro e do imprevisto, que se tornou o historiógrafo estranho da alma encantadora das ruas, o melancólico analista da escola dos vícios, o psicólogo sutil, e às vezes cruel, das religiões, das crenças e dos cultos, o cronista elegante, e o mais singular, das luxúrias, das perversões, das vesânicas, das sensualidades, das bizarras inconfessáveis e das grotescas vaidades da nossa gente». (**Apud** Neves-Manta).

O Prof. Neves-Manta estudou Paulo Barreto sob o ângulo da psiquiatria, em seu livro «A Arte e a Neurose de João do Rio» (em 3ª edição no ano de 1947, Rio, Pongetti), a merecer reedição.

E nas Considerações Finais (p. 75) de seu livro «Morte e Prazer em João do Rio» (inicialmente dissertação de Mestrado na PUC do Rio), Carmen Lúcia Tindó Secco diz acreditar «que seria interessante qualquer pesquisa que procurasse verificar as correntes de pensamento que influenciaram a obra de João do Rio, assim como as idéias políticas e sociais que estão subentendidas em

seu discurso». (O livro da Profª. Carmen Lúcia foi editado pela Francisco Alves em 1978 e tem 81 páginas).

5. Com Isadora Duncan, «a musa do século»

Embora sofrendo com a ironia debochada e repugnante de Humberto de Campos, com os impiedosos ataques do panfletário Antônio Torres, com a inveja e a maledicência de outros, ia João do Rio carregando a sua cruz (teria também ele seu calvário e seus porres, como de Lima Barreto afirmou João Antônio). Por 10 anos trabalhou na «Gazeta de Notícias», onde, como cronista especialmente, deixaria páginas importantes para os historiadores e sociólogos do futuro, e que foram recolhidas em livros de sucesso.

E o escritor nascido no Largo da Carioca, tradutor de Oscar Wilde, vem a conhecer a célebre Isadora Duncan, em pessoa, no tope da fama. Seria um refrigério, essa amizade puxada ao namoro, para as suas agonias de homem sensível, incapaz de luta aberta com seus virulentos desafetos.

Um aspecto pouco destacado na vida de João do Rio diz respeito precisamente ao seu relacionamento com a famosa dançarina norte-americana Isadora Duncan, que esteve no Brasil em 1916, após apresentar-se na Argentina e Uruguai. Por ela se apaixonaria Oswald de Andrade. No Rio, João do Rio e a chamada «musa do século» tiveram o que poderíamos batizar de namoro — ou, se se preferir, um caso.

Isadora, nascida em San Francisco, Estados Unidos, em 1878, foi uma bela mulher. No cinema, personificou-a a magnífica Vanessa Redgrave. Isadora era uma mulher livre, filha da Natureza, em cujos ritmos se inspirou para criar a sua dança de um novo estilo, também liberta das restrições técnicas artificiais de origem clássica, ortodoxa. É considerada a criadora da dança interpretativa, baseada nos antigos bailados gregos que se vêem nas frisas e nos baixo-relevos.

Deixou Isadora um livro extraordinário, de leitura cativante, absorvente, «Minha Vida», concluído poucos meses antes de sua trágica morte, ocorrida em Nice, em 1927. Isadora saíra a passeio num carro de corrida, quando a *écharpe* que lhe cingia o pescoço,

esvoaçando ao vento, enroscou-se numa das rodas traseiras e a estrangulou violentamente. O corpo foi arrancado do carro e projetado sobre a calçada.

Mas voltemos aos encontros românticos entre os dois panteístas, os dois estetas, que naturalmente se atraíram. Em seu livro «Pequenas Histórias Verdadeiras do Rio Antigo» (Edições de Ouro, 1965), Carlos Maul escreve: «João do Rio mereceu as simpatias afetivas de Isadora. Num hotel da Rua D. Luísa — hoje Cândido Mendes —, perto da estação dos bondes de Santa Teresa no Curvelo, estava ela hospedada, e ali se encontravam os dois. Não faziam segredo de seus colóquios, e às vezes visitavam os sítios pitorescos da metrópole. Corria a versão de que Isadora dançara, quase nua, próximo das furnas da Tijuca, para encanto do escritor que traduzira a «Salomé», de Oscar Wilde. Não confiro nem nego a versão. Admito-a possível. Tanto um como outra seriam capazes de promover um quadro desse gênero dentro da natureza. Aliás, a própria Isadora deixa entrever nas suas «Memórias» que João do Rio foi para ela algo mais do que um admirador entusiasta de sua arte...»

O fato nada tem de estranho para quem leu as confissões da grande artista, que, com sua túnica transparente (daí a expressão **quase nua**), costumava dançar, nos intervalos dos grandes espetáculos que deu nos melhores teatros do mundo, para os amigos mais íntimos. Ela dançou assim para o escultor Rodin um idílio de Teócrito. Como uma ninfa, assim dançou para poetas e outros artistas seus amigos ou amantes, às vezes nas florestas, outras vezes diante do mar, ou em Florença, diante da **Primavera** de Botticelli.

Essa musa trágica, por quem Gabriel D'Annunzio e tantos outros se apaixonaram, que perdeu dois filhos, mortos por afogamento ainda crianças, que viveu sonhando com uma modelar escola de dança, e que levou uma vida das mais tumultuosas, não poderia ter deixado de entusiasmar-se pelo espírito de João do Rio, que com razão a cortejou durante sua temporada carioca. Nas suas recordações, evocando sua passagem pela então Capital Federal, em cujo Teatro Municipal tornou pública sua arte, ela se refere ao nosso escritor: «Aí conheci o poeta João do Rio,

muito querido da mocidade do Rio, onde, aliás, todos parecem ser poetas. Quando passeávamos juntos, éramos seguidos pela rapaziada, que gritava: «Viva Isadora! Viva João do Rio!» (Pág. 272 da tradução brasileira de Gastão Cruls para a Editora José Olympio, 1969, 8ª ed.).

Em cartão que lhe dirigi, aplaudindo sua crônica notável sobre João do Rio, falei ao poeta Carlos Drummond de Andrade sobre o romance famoso entre o cronista e a musa. A certo passo da resposta que teve a bondade de mandar-me, o nosso grande poeta escreve: «Sobre as relações dele com Isadora Duncan, há o depoimento de Gilberto Amado, em *Mocidade no Rio*, págs. 61 e 62. Talvez um tanto fantasista, a começar pelos ruídos excessivos da floresta da Tijuca à noite, mas em todo caso produzido por alguém que esteve presente à cena. Já ouvi falar desse bailado nu, nas areias de Ipanema. Parece, entretanto, que a coisa se passou mesmo na Cascatinha, mas em termos: sem bailarina pelada. Você, escarafunchador emérito das coisas do Rio antigo, poderá aprofundar a pesquisa nos jornais da época. R. Magalhães Jr. e Oswald de Andrade nada contam a respeito; o primeiro limita-se a transcrever Gilberto Amado».

Tratávamos especificamente da tal dança panteísta, noturnal, nos altos da Tijuca. (E, antes que me esqueça, esse emérito que o grande poeta me pespegou aí em cima, no cartão, é puro exagero de sua bondade infinita...).

Não pude ainda trabalhar com os jornais da época (1916); por isso, fiquemos por ora no depoimento de Gilberto Amado, grande amigo do autor de «A Alma Encantadora das Ruas», o boêmio, repórter e homem de letras Paulo Barreto, o popular João do Rio.

Gilberto Amado conta: uma vez ceiou com Isadora Duncan e João do Rio, na casa-biblioteca que este possuía à Avenida Gomes Freire. A ceia fôra trazida do Restaurante Sul América. Isadora usava «uma túnica levíssima, escarlata, debaixo da qual não havia nada, absolutamente nada». Eram apenas os três, naquela noite carioca da *belle époque*.

E continua o futuro Embaixador e memorialista:

«Fui o único convidado. Horas interessantes! Que espetáculo a conversa das duas celebridades, a mundial e a brasileira! A dançarina exprimia-se num francês beliscado de guturalidades, numa voz — das mais belas que até hoje ouvi — de uma pureza mágica de timbre. Paulo, misturando francês, inglês e português, numa algaravia incrível, mas completamente à vontade, tratava a célebre dançarina, musa do século, como se ela fosse sua irmã e com ela tivesse convivido desde a infância. Por seu lado, a criatura fantástica era a naturalidade mesma».

Depois da ceia, regada a champanhe, a musa já bastante «alta», tomaram os três um carro e partiram para a Cascatinha, na Tijuca. E ali, sob o luar, como se estivesse na própria Grécia, a ninfa dos bosques dançou, com sua transparente túnica escarlate. Estava acometida de uma «espécie de delírio de iniciada nos mistérios pânicos», narra Gilberto, que acrescenta: «Nunca o gênio da intérprete e inventora de ritmos me deu no teatro, depois, em nenhuma das suas criações, sensação igual do seu poder de criar, com o corpo e os pés, a música mesma».

E conclui o autor sergipano: «Descemos ao amanhecer, após haver feito a volta toda da Tijuca, mergulhados os três numa grande sonolência, a dançarina com os cabelos soltos no ombro do jornalista».

Naquela noite fantástica, João do Rio devia ter-se sentido o próprio Dioniso, nos altos do Himeto, diante da divina Afrodite...

* * *

LIVROS DE JOÃO DO RIO:

CRÔNICAS E REPORTAGENS: As Religiões no Rio, A Alma Encantadora das Ruas, Cinematógrafo, Vida Vertiginosa, Os Dias Passam, Crônicas e Frases de Godofredo de Alencar, Pall-Mall Rio de José Antônio José, No tempo de Wenceslau.

INQUÉRITOS: O Momento Literário, Na Conferência da Paz.

CONTOS: Dentro da Noite, A Mulher e os Espelhos, Rosário da Ilusão, O Bebê de Tariatana Rosa.

ROMANCE: A Correspondência de uma Estação de Cura.

TEATRO: A Bela Madame Vargas, Eva.

CONFERÊNCIAS: Psicologia Urbana, Sésamo, O Momento de Minas.

VIAGENS: Fados, Canções e Danças de Portugal; Portugal d'Agora.

RL

revista literária

RESENHA

CONCURSO DE CONTOS E DE POEMAS

O 16º Concurso de Contos e de Poemas da Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais recebeu um total de 614 trabalhos, sendo 28 conjuntos de contos — no total de 84 contos — e 106 conjuntos de poemas — no total de 530 poemas.

Os trabalhos foram enviados por 126 alunos das unidades universitárias e colegiais da Universidade Federal de Minas Gerais, assim distribuídos: 30 da Faculdade de Letras; 26 da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (8 de Comunicação Social, 7 de Psicologia e Filosofia e 4 de Ciências Sociais); 11 da Faculdade de Direito; 10 do Instituto de Ciências Exatas (3 de Engenharia Civil e Engenharia Mecânica, 2 de Arquitetura e 1 de Química e de Física); 8 da Escola de Engenharia (4 de Engenharia Civil, 3 de Engenharia Mecânica e 1 de Engenharia de Minas); 6 da Faculdade de Ciências Econômicas (3 de Ciências Contábeis, 2 de Economia e 1 de Administração de Empresas); 5 da Faculdade de Medicina; 4 do Colégio Técnico e do Curso de Formação de Atores (Teatro Universitário); 3 da Escola de Belas Artes e da Escola de Arquitetura; 2 da Escola de Educação Física, de Bioquímica da Faculdade de Farmácia, do Instituto de Ciências Biológicas (Farmácia e Medicina, 1 cada) e da Faculdade de Educação; 1 da Escola de Música, da Escola de Veterinária, da Faculdade de Odontologia e do Curso de Ciência da Computação. Dois estudantes não declararam o curso e dois outros não puderam participar, já que eram do Colégio Batista e da Universidade de Viçosa.

Em dezesseis concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATÍSTICA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		CONTOS	POEMAS	TOTAL
1966	61	18	146	164
1967	102	57	198	255
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	352
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	382
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
1976	76	57	275	332
1977	140	108	515	623
1978	77	54	295	349
1979	123	90	560	650
1980	185	159	720	879
1981	126	84	530	614
TOTAL	2.006	1.470	5.290	6.760

Os trabalhos recebidos e não classificados já foram devolvidos (uma via) aos seus autores.

A relação dos 614 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:

CONTOS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
001	— O Outro Lado da Linha O Dragão Chinês... João	Alice Alice Alice
002	— Algumas Notas Sobre... O Quarto Escuro Encontro	Vampiro — 2º lugar Vampiro — 2º lugar Vampiro — 2º lugar
003	— Amor de Filho O Fantasma da Lata de Lixo A Moça do Bonde Fantasma	Zevenilo Zevenilo Zevenilo
004	— A História do Menino Tõe-Tõe A Capeta Fêmea É Pato ou Galo?	Diadorim — 1º lugar Diadorim — 1º lugar Diadorim — 1º lugar
005	— Os Deuses de Madeira Apaulxonada O Empalhador de Animais	Lewis Carrol Lewis Carrol Lewis Carrol
006	— O Marginal Duas Vidas; Um Só Destino O Escravo	Luana Luana Luana
007	— E Nunca Mais Voltou... Laços Cortados Pequeno Vendedor	Leão Prometeu Leão Prometeu Leão Prometeu
008	— A Sublimação O Outro Ritual	Diana Diana Diana
009	— Casamento Literalmente... Pedrinho, ou o Torpedo... A História do Lobo...	Júpiter — 3º lugar Júpiter — 3º lugar Júpiter — 3º lugar
010	— Cinzento A Promessa de Chico... Zé Torcedor	Ulo Ulo Ulo
011	— Primeiro Tempo Os que Se Oferecem Rosário	ASDFG ASDFG ASDFG
012	— Verdes Eram as Asas Saudades de Tiberius Tropless Mineiro, Uai...	Arco-Íris — M. honrosa Arco-Íris — M. honrosa Arco-Íris — M. honrosa
013	— Quarenta Graus História de Fadas Ad Nauseam	Maga — M. honrosa Maga — M. honrosa Maga — M. honrosa

014	— Congresso de Sociologia Auto-Decepção Para Sempre na...	Solo Soares Solo Soares Solo Soares
015	— Amor Apache Beco Têxtase	Flora Flora Flora
016	— Estradas de Terra Eu, Rita, Marilym... Matando as Saudades	Luciano... Luciano... Luciano...
017	— O Preto Belo Criatura das Horas Close	Bá de Luna Bá de Luna Bá de Luna
018	— Os Judas Deixados... O Sangue Todo... Que Diremos aos...	Vendo Córnea - M. honr. Vendo Córnea - M. honr. Vendo Córnea - M. honr.
019	— O Mágico Sentido O Útero D'Água Levantamento de Uma..	Serafim Serafim Serafim
020	— O Homem no Mundo... Beque Central... O Sítio-Fazenda do...	Augusto... Augusto... Augusto...
021	— Conversas Curveladas O Lagarto Enéas O Grato Fénelou	Fénelou Fénelou Fénelou
022	— Resistência Não enviou Não enviou	Maria Sueli Maria Sueli Maria Sueli
023	— BR-050 Ponto Final Madalena	Ave da Terra Ave da Terra Ave da Terra
024	— Sancte Joannes Ritual Casa em Silêncio	Vera Vera Vera
025	— Parêntese Amálgamas O Ato, Em Três Dramas	Gume Gume Gume
026	— Os Gêmeos Retrato de Kafka Sete Filhos	Piancó Piancó Piancó
027	— Conto de Uma Nota Só Tinha Algo Diferente... Marcas da Infância	Dagomir de Castro Dagomir de Castro Dagomir de Castro
028	— Dentifrícios Meg, the Blue Peperonia A Fábula do Jacaré...	Virgínia Vöufi Virgínia Vöufi Virgínia Vöufi

POEMAS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
001	— Pecúnia	Rubricane
	Pivete	Rubricane
	Pássaro Sem Asas	Rubricane
	Presença Interior	Rubricane
002	— Alucinação	Rubricane
	Delírio	Midian
	Elíptico	Midian
	Matrimônio	Midian
	Mucuri	Midian
003	— Passidão	Midian
	Crepúsculo	Maria Potoca
	Ensaio	Maria Potoca
	A Lição	Maria Potoca
	Dramatis Personae	Maria Potoca
004	— A Etiologia da Palavra	Maria Potoca
	Penitência	Ângela do Couto
	Uma Deusa de Negro	Ângela do Couto
	A Nível de Pensamento	Ângela do Couto
	Só Para Você	Ângela do Couto
005	— Dos Direitos	Ângela do Couto
	Profundidade	Claire
	Olhos Só Meus	Claire
	Condição Humana	Claire
	Por Ouro Preto	Claire
006	— América Latina	Claire
	Preparação Para a Festa	Clemência
	Ouço um Gemido de Gato	Clemência
	De Mal Jeito	Clemência
	Estela no Pas das Maravilhas	Clemência
007	— No Fundo do Poço	Clemência
	Meteorologia	Alice
	Ao Efêmero	Alice
	Kaótico	Alice
	Sentença	Alice
008	— O Seu Olhar é um Verso	Alice
	Docela	Azogue
	Ir à Pedra	Azogue
	Abre o Pano	Azogue
	Por um Beijo	Azogue
	Numas	Azogue

- | | | |
|-----|---|---|
| 009 | — Oculata Lucidez
Cinco Delírios em Sabará
Perquirição
Artifício
O Tempo Impróprio | Charcos...
Charcos...
Charcos...
Charcos...
Charcos... |
| 010 | — Minas
Canção do Exílio
A Cidade
Poema
Da Nossa Parte | Messalina. M. honrosa
Messalina. M. honrosa
Messalina. M. honrosa
Messalina. M. honrosa
Messalina. M. honrosa |
| 011 | — Manhã em Diamantina
Rapto de Estrela
No Faz de Conta
O Que Fizemos
Guerra Uterina | Flor do Norte. 2º lugar
Flor do Norte. 2º lugar
Flor do Norte. 2º lugar
Flor do Norte. 2º lugar
Flor do Norte. 2º lugar |
| 012 | — País Ignoto
Olhar Para as Nuvens
Subterrâneo Ser
Sobre-Humana Lei
Constante Diálogo | Paulo Emílio
Paulo Emílio
Paulo Emílio
Paulo Emílio
Paulo Emílio |
| 013 | — Estímulo
Artista
Nós
Sair, Encontrar
Engano | Godes Pessoa
Godes Pessoa
Godes Pessoa
Godes Pessoa
Godes Pessoa |
| 014 | — Castelo Medieval
Adriana
Muito Difícil
Ao Beate
Miúdo | Fox di lusbruck
Fox di lusbruck
Fox di lusbruck
Fox di lusbruck
Fox di lusbruck |
| 015 | — Dispersão
Suicida
Sem Motivos
Movimento
Coração Tropical | Giácomo
Giácomo
Giácomo
Giácomo
Giácomo |
| 016 | — Adeus
Poema Por Tininha
Coisas
Sem Título I
Sem Título II | Areuguinha
Areuguinha
Areuguinha
Areuguinha
Areuguinha |
| 017 | — Nada no Mundo Se Cria
Nada
Amor Não Teve
Aqui Não Fico
Onde Anda o Sonhar? | John Kennedy
John Kennedy
John Kennedy
John Kennedy
John Kennedy |

018	— Poema Furta-Cor Jornal da Vida Grito Morto Autor-Autor Amor-Brinquedo	Namdrab Namdrab Namdrab Namdrab Namdrab
019	— Considerações Sobre... Através de Uma Janela Luana Sem Censura A Um Herói Anônimo Angola	Luana Luana Luana Luana Luana
020	— Os Sonhadores Solidão Meu Pai Meus Olhos Viva	Tendresse Tendresse Tendresse Tendresse Tendresse
021	— Matinal Dia-Vida Linha Retá Parto Futuro do Guerreiro	Onofre Lago Onofre Lago Onofre Lago Onofre Lago Onofre Lago
022	— Poema Irônico Zona Dobrar dos Sinos O Caso do Rio Traços	Leão Prometeu Leão Prometeu Leão Prometeu Leão Prometeu Leão Prometeu
023	— Resquícios Espelho Pedido Procissão Paredes	Morena Morena Morena Morena Morena
024	— Apelo Pequena História A Mulher Fantasia Cio	Etro Jr. Etro Jr. Etro Jr. Etro Jr. Etro Jr.
025	— Instrução Para o Inútil Morro Velho Chance Vi no Sítio o Fim... Paisagem de Mulher...	Lyn Bay Lyn Bay Lyn Bay Lyn Bay Lyn Bay
026	— Suicídio Morte IV Tenho Medo Eu e Meus Outros Eus Vela/Ação	Masaharu Masaharu Masaharu Masaharu Masaharu

027	— Choro	Diadorim
	Tríduo da Vida	Diadorim
	Talvez	Diadorim
	Os Dois Instantes	Diadorim
	Canto de Vida	Diadorim
028	— Rua-Dor	Epicuro
	Existencial	Epicuro
	Havia	Epicuro
	Quando a Vida...	Epicuro
	Boa Pintura do...	Epicuro
029	— A Quiromante	Alba Longa
	Sobre o Campo das...	Alba Longa
	Pó	Alba Longa
	Maneira	Alba Longa
	Lunática	Alba Longa
030	— O Poder	Castal
	Saudade	Castal
	Soneto Sem Dó	Castal
	Única Vez	Castal
	Um Destino	Castal
031	— Critérios Infalíveis	Kleibinato — 3º lugar
	A Redentora	Kleibinato — 3º lugar
	Melhor Se Possível	Kleibinato — 3º lugar
	Crianças, É Preciso...	Kleibinato — 3º lugar
	Você Faz Uma Idéia?	Kleibinato — 3º lugar
032	— Ao Cadáver da...	Stolet
	Sensações	Stolet
	A Dedicção	Stolet
	Versejador	Stolet
	Último Momento...	Stolet
033	— Dia em Repouso	Cabral
	Oração em Favor da Vida	Cabral
	O Cinza e o Azul	Cabral
	Mãozarrão	Cabral
	Certeza de Meu Medo	Cabral
034	— Fênix	Francisco...
	Medo da Chuva	Francisco...
	Soldado	Francisco...
	I (Fome)	Francisco...
	Novo Dia	Francisco...
035	— Classes Sociais	Talita
	Êxtase	Talita
	Meu Caminho	Talita
	Sonho	Talita
	O Amor	Talita

036	—	Negrogênese	Terra
		Renascerá?	Terra
		Eram Felizes Assim	Terra
		Conforme a Saudade	Terra
		Terra Não Prometida	Terra
037	—	Descaminhos	Ratovsky
		Realismo	Ratovsky
		Quimera	Ratovsky
		Desencanto	Ratovsky
		Noturnamente	Ratovsky
038	—	Caleidoscópio	Barba Azul
		Desencanto	Barba Azul
		E a Gente Corre	Barba Azul
		Lembranças	Barba Azul
		Barba Azul	Barba Azul
039	—	Tu e os Teus	Ylen
		Sonhar	Ylen
		Conviver	Ylen
		Apocalipse	Ylen
		Ser	Ylen
040	—	Desejo Incompleto	Tulipa
		Evitável-Instabilidade	Tulipa
		Espelho da Vida	Tulipa
		Momento	Tulipa
		Existência-Ser-Dever	Tulipa
041	—	Canto IV	Aleph
		Canto XV	Aleph
		Jazz	Aleph
		Bar	Aleph
		Larnia	Aleph
042	—	Canção do Brazilio	Antônio G.
		Ver x...	Antônio G.
		Michórdia	Antônio G.
		Sua Boca	Antônio G.
		Conversa de Botequim	Antônio G.
043	—	Só	Iara
		Sorriso	Iara
		Retirante	Iara
		Falsa Psicanálise	Iara
		Conjugando	Iara
044	—	Escrevendo na Praia	Leru-Leru
		Amigo de Esquina	Leru-Leru
		Já...?	Leru-Leru
		Ainda é Tempo	Leru-Leru
		Desesperança	Leru-Leru

045 — Louco	Guim
Natural	Guim
Amor	Guim
O Vento	Guim
Decepção	Guim
046 — A Poesia Fabulosa	Lóri
Pétula Petulância	Lóri
De Nascimento	Lóri
Vértice	Lóri
Indicativo	Lóri
047 — A Expressão do Eco	Ricardo C.
Frustração/Covardia	Ricardo C.
Poesia	Ricardo C.
Prece	Ricardo C.
Poética	Ricardo C.
048 — Melancolia	Chucha
Divagação	Chucha
Canto	Chucha
Encanto	Chucha
Reconhecimento	Chucha
049 — São os Dias da Semana	Poby
Reflexão	Poby
Carta Aberta	Poby
Menino	Poby
Desengano	Poby
050 — Transmutação	Jaburu
Pétalas	Jaburu
Flor-Pátria	Jaburu
Rosa	Jaburu
O Jardim	Jaburu
051 — O Corguinho	Akela Luz
Eu Estou Por Ai...	Akela Luz
Ninho de Amor	Akela Luz
A Procura do Saber	Akela Luz
Abertura das Olimpíadas	Akela Luz
052 — Futebol Coletivo	Ananda
Arranha-Céu	Ananda
Fotografias	Ananda
Poente	Ananda
América Latina...	Ananda
053 — Maria das Cobras	Ulo
Agripino Nordestino	Ulo
Laço de Fita	Ulo
Princesa da Fazenda	Ulo
Moça das Minas Gerais	Ulo

054	— Meu Passado	Bebel
	Paixão	Bebel
	É Proibido Amar...	Bebel
	Sem Título I	Bebel
	Sem Título II	Bebel
055	— Jogos de Amar...	Romolla
	Sonobra Seu Lábio...	Romolla
	Crime de Lesa-Sina	Romolla
	Continental	Romolla
	Visão da Mantiqueira	Romolla
056	— Avenca Verde no...	Malina
	Só	Malina
	Cajuri	Malina
	Giramundo	Malina
	Entre Paredes	Malina
057	— Verdes Rapazes Alegres	Pieter
	Tutu à Mineira	Pieter
	Divisão	Pieter
	AgHora	Pieter
	(Mu)taf Fat(um)	Pieter
058	— Retrato	Canhão
	Ladrão de Mim	Canhão
	Dentro de Mim	Canhão
	Não enviou	Canhão
	Não enviou	Canhão
059	— Berço I	Rita
	Berço II	Rita
	Sepultura	Rita
	Unidade	Rita
	Madrugada, Serenata	Rita
060	— Camisa	Elsu
	Poema Barato	Elsu
	Rara Razão	Elsu
	Pe(r)dido	Elsu
	Consolação	Elsu
061	— Tempo	Ropean
	De Bar em Bar	Ropean
	Obstinação	Ropean
	Constatação Precisa	Ropean
	Caminhada	Ropean
062	— Conto de Gente	Dri
	Ocaso	Dri
	Acorde Dissonante	Dri
	Pandora	Dri
	Percurso	Dri

063	— Indecisão Ele Sonha Pra... Um Ponto no Universo Eu Jesus	Céu Cinzento Céu Cinzento Céu Cinzento Céu Cinzento Céu Cinzento
064	— Cidade Toda Manhã... Maria Valeu a Pena... Saudades...	Pedro Só Pedro Só Pedro Só Pedro Só Pedro Só
065	— Noturno Doméstico Bruma Essa Senhora Sem Título	Vera Vera Vera Vera Vera
066	— Em Tempo São Paulo Porto Caminhante Aqui... Agora	Joelma R. Joelma R. Joelma R. Joelma R. Joelma R.
067	— Máscara Era Uma Noite Acordo Historinha Vulcão	Cecília de... Cecília de... Cecília de... Cecília de... Cecília de...
068	— Procura da Poesia Toada Patética Dionísio Entre... O Pai de Adélia... Universo e Suas Ilhas	Kalfope — M. honrosa Kalfope — M. honrosa Kalfope — M. honrosa Kalfope — M. honrosa Kalfope — M. honrosa
069	— Todas Essas Coisas Anaforismos Tudo Passará Rebelação do Interior I Rebelação do Interior II	lacanga lacanga lacanga lacanga lacanga
070	— Terra Povoamento À Moda da Casa Cine Odeon Maturidade	Corina — 1º lugar Corina — 1º lugar Corina — 1º lugar Corina — 1º lugar Corina — 1º lugar
071	— Conhecimento Na Liberdade da... É... Sufoco Grito de Silêncio	Sem Sem Sem Sem Sem

- 072 — Efeito Tampão
 Personificação
 Re-Expiração
 Apenas Saudades
 Ponta de Pensamento
- 073 — 1981918/2º Poema
 1981917º Poema
 1981917/2º Poema
 1981918º Poema
 1981916º Poema
- 074 — Com Todo Sentido
 Sobre a Dona
 Oscilações
 Me Mim Comigo
 Nobeco
- 075 — Sensações
 Amorte I
 Três ou Quinze Vezes
 Excesso de Etil...
 Lehcar
- 076 — Carta a Uma Amiga
 Passado
 Cotidiano
 Presente
 Roda Gigante
- 077 — Helena, Helena
 Uma Metr pole Qualquer
 Tudo Normal
 Domínio e Contra...
 18:00 Horas
- 078 — Muito Longe Ainda
 Convite
 Cotidiano/Profissão
 Cotidiano/Concursando
 Não enviou
- 079 — Pelos Resíduos...
 Arsis do Cora o
 Vibra o das Asas
 Descascando o...
 Pelo Esmeril...
- 080 — Incubado
 Canto a Sabará
 Minhas Gerais...
 Histórias
 Revolu o
- Daniel S.
 Daniel S.
 Daniel S.
 Daniel S.
 Daniel S.
- Gatinho
 Gatinho
 Gatinho
 Gatinho
 Gatinho
- Sisi do Kinka. M. honrosa
 Sisi do Kinka. M. honrosa
- Lechas M.
 Lechas M.
 Lechas M.
 Lechas M.
 Lechas M.
- Ampulheta
 Ampulheta
 Ampulheta
 Ampulheta
 Ampulheta
- Marcus S.
 Marcus S.
 Marcus S.
 Marcus S.
 Marcus S.
- João Sem Braço
 João Sem Braço
 João Sem Braço
 João Sem Braço
 João Sem Braço
- Geringon a E.
 Geringon a E.
 Geringon a E.
 Geringon a E.
 Geringon a E.
- Serafim
 Serafim
 Serafim
 Serafim
 Serafim

081	— D. Quixote Tempo Teu Chão Mina Lembrança de Uma...	Edeweiss Edeweiss Edeweiss Edeweiss Edeweiss
082	— Negritude Vôo de Super-Herói Cheiro de Hortelã Os Companheiros... América Latina...	Ezequiel B. Ezequiel B. Ezequiel B. Ezequiel B. Ezequiel B.
083	— Sem Rumor, Sem... Contração Caminhando Você Vida	Piragiby Piragiby Piragiby Piragiby Piragiby
084	— Espera Amanhã Você Saberá O Morro Muito Livre Abrindo Caminho	Cinara Cinara Cinara Cinara Cinara
085	— Rua da Bahia É Isso Aí Mudez Última Maldade Figurante	Celso Braga Celso Braga Celso Braga Celso Braga Celso Braga
086	— Nós Criançando O Por do Sol Diberdade Sem Sencura Sem Título	Sôtatau Sôtatau Sôtatau Sôtatau Sôtatau
087	— A Lâmpada Acesa Partida Amar Pousada Vaga Imagem	Lucas Marra Lucas Marra Lucas Marra Lucas Marra Lucas Marra
088	— Outras, Muitas Poema Pra Ver Você Confissão Belo Horizonte Sem Título	Joãozinho... Joãozinho... Joãozinho... Joãozinho... Joãozinho...
089	— Apelo Os Mal-Amantes De Dentro Para Fora Além do Corpo Sem Título	Vivian... Vivian... Vivian... Vivian... Vivian...

090	— O Pedido É Tarde Para... Plantem, Pois... O Complemento Realmente	Pêpa Pêpa Pêpa Pêpa Pêpa
091	— Eu Vi De Resto Consolo Amanhecer Existência	Zé Pereira Zé Pereira Zé Pereira Zé Pereira Zé Pereira
092	— Administração Lunar Opus 69 Não Será Geografia de Um... Febre Equatoriana	Blan Jones Blan Jones Blan Jones Blan Jones Blan Jones
093	— Um Besouro e Uma Flor Jaci Dedossangue Rapsota Kafkarniça	Francisco A. Francisco A. Francisco A. Francisco A. Francisco A.
094	— Pensamentos ao Vento Mendigo Anti-Fruto da Sociedade Pé no Chão Amor à Vida	Pessoa da... Pessoa da... Pessoa da... Pessoa da... Pessoa da...
095	— Prelúdio e Fuga Meu Pai A Casa Suspensa... Constatação Claude-Achille	Caesare Caesare Caesare Caesare Caesare
096	— Metáfora Sina Sem Título Não enviou Não enviou	Bellory Bellory Bellory Bellory Bellory
097	— Resolução Não enviou Não enviou Não enviou Não enviou	Maria Sueli Maria Sueli Maria Sueli Maria Sueli Maria Sueli
098	— A Mesa Não enviou Não enviou Não enviou Não enviou	Iara Iara Iara Iara Iara

- | | | |
|-------|--|---|
| 099 — | Monólogo Interior
Joana
Rimeira
Alô!
A Um Amigo Que Parte | Gabriel R.
Gabriel R.
Gabriel R.
Gabriel R.
Gabriel R. |
| 100 — | Passos
Fim de Noite
Canção de Paz...
Vida
Ciclo | Alguém
Alguém
Alguém
Alguém
Alguém |
| 101 — | Além das Quatro...
Resposta ao Eco
Poema Para Um...
Ecoar
Momento Poético | § Único
§ Único
§ Único
§ Único
§ Único |
| 102 — | De Manhã, na Praça
Amor
Precocidade
Contrários
Solidão | Solilua E.
Solilua E.
Solilua E.
Solilua E.
Solilua E. |
| 103 — | Canção Para Você
Sofrimento Nativo
Minha Cidade
Encontro
Sem Título | Diva Malhe
Diva Malhe
Diva Malhe
Diva Malhe
Diva Malhe |
| 104 — | Sentença Humana
Encontro
Das Origens
Fantasia da Razão
Samba Enredo | Taty
Taty
Taty
Taty
Taty |
| 105 — | Um Presente Diferente
Festa, Desfile e Menino
Uma Só Religião
Sem Hoje, Sem Amanhã...
Noite Fria | Dagomir de Castro
Dagomir de Castro
Dagomir de Castro
Dagomir de Castro
Dagomir de Castro |
| 106 — | Aquela Flor
Vento Certo
Alta Tensão
Operário Padrão
São Francisco | Syllas
Syllas
Syllas
Syllas
Syllas |

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- «Proclama aos Incautos»,** de Geraldo Dias da Cruz — Goiânia — GO
- «Franciscanum — Revista de Las Ciencias del Espiritu»** — Universidade de San Buenaventura — números 65 e 66 — Bogotá — Colômbia
- «Stromata»,** da Universidade del Salvador — ano XXXVI, números 1 e 2 — San Miguel — Argentina
- «Sumario Actual de Revistas»** — números 25 e 26 — Biblioteca del Instituto de Cultura Hispanica — Madrid — Espanha
- «The Centennial Review»** — volumes XXIV e XXV, números 1, 2, 3 e 4 — Michigan State University — EUA
- «The Yale Review»** — volume 70, números 1, 2, 3 e 4 — Yale University — New Haven — Connecticut — EUA
- «Estudos Sedimentológicos»** — volumes 3/4 — Universidade Federal do Rio Grande do Norte — Natal — RN
- «Tempo Universitário»** — Revista de Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte — volume 2, número 1 — Natal — RN
- «Boletim Informativo do Centro de Estudos Portugueses»** — número 7 — Universidade de São Paulo — São Paulo — SP
- «Boletim do Instituto de Biologia Marinha»,** da Universidade Federal do Rio Grande do Norte — volumes 1 e 5 — Natal — RN
- «Como Fazer Versos»,** de Eno Teodoro Wanke — Rio de Janeiro — RJ
- «Neste Lugar Solitário»,** de Eno Teodoro Wanke — Rio de Janeiro — RJ
- «Poesia Livre»** — número 8 — Ouro Preto — MG
- «Ciência»,** revista científica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte — número 1 — Natal — RN

- «Diálogo», da Internacional Communication Agency — número 1, volume 14 — Consulado Geral dos EUA — Rio de Janeiro — RJ**
- «Revista Universidad Pontificia Boliviana» — número 126 — Medellín — Colômbia**
- «Humanidades», da Universidad de San Carlos — fascículos 1-8 e 9-18 — Ciudad Universitaria — Guatemala**
- «Flor de Extremos», de Wilson Alvarenga Borges — Rio de Janeiro — RJ**
- «A Propósito do Palavrão», de Eno Teodoro Wanke — Rio de Janeiro — RJ**
- «Filosofia Remastigada», de Eno Teodoro Wanke — Rio de Janeiro — RJ**
- «Symposium» — Revista da Universidade Católica de Pernambuco — volume 22, número 2, 1980 — Recife — Pernambuco**
- «Revista da Faculdade Salesiana», número 29, 1979 — Lorena — SP**
- «Courier du Centre International D'Études Poétiques», números 143 e 144 — Bruxelas — Bélgica**
- «Cuadernos Hispanoamericanos», Revista de Cultura Hispânica, números 372 e 373 — Madrid — Espanha**
- «Chasqui», Revista Latinoamericana de Comunicacion — do Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (CIESPAL), número 1, 1981 — Quito — Equador**

ALGUMAS CRITICAS A REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG

CARTAS

«...poemas e contos. Palavras de amor, de gente, de mundo. Transbordando emoções...»

Ivani Borges de Araújo — Belo Horizonte — MG

«... Deslumbrada com a beleza dos contos e poemas... destacar «O Punhal é uma Flor Vermelha», de Francisco de Moraes Mendes... pela alta qualidade literária, demonstrando um domínio único da técnica narrativa, em fundo e forma... parte de Ensaio enriquece sensivelmente o nível dessa extraordinária Revista Literária...»

Enalda Anunciata Bertoldi — Capetinga — MG

«... é com grande prazer e satisfação que leio cada uma de suas páginas... estar sempre a par das novas tendências literárias...»

Gisleyne Campanile Campestrin

«... felicitando-o pelo esforço heróico de editar uma Revista Literária...»

Jorge Azevedo — Belo Horizonte — MG

«... grande prazer intelectual... grande produção intelectual do corpo discente... parabéns...»

Eticar Kuhn — Franca — SP

«... só podemos elogiar este trabalho que nos delicia...»

Ivan Lage — Belo Horizonte — MG

«... parabéns pelo excelente trabalho de divulgação da nova literatura brasileira...»

Sérgio Amaral Silva — Bela Vista — SP

«... RL, como de hábito, excelente...»

Roberto Pereira Medeiros — Rio de Janeiro — RJ

«... gostaria que este belíssimo trabalho fosse divulgado ainda mais em outras escolas da UFMG...»

Antônio Humberto Almeida — Belo Horizonte — MG

«... esta importante Revista Literária...»

Rafael Alves Machado — Belo Horizonte — MG

«... pois o conteúdo tem melhorado de número para número, e sempre para melhor. Parabéns e continuem...»

Paulo Sérgio Saturnino — Belo Horizonte — MG

«... o grande alcance literário da RL...»

Amabile Madalena Rosignoli — Belo Horizonte — MG

«... curto muito esta revista...»

Anderson Aurélio Silva — Belo Horizonte — MG

«... imensa satisfação em receber a RL...»

Aparecida de Bastos Ventura — São Paulo — SP

«... a Revista Literária que muito aprecio...»

Lilavate Izapovitz Romanelli — Belo Horizonte — MG

«... parabéns a todos vocês... ótimo seria se todas as universidades brasileiras tivessem uma publicação desse tipo e com um nível tão elevado quanto ao da RL...»

Roberto Silva — Natal — RN

«... RL que já conhecia de nome. Ela veio me comprovar o que outros já insistiam em me dizer: além da divulgação de textos, ainda promove o interesse em ler e escrever. Desempenha realmente o papel de uma revista literária de Universidade. Foi uma grande alegria conhecer um trabalho feito neste teor...»

Salomão Gomes — Brasília — DF

«... a preciosa Revista Literária... de extrema utilidade...»

Célia Cristina Cestari — Batatais — SP

«... poucas iniciativas desta escola são comparáveis à Revista Literária, em termos de incentivo ao movimento literário...»

Laudimiro Almeida Filho — Belo Horizonte — MG

«... felicidade imensa de receber a RL... exemplo de esforço e perseverança... torço para que esta Revista continue a alegrar os escritores e a todos os privilegiados que a recebem...»

Lucina Maria de Araújo — Matozinhos — MG

«... parte de nosso acervo e tendo o mesmo pelo seu conteúdo grande apreciação por parte de nossos alunos e professores...»

Instituto de Educação do Paraná — Biblioteca — Curitiba — Paraná

JORNALIS

«... RL 15 tem se revelado das melhores publicações universitárias do País...»

Suplemento Literário do Minas Gerais — 11-07-81 — Belo Horizonte — MG

«... ótima apresentação gráfica, a publicação RL é valorizada pelas ilustrações. O leitor nela encontra minutos de distração, lendo a variedade dos trabalhos...»

Abdala Mameri — Jornal Botija Parda — 19-07-81 — Araguari — MG

«... RL publica trabalhos literários de alta qualidade, destacando-se os nomes de alguns autores já consagrados...»

Jornal Estado de Minas — 15-07-81 — Belo Horizonte — MG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



IMPrensa UNIVERSITÁRIA

Caixa Postal 1.621 — 30.000 Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

Edição da

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

